

OS JOVENS DE PORTO ALEGRE: DA ESCOLA PARA A CIDADE



VICTOR HUGO NEDEL OLIVEIRA
ANDREIA MENDES DOS SANTOS



Os jovens de Porto Alegre: da escola para a cidade

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Presidente:

José Quadros dos Santos

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Reitor:

Evaldo Antonio Kuiava

Vice-Reitor:

Odacir Deonísio Graciolli

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:

Juliano Rodrigues Gimenez

Pró-Reitora Acadêmica:

Flávia Fernanda Costa

Chefe de Gabinete:

Gelson Leonardo Rech

Coordenadora da Educus:

Simone Côrte Real Barbieri

CONSELHO EDITORIAL DA EDUCUS

Adir Ubaldino Rech (UCS)

Asdrubal Falavigna (UCS) – presidente

Cleide Calgato (UCS)

Gelson Leonardo Rech (UCS)

Jayme Paviani (UCS)

Juliano Rodrigues Gimenez (UCS)

Nilda Stecanela (UCS)

Simone Côrte Real Barbieri (UCS)

Terciane Ângela Luchese (UCS)

Vania Elisabete Schneider (UCS)

Os jovens de Porto Alegre: da escola para a cidade

Victor Hugo Nedel Oliveira
Andreia Mendes dos Santos



© do autor
1ª edição 2021

Revisão: Izabete Polidoro Lima
Editoração: João Paulo Rates Rippel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

O48j Oliveira, Victor Hugo Nedel, 1990-
Os jovens de Porto Alegre [recurso eletrônico] : da escola para
cidade / Victor Hugo Nedel Oliveira, Andreia Mendes dos Santos. –
Caxias do Sul, RS : Educs, 2021.
Dados eletrônicos (1 arquivo)

Apresenta bibliografia.
ISBN 978-65-5807-072-6
Modo de acesso: World Wide Web.

1. Jovens - Porto Alegre - Educação. 2. Espaços públicos. I. Santos, Andreia
Mendes dos. II. Título.

CDU 2. ed.: 37-

Índice para o catálogo sistemático:

- | | |
|-------------------------------------|-----------------------------|
| 1. Jovens - Porto Alegre - Educação | 37-053.6(816.5PORTO ALEGRE) |
| 2. Espaços públicos | 712.25 |

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Ana Guimarães Pereira – CRB 10/1460



Direitos reservados a:

EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197

**Esta obra foi realizada a partir do fomento da Capes por meio de
bolsa.**

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
APRESENTAÇÃO	11
1 PALAVRAS INICIAIS	13
2 MARCO TEÓRICO: DA SOLIDEZ DOS AUTORES À FLUIDEZ DOS JOVENS E DAS CIDADES	19
2.1 As Culturas Juvenis: jovens e juventudes	19
2.2 A Cidade: espaços urbanos, espaços da vida	31
2.2.1 Espaço geográfico	32
2.2.2 O espaço urbano	33
2.2.3 Os conceitos de território e lugar	33
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: SABERES E FAZERES DA PESQUISA	49
3.1 Caracterização básica	49
3.2 Cenário da pesquisa	50
3.3 Sujeitos da pesquisa	51
3.4 Cuidados éticos	51
3.5 Procedimentos para coleta de dados	52
3.5.1 Questionário	53
3.5.2 Carta ao visitante	55
3.5.3 Observações em campo	59
3.5.4 Grupo focal	61
3.6 Procedimento para análise dos dados	63
4 RESULTADOS: JOVENS E CIDADES QUE NOS FALAM MUITO	67
4.1 Lugares nos quais encontrei os jovens urbanos	67
4.1.1 Escola A	70
4.1.2 Escola B	70
4.1.3 Comparativos entre as escolas A e B	71
4.1.4 Quem são os jovens da pesquisa?	72
4.1.5 Como comparar o incomparável?	79
4.2 Os jovens e sua cidade	89
4.2.1 Espaços dos jovens e a representação de Porto Alegre	89
4.2.2 Convergências e divergências encontradas	96
4.2.3 Outras percepções juvenis sobre a cidade	134
4.2.4 Os fluxos juvenis em Porto Alegre	153
4.2.5 Territórios e lugares	169
4.2.6 A cidade do medo também é a da esperança	180

5	PARA CONCLUIR ESTA OBRA: O QUE OS JOVENS ESCOLARIZADOS URBANOS TÊM A DIZER À EDUCAÇÃO?	189
	REFERÊNCIAS	198

PREFÁCIO

O convite para prefaciar o livro *Os jovens de Porto Alegre: da escola para a cidade* me emocionou e orgulhou muito!

Quem tem o privilégio de conhecer o acadêmico Victor Hugo Nedel Oliveira, seja pelas suas participações em eventos, pelos textos que escreve, pelas aulas que ministra ou, como eu, participando como orientadora de parte de seu doutoramento, reconhece a sua extraordinária contribuição marcada pelo rigor epistemológico, ético, estético e político para a constituição do campo voltado aos estudos e pesquisas das juventudes.

Victor é merecedor de meu profundo respeito, admiração e afeto, e o livro que ele agora entrega à comunidade acadêmica é uma oportunidade para refletir não somente acerca da forma como jovens estudantes, de duas escolas de Porto Alegre, percebem e vivem a cidade, mas ainda como essa vivência opera na constituição das identidades e subjetividades juvenis urbanas. De outra parte, o autor nos convoca a pensar acerca da ideia de espacialidade associada à de justiça social frente aos processos de segregação territorial, os quais marcam de forma indelével as juventudes contemporâneas. Para além disso, o texto cria as condições de possibilidade para que possamos entender os processos de resistência postos em movimento por jovens pertencentes às classes populares, com vistas a fazer frente às tentativas de forçar uma forma de circulação segmentada da cidade e dos espaços públicos. Ao longo de sua escrita, temos muitos elementos para pensar como contextos, espaços e discursos operam de forma estruturante na forma cotidiana de ser e estar dos jovens na cidade.

De forma arguta, Victor anuncia,

[...] é evidente o “abismo” formado as realidades da escola pública e escola privada. Percebo uma divisão que vai além do cunho econômico porque perpassa a gestão, os processos, os resultados de ensino aprendizagem, as diferenças culturais e sociais dentre tantas outras formas

que desnivelam jovens com anseios não tão distantes: ser alguém na vida

Assim, escancara a falácia do discurso de uma sociedade que apregoa teórica e ideologicamente os princípios da igualdade e da equidade.

O livro, resultado de uma pesquisa qualitativa, permitiu que, pela via dos questionários, fosse produzida uma primeira caracterização dos participantes do estudo. Tais achados, associados às deambulações sociológicas, às cartas e aos grupos focais, possibilitaram ao autor a experiência da escuta e o encontro com o outro, e a nós, uma maior intimidade com os seus interlocutores. Permito-me dizer que, ao dar voz aos estudantes, Víctor pode melhor perceber o que sua sensibilidade anunciava, e por essa via foi desatando as amarras que insistem em encapsular nossos pensamentos ao já sabido e autorizou-se a pensar às margens do já pensado. Sob esse aspecto, o que se destaca é a dimensão ética de seu estudo!

Nosso autor define, com rigor, conceitos-chave fundamentais ao seu estudo, de forma a sustentar, de forma muito articulada, seus argumentos. Um exemplo do que acabo de referir é a forma como explora o conceito de apropriação do espaço urbano, nodal em seu trabalho e produzido a partir da discussão dos conceitos de espaço geográfico, território e lugar.

A temática da violência urbana é trazida à cena e, nas aproximações entre os jovens das duas escolas estudadas, por diferentes caminhos e distintas perspectivas, a questão da segurança também constitui objeto de preocupação neste livro. Sobre esse aspecto, são tocantes as recomendações no final das cartas feitas pelos estudantes da escola A aos visitantes de Porto Alegre. O que ali se mostra, mais do que o medo de assaltos, é a dimensão do cuidado vivo, ativo com o outro, algo que, nem sempre, os estudantes dessa mesma escola experimentam na cidade que habitam.

Um aspecto muito forte neste estudo que podemos apreender no livro foi a escuta sensível e respeitosa à voz de

todos/todas/todes os jovens que dele participaram. O texto ressoa em nossas mentes e corações, “eu existo, eu circulo pela cidade, esta cidade também é minha”, escancarando a segregação socioespacial de muitas cidades e que se revela como um dos principais desafios para que as juventudes possam dispor de direitos e oportunidades de forma equânime.

Os leitores irão observar que Victor se movimenta com desenvoltura entre as referências teóricas e os dados por ele produzidos, dialogando com eles, pensando sobre eles e avançando para além deles. E, por esse exercício, foi possível sensibilizar para o fato de que as juventudes precisam ser entendidas como um conjunto social diversificado, organizado em função de diferentes pertencimentos, mas também em razão de distintas experiências, oportunidades, desejos, diálogos e repertórios.

Penso que os estudantes da escola A partilham os mesmos sonhos de seus colegas da escola B, como bem escreve Victor em sua apresentação do texto. Porém, no desenrolar de sua escrita, mostra mais que isso. Diferente dos muitos estudantes que frequentam a escola particular, os estudantes da escola pública, em sua quase totalidade, enfrentam dramas decorrentes de sua condição social, muito mais profundos do que os discursos postos em circulação pela sociedade do consumo conseguem capturar. Nessa busca, eles se apropriam das representações tidas e consideradas válidas e buscam construir estratégias de não exclusão, ainda que este diálogo entre as prescrições e as reais condições para atendê-las seja extremamente desigual.

De outra parte, e isso achei emocionante, o texto não coloca esses jovens em condição de subalternidade ou diminuídos em face aos seus colegas da escola B. A escuta atenta que sustenta a palavra enunciada por seus interlocutores permite mostrar que tamanha desigualdade fará com que esses mesmos jovens exercitem a sua criatividade no sentido de aproveitar o que conseguem ao mesmo tempo que inventam outras formas de representação que lhes autorize sentirem-se confortáveis em diferentes espaços pelos quais transitam.

Antes de terminar este prefácio, quero, com a permissão do Victor, agradecer a generosidade de minha colega Andreia, que com muita competência e ética deu continuidade à orientação da tese de doutoramento que deu origem a este livro.

Não por acaso, este livro chega às nossas mãos em um tempo em que colocamos em questão o que realmente importa neste mundo. E entre as possíveis respostas, certamente encontra-se o precioso valor do pensamento científico rigoroso, da ética, da solidariedade, do respeito à dignidade humana, do cuidado com o outro. E nessa lógica, qual seria o papel de um intelectual hoje?

O papel de um intelectual não é dizer aos outros o que eles têm de fazer! Com que direito o faria? Segundo Edwald (1984), o trabalho de um intelectual não é modelar a vontade política dos outros: é, através das análises que ele faz, nos domínios que são seus, reinterrogar as evidências e os postulados, sacudir os hábitos, as maneiras de fazer e de pensar, dissipar as familiaridades aceitas [...] e a partir desta reproblemática participar de uma vontade política).

Parabéns, Victor, honraste o compromisso de um intelectual. E mais, deste a ver o resultado do trabalho de um pesquisador rigoroso produzido por um questionador arguto dos lugares e territórios pelos quais transitam jovens estudantes de Porto Alegre. Com certeza, a forma inovadora como o tema foi abordado representa uma contribuição atual e relevante para os estudos e a consolidação do campo das juventudes.

Boa leitura!

Miriam Pires Correa de Lacerda
Primavera de 2021

APRESENTAÇÃO

A escrita deste livro não ocorreu de forma linear. As palavras que aqui se encontram não brotaram de forma tranquila. O que aqui se diz é fruto de uma investigação científica em nível de doutoramento, o que, por si só, pressupõe que muitos movimentos ocorreram para que se chegasse a este produto final. Quem são os jovens contemporâneos? Quais são seus anseios? O que reclamam? Por que são tão silenciados? Quais são suas relações com a cidade? Como se apropriam dos espaços urbanos? Essas são algumas questões que buscamos – e seguimos buscando – responder.

Nesta obra, as leitoras e os leitores encontrarão o cenário de uma cidade desigual. Não apenas desigual em seus desenhos, ruas, edifícios e bairros, mas também desigual nas formas como os sujeitos jovens por ela transitam, nela circulam e dela se apropriam. Se a realidade do país Brasil é rasgada por desigualdades, a forma com que jovens contemporâneos territorializam a cidade também o é. Ou não. Depende. É o que as leitoras e os leitores irão descobrir ao longo desta viagem pela Porto Alegre das juventudes.

No capítulo inicial, apresenta-se o tema da pesquisa que originou a presente obra e as inquietações do pesquisador em buscar esse campo epistemológico e ainda em construção, o que, naturalmente, aumenta o desafio investigativo. No segundo capítulo, são apresentadas as ideias dos principais autores que dialogaram com o pesquisador, a partir de ideias já debatidas e, ocasionalmente, atualizadas. No terceiro capítulo, são expressas as opções metodológicas e o desenho da pesquisa que foi realizada. No quarto capítulo, são apresentados os resultados da investigação, mostrando como a cidade pode ser excludente ou inclusiva, a depender da situação juvenil encontrada. No último capítulo, por fim, são apresentadas as considerações finais, a

partir de uma retomada da investigação realizada e com o apontamento para futuras propostas de pesquisa.

É nosso maior desejo que esta obra – distribuída gratuitamente – alcance o maior número de interessadas e interessados no tema das juventudes, de modo que o estudo aqui desenvolvido siga cumprindo com seu papel social de difusão dos conhecimentos científicos construídos na universidade.

Nossa admiração.

1

PALAVRAS INICIAIS

“O cientista não é o homem que fornece as verdadeiras respostas; é quem faz as verdadeiras perguntas.”

Claude Lévi-Strauss

O tema “Culturas Juvenis” é alvo de importantes discussões na sociedade contemporânea, uma vez que a juventude vem configurando-se como importante etapa da vida humana, que abarca constantes transformações e é, muitas vezes, reconhecida como o ideal da cultura, possibilitando, assim, diversas análises. Atualmente, no Brasil, 25% da população encontra-se na faixa entre 15 e 29 anos, cifra que representa mais de 52 milhões de brasileiros e brasileiras (BRASIL, 2010).

Conforme Feixa Pampols (2004), historicamente, a juventude vem deixando suas marcas, com o passar das distintas gerações. O estudo e a pesquisa sobre os jovens vêm ao encontro do entendimento do presente, com base no passado, visando a possibilidades de futuro. Não se estudam as juventudes unicamente para entender como tal grupo juvenil se comporta em seu tempo. A compreensão de quem é o jovem contemporâneo é empreendida pelos pesquisadores e agentes da mídia, que buscam, no padrão de consumo juvenil, maneiras de explorar o “espetacular” nicho de mercado formado pelos jovens.

Já no âmbito da educação, constato¹ a triste realidade de escolas que não dialogam com seus interlocutores: sujeitos-alunos-jovens. É crescente o número de pesquisas que apontam para a necessidade de contextualizar o ensino, haja vista que se

¹ Boa parte do texto desta tese foi escrita em primeira pessoa, não apenas por convenção do campo da educação, mas também por entender que as minhas experiências e práticas estão amalgamadas com os saberes constituídos e com os resultados e análises da investigação.

encontra em situação de distanciamento em relação às vivências dos jovens (WARTHA *et al.*, 2013; KATO; KAWASAKI, 2011; CALADO, 2012).

Ainda na esfera educacional, é evidente o “abismo” formado entre as realidades da escola pública e da escola privada. Percebo uma divisão que vai além das questões de cunho econômico, porque perpassa a gestão, os resultados, os processos de ensino-aprendizagem, as diferenças culturais e sociais, dentre outras tantas formas que desnivelam jovens com anseios de vida não tão distantes: ser alguém no mundo. Pesquisadores, como Cunha (1985) e Buffa (1979), já anunciavam em seus escritos o cenário das discrepâncias e dos desencontros entre as realidades pública e privada de educação, que, de acordo com Zibas (1997), pouco mudou. Assim, o tema “escola”, com suas discussões e seus debates, configura-se como importante campo de pesquisa e, inclusive, de militância social. De antemão, anuncio que a escola em si não se configura como objeto específico de pesquisa deste estudo. A escola, na presente pesquisa, corresponde ao cenário inicial no qual serão encontrados os jovens participantes do estudo, a partir de distintas realidades sociais, econômicas e culturais.

A cidade, por sua vez, constitui-se no espaço de vida social da maioria absoluta dos brasileiros, muitos deles jovens. Somando-se a essa informação, as pesquisas indicam que os jovens nascidos e crescidos no campo cada vez mais desejam mudar-se para a cidade, em busca de estudo mais qualificado, de melhores opções de trabalho e de uma perspectiva de mudança de vida. É na cidade que se estabelecem as relações das mais distintas formas: sociais, culturais, espaciais/topológicas, afetivas, entre outras. A cidade torna-se, então, cenário da sociabilidade da juventude contemporânea.

O urbano, para além do espaço do “concreto”,² da correria e da pressa, é igualmente o espaço no qual transações financeiras “bilionárias” são firmadas, pelo qual muitas pessoas se locomovem diariamente, e em que outras tantas empregam esforços e tempo em seus trabalhos, gerando produtividade e renda para si e para o país. Segundo dados do último Censo (BRASIL, 2010), aproximadamente 85% dos jovens brasileiros vivem em cidades. Nesse sentido, compreender a cidade e seus jovens é, de certa forma, compreender o movimento da sociedade contemporânea, pois entendo que é no espaço urbano que as relações sociais das juventudes se estabelecem em sua plenitude.

Para poder construir este trabalho, apresento a seguinte tese: **“Jovens de segmentos sociais distintos vivem/ocupam/desfrutam/territorializam a cidade ora de forma convergente, utilizando-a para encontrar-se, ora de forma divergente, não querendo se encontrar, inclusive”**.

A partir da tese, assumo como problemática para este estudo a seguinte pergunta de pesquisa: **“Como jovens escolarizados do Ensino Médio, em escolas regulares e de distintos territórios, percebem e vivem a cidade de Porto Alegre? E qual o sentido da cidade para a construção de uma identidade juvenil urbana?”**

Dessa forma, admito a responsabilidade de pensar em estratégias que também possibilitem uma discussão sobre quem é o aluno contemporâneo, quais são suas relações com o espaço urbano e como os espaços vividos são percebidos por ele.

Em um âmbito social, cabe ressaltar a vulnerabilidade à qual o jovem contemporâneo está exposto: perder sua

² Em uma leitura inicial, compreende-se o espaço urbano a partir das relações de concretude estabelecidas por Clark em 1991, ou seja, a cidade como espaço do concreto, do real, da existência; para, em um segundo momento, tratar dos fluxos que perpassam o espaço urbano e como a sociedade contemporânea se constitui.

identidade própria ao ser deliberadamente “catalogado” como uma fase de transição entre a infância e a vida adulta, ou ainda “atacado” pelo mundo adulto como “rebelde” ou “inconsequente”. Estudos sobre as juventudes põem em xeque essas supostas verdades, questionando-as e evidenciando a realidade presente nos jovens.

Ainda numa perspectiva social, a necessidade eminente de entender melhor quem é o jovem contemporâneo, o qual se encontra nos bancos escolares, verificar suas origens, o que vislumbra para seu futuro e suas realidades de vida, por exemplo, possibilita aos professores que melhor desempenhem suas atividades docentes, já que o planejamento parte de uma realidade conhecida. Ao constatarmos que as diferenças entre as escolas públicas e privadas existem e são gritantes, surge o questionamento que acompanha a referida constatação: seriam os jovens dessas duas realidades diferentes até que ponto?

Já no âmbito científico, cabe pôr em evidência a escassez de estudos que envolvam diretamente os dois grandes eixos que esta pesquisa propõe-se a trabalhar: culturas juvenis e cidade. Ao mesmo tempo, é importante lembrar que a presente pesquisa constitui um desdobramento dos meus estudos de mestrado (OLIVEIRA, 2015a), quando trabalhei sobre o tema das relações do jovem contemporâneo com o ensino da Geografia – minha área de formação inicial. Ao finalizar a então dissertação, muitas outras perguntas formularam-se, quando procuro buscar, neste espaço, possibilidades de respostas.

Igualmente, enquanto justificativa para a realização da pesquisa, no âmbito científico, é importante colaborar com os poucos e raros pesquisadores que trabalham com a temática das juventudes e a cidade, no campo da educação e no campo da Geografia. Encontrei um reduzido número de trabalhos, como será demonstrado no estado de conhecimento construído para o presente trabalho.

O objetivo geral da pesquisa foi “estudar os jovens escolarizados do Ensino Médio (EM) e analisar como as percepções e experiências urbanas contribuem em sua construção identitária”. E os objetivos específicos foram: “Identificar aspectos socioeconômicos, culturais e afetivos dos jovens participantes do estudo, contribuindo para os estudos sobre as juventudes; cartografar,³ por meio de levantamento próprio, os espaços da cidade pelos quais transitam os jovens de uma escola pública e os jovens de uma escola privada; dialogar, com os jovens participantes deste estudo, sobre suas percepções e vivências urbanas”.

³ Aqui se utiliza o verbo “cartografar” no sentido de realizar levantamento cartográfico próprio dos lugares citados pelos sujeitos da pesquisa, com fins de montagem de mapa específico para constatar e espacializar tais espaços. Sabe-se, igualmente, dos recursos metodológicos que a “cartografia social” oferece, por exemplo. Contudo, não é a isso que se propõe este trabalho.

2

MARCO TEÓRICO: DA SOLIDEZ DOS AUTORES À FLUIDEZ DOS JOVENS E DAS CIDADES

“Para nós, os grandes homens não são aqueles que resolveram os problemas, mas aqueles que os descobriram.”

Albert Schweitzer

O processo de elaboração desta importante etapa da investigação científica visa proporcionar ao pesquisador a constituição de um diálogo, de uma agenda de pesquisa entre os renomados autores da área de trabalho e suas ideias de pesquisa.

Para uma melhor compreensão dos eixos de análise a que a presente pesquisa se propõe, divide-se o referencial teórico nestes blocos: “As Culturas Juvenis”, “A Cidade” e “Os jovens na e da cidade”. O título propõe que o caminho conceitual seja trilhado: dialogar entre a denominada “solidez” dos autores, aqui pensada em seus conceitos consistentes, juntamente com a “fluidez” dos jovens e das cidades, visto que os três eixos centrais do marco teórico são fluidos no tempo e no espaço, como se acompanhará a seguir, levando a uma construção da temática final do marco teórico: jovens e cidade.

2.1 As Culturas Juvenis: jovens e juventudes

De acordo com Cavalcante (2009, p.19), é possível refletir que:

Uma caminhada pelo recreio em uma das nossas tantas escolas brasileiras permitiria ao leitor o desvelamento de diferentes imagens, uma gama plural de cores e sons, sentimentos, revelações e desejos, carinhos, enfim, grupos de jovens e suas múltiplas faces.

Não apenas ao caminhar pelos recreios das mais diversas escolas nas mais distintas realidades sociais do país e do mundo, mas também ao entrar em uma sala de aula, é impossível não contar com a presença deles. Estão à frente de seus professores, falam com linguagem própria, gesticulam, utilizam vestimenta particular, escutam música, digitam no celular: são os jovens contemporâneos. Há consenso entre os pesquisadores e pensadores da área de juventudes como Pais (2003), Dayrell e Carrano (2014), Feixa e Ferrándiz (2005), Margulis (2009), Martín-Barbero (2008), entre outros, de que, ao referir-se à temática das juventudes, sempre se utiliza a expressão no plural “juventudes” ou “jovens”, por exemplo. A explicação ou justificativa para tal fato encontra embasamento na medida em que se entende que não há a construção do conceito de “condição juvenil”⁴ sem que esta esteja associada ao senso de coletividade. O fenômeno de análise sociológica e antropológica “juventudes” também ocorre justamente pelo fato de estes indivíduos atuarem em conjunto.

Outra forma de entendimento da situação posta é a diferenciação básica entre os conceitos de “adolescência” e “juventude”, que, para sujeitos não pesquisadores do tema, podem parecer sinônimos. Dayrell e Carrano (2014, p. 109) já realizaram tal distinção, afirmando que:

Os conceitos de adolescência e juventude correspondem a uma construção social, histórica, cultural e relacional que, por meio das diferentes épocas e processos históricos e sociais, foram adquirindo denotações e

⁴ Cabe lembrar a distinção entre “condição juvenil” e “situação juvenil”, já apontada por Abramo em 2005, quando afirma que condição juvenil é “o modo como uma sociedade constitui significado a esse momento do ciclo de vida, que alcança uma abrangência social maior, referida a uma dimensão histórico-geracional”, e que situação juvenil “revela como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc.”.

delimitações diferentes. De uma forma genérica, podemos afirmar que, nesse contexto, a psicologia tende utilizar a noção de adolescência na perspectiva de uma análise que parte do sujeito particular e seus processos de transformação. Já as Ciências Sociais, em especial a Sociologia e a Antropologia, tendem a utilizar-se da noção de juventude se centrando nas relações passíveis de serem estabelecidas por sujeitos ou grupos particulares nas formações sociais, no processo de traçar vínculos ou rupturas entre eles.

Nesse sentido, percebo que juventude e adolescência não são conceitos antagônicos ou opostos. O que se diferencia é a lente com a qual se analisam os mesmos sujeitos. A psicologia os vê na singularidade, e a sociologia, na coletividade. Para tanto, criou-se o entendimento de que as juventudes, ao operarem na coletividade e igualmente serem analisadas em tal condição, constituem o que Feixa (1998a, p. 32) denominaria como “culturas juvenis”. A temática das culturas juvenis pode ser entendida a partir da relação de que:

Em um sentido amplo, as culturas juvenis se referem à maneira em que as experiências sociais dos jovens são expressas coletivamente mediante a construção de estilos de vida distintos, localizados fundamentalmente no tempo livre, ou em espaços intrínsecos da vida institucional. [tradução nossa]

Observa-se, nos estudos de Feixa (1998), que as culturas juvenis se formam na coletividade. Sabe-se também que existem importantes espaços não formais de aprendizagem e que os jovens se encontram em muitos outros espaços, como suas residências, o *shopping center*, o clube, a rua, enfim, elementos que, de alguma maneira, compõem o espaço urbano. Feixa (2004, p. 78) ainda complementa sua definição de juventudes como sendo

[...] uma fase natural do desenvolvimento humano que se encontraria em todas as sociedades e momentos

históricos, explicado pela necessidade de um período de preparação e amadurecimento entre a dependência infantil e a plena inserção social.

Essa fase de entremeio entre a infância e a inserção social,⁵ se definida em termos de escolarização, encontra seu encaixe no Ensino Médio, época escolar que varia, regularmente, dos 15 aos 17 anos de idade. Ao conceituar legalmente o “jovem” no Brasil, há o entendimento de que tal categoria trata dos sujeitos os quais possuem entre 15 e 29 anos (BRASIL, 2010), ou seja, os jovens escolarizados, em idade regular e matriculados no Ensino Médio encaixam-se plenamente em tal condição. Nesse sentido, alerta para o perigo em que se pode cair ao definir a juventude unicamente como um recorte etário, de um período com “regularidade”, o qual todo o sujeito atravessa em sua vida. De acordo com Dayrell e Carrano (2014, p. 111), é clara a noção de que:

A juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação social. De um lado há um caráter universal, dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária. De outro, há diferentes construções históricas e sociais relacionadas a esse tempo/ciclo da vida.

Para além de simplórias classificações numéricas, entendo que as juventudes dizem respeito a uma condição e a uma representação social. Os sujeitos atravessam esta fase etária e este momento da vida, porém dá-se o referido destaque de que existe uma construção histórico-social ao redor da categoria, existe um imaginário coletivo ao redor do que se pensa e se estabelece como “juventude”, pois todos os que já passaram por

⁵ O entendimento de inclusão social neste trabalho vai ao encontro do conceito trabalhado por Sasaki em 2003, que o define como a busca por tornar a “sociedade toda um lugar viável para a convivência entre pessoas de todos os tipos e condições na realização de seus direitos, necessidades e potencialidades”.

ela – independentemente da forma como transitaram – têm memória e guardam espaços de recordação em seu cérebro. Pensando nisso, esclareço a importância, a relevância e a complexidade por meio das quais a investigação no campo das juventudes se desenvolve. Rocha e Silva (2008, p. 127) reafirmam, ao escreverem sobre o tema da investigação no campo das culturas juvenis, que:

Investigar a cultura juvenil exige referenciais teóricos e metodológicos complexos. Segundo o princípio hologramático, que admite as partes no todo e o todo nas partes, a cultura juvenil reflete e extrapola as expressões culturais contemporâneas. Há expressões globais, universais e simultaneamente singulares em jovens das culturas mais diversas. Cada jovem é um complexo bioantropológico e biosociocultural, parte que expressa o todo que o contém e que, por sua vez, expressa essa parte, o que exige um aparato conceitual condizente.

O rigor acadêmico deve estar presente em toda e qualquer pesquisa, e, em se tratando de investigações no tocante às juventudes, esta máxima igualmente está posta. A fala das autoras anuncia/confirma que a complexidade do estudo das juventudes é inerente ao seu saber: por estudar uma categoria complexa, a teoria e o método são complexos por si só. E mais, dentro da relação complexa todo-parte, já disposta por Edgar Morin⁶ em diversos escritos (MORIN; LE MOIGNE, 2000; MORIN, 2006), as questões de culturas juvenis e cultura contemporânea são alvos importantes de análise e descrição. Na medida em que cada jovem integra o que se chama de cultura contemporânea ou, ainda, cultura global, a construção deste paradigma cultural vai impregnando o jovem de um determinado estado, de acordo com suas condições sociais,

⁶ Não se tem a pretensão, nesta tese, de discutir a Teoria da Complexidade, sistematizada por Edgar Morin. O que se realizou foi lembrar tal conceito, para melhor discutir as intermediações entre o jovem e a cultura.

econômicas e culturais próprias: localização, gênero, visão política, constituição familiar, etc.

A concordância que se observa na relação complexa jovem-cultura pode ser entendida igualmente pela faceta da globalização e do impacto que o consumo causa na vida dos sujeitos. Sabe-se que a mídia e a publicidade não medem esforços para atingir a juventude, uma vez que tal categoria constitui-se como importante nicho de mercado para infinitas marcas e empresas. Sob a ótica do processo de globalização, os jovens são alvos fáceis, uma vez que emprestam seus desejos aos desejos de consumo elaborados pela moda, por exemplo, mesmo que seja a moda própria de um grupo, e não o que se desfila nas passarelas dos principais centros no mundo. Culturalmente, o consumo também faz parte do mundo juvenil, mesmo em classes economicamente menos favorecidas, pois não necessariamente se consome com o gasto de moeda.

Lara (2008, p. 135) discute a temática do consumo cultural, incluindo as especificidades de que a relação tempo-espço igualmente imbrica esta prática, pois

uma noção de identidade juvenil percebida por meio da experimentação do consumo cultural e da concepção de mundo e de tempo está fortemente marcada pelo consumo como significativo instrumento na formação de uma identidade da categoria conceitual de juventude feita e realizada pelos seus agentes que com ela se identificam.

As condições locais de cada jovem colaboram em seus desejos ou escolhas no que se refere ao consumo cultural. Algumas formas de abordar e entender essa temática já foram apresentadas por Martín-Barbero (2008), quando afirmou que o idioma, a vestimenta, a tatuagem, os enfeites corporais, os modelos de corpo e a moda, por exemplo, são maneiras de empregar o consumo. Um jovem pode buscar falar outras línguas ou, ainda, querer vestir-se da maneira mais “descolada”

possível ou ditada pelos padrões de estética da moda internacional. O padrão socioeconômico não é empecilho, neste caso. Nos *shopping centers* mais caros e badalados das cidades e, inclusive, nos centros populares de compras – os “camelódromos” – encontram-se os mais variados tipos de produtos das marcas internacionais conhecidas, e só há uma pequena diferença: no primeiro, o produto é original e, no segundo, falsificado, ou “réplica”, como preferem denominar seus vendedores.

Ainda sobre consumo cultural, um ponto importante a ser destacado é a música. Parece que a juventude possui trilhas sonoras próprias. Por várias gerações, diferentes estilos musicais marcaram época, sendo o rock, por exemplo, um dos que mais transmitiram a noção de juventude ao longo do tempo, perpetuando-se até os tempos atuais como um dos estilos preferidos. Em se tratando da condição juvenil, a música vai muito além de simplesmente constituir-se como demarcação geracional ou simples passatempo, já que se pode ouvir música ao realizar outras atividades. Alinhando-se a Camarotti, Di Leo e Kornbilit (2007), é possível afirmar que a música, para o jovem, possui o importante sentido de identificação grupal, contribuindo com os alicerces de determinados grupos e reforçando padrões já estabelecidos por eles.

Caminhando ao encontro do que já foi exposto, para Dayrell e Carrano (2014, p. 117) é importante alertar que:

As práticas culturais juvenis não são homogêneas. As configurações sociais em torno das identidades culturais não se constituem abstratamente, mas se orientam conforme os objetivos que as coletividades juvenis são capazes de processar num contexto de múltiplas influências externas e de interesses produzidos no interior de cada agrupamento específico.

É possível constatar que as práticas culturais juvenis são heterogêneas e diversas ao observar, por exemplo, um recreio

de uma escola qualquer, como descrito no início deste capítulo. Em um mesmo espaço (escola), com uma mesma categoria de sujeitos (estudantes), em um mesmo período de tempo (recreio), constataram-se as mais diferentes práticas culturais associadas: alguns jovens estariam em pequenas rodas de conversa, outros praticando algum esporte, outros ainda estudando ou lendo algum livro, outros, por sua vez, caminhando para ver “qual é a boa” do momento, etc. Repare-se que a maior parte das práticas culturais associadas à juventude é realizada no coletivo e, ao mesmo tempo, de forma diversa.

As práticas culturais juvenis, sejam elas no espaço escolar ou fora dele – aqui entendido como cidade –, respeitarão, obviamente, as normas sociais impostas por cada agrupamento particular, como já destacado pelos autores do referencial teórico. Grupos de diferentes pertencimentos elaboram seus próprios rituais, usos e costumes, fator este que colabora no fortalecimento identitário de cada grupo. Já anteciparam Feixa e Ferrándiz (2005, p. 211), ao proferirem que:

Se a juventude é uma idade sem trégua, é também porque vive uma eterna batalha em posse de identidade social, uma batalha na qual não há descanso, pois não se trata de uma guerra de conquistas senão uma guerra de guerrilhas na qual devem utilizar-se todos os recursos materiais e simbólicos em que pese a ter a certeza de que a vitória somente pode ser moral. [tradução nossa]

Ao pensar no fato de as juventudes possuírem um estatuto próprio, com suas próprias questões, seus tensionamentos e problemas, as indagações acerca da identidade social⁷ emergem e provocam profundas reflexões não apenas para os sujeitos

⁷ O conceito de Identidade Social, de acordo com Senos (1997, p. 124), pode ser definido como “constituindo o conhecimento ou a consciência, por parte do indivíduo, de que pertence a certos grupos sociais, juntamente com o reconhecimento da significação emocional e valorativa de que essa pertença se reveste para o sujeito”.

jovens, mas também para a sociedade como um todo. A oposição aos mais velhos, muitas vezes travada como esta “guerra” mencionada pelos autores, enfatiza-se justamente na moralidade pela qual os jovens buscam e, ainda, pela necessidade de se instituírem enquanto sujeitos sociais ativos, ou seja, a luta é por reconhecimento, visto que as “armas” dos adultos situam-se no plano da moral, daí uma explicação para a rebeldia juvenil.

Nesse sentido, cabe lembrar que rebeldia, inquietação e inconformidade formam parte das culturas juvenis não só nos tempos de outrora, bem como nos jovens contemporâneos, os quais se encontram nas salas de aula da contemporaneidade. Sobre essa temática da inconformidade com gerações anteriores ou com o momento atual estabelecido, outro autor muito conhecido e admirado nos estudos de culturas juvenis, Pais (2003, p. 44), aponta que “as culturas juvenis definem-se por relativa oposição à cultura dominante das gerações mais velhas, como uma forma de ‘resistência’ à cultura da ‘classe dominante’, quando não mesmo a sua expressão linear”.

Igualmente, identificam-se a ambição e o desejo da eterna juventude. Capas de revista estampam corpos jovens, sabe-se que o jovem tem mais energia, o jovem consegue realizar mais tarefas ao mesmo tempo, o jovem está sempre em busca do novo, entre outros tantos atributos exclusivos da condição juvenil (KEHL, 2004). O processo de “juvenilização” da sociedade constitui-se justamente das formas pelas quais as características e valores ligados à juventude (como a energia e a estética corporal ou mesmo a busca do novo) são elogiados e até mesmo perseguidos pelo mundo adulto. Todos querem ser e parecer jovens (DAYRELL; CARRANO, 2014).

Caminhando para uma perspectiva mais histórica, observo, na história brasileira, que as juventudes normalmente foram grupo integrante, atuante, pensante e participante de

muitos movimentos sociais e políticos. De todas as formas, o aluno de hoje continua possuindo senso crítico de sua realidade. Para Caccia-Bava e Costa (2004, p. 63):

É com base nas referências históricas regionais que os jovens puderam ser identificados como protagonistas de distintos movimentos, que permitiram que fossem reconhecidos como grupos singulares, no interior da sociedade brasileira.

Os autores continuam ratificando esse histórico da juventude brasileira, ao escreverem que:

[...] a formulação de uma primeira síntese da história da juventude brasileira permitiu-nos identificar um traço constante que caracteriza os grupos e movimentos de jovens: a ingenuidade e a honestidade. A exposição das motivações e intenções culturais e políticas apareceu como traço marcante da condição juvenil, que rejeitaria o maquiavelismo como forma de ser dominante. (CACCIA-BAVA; COSTA, 2004, p. 111).

Nesse sentido, o jovem executa, de fato, algo para mudar sua realidade? Entra em cena, também, nesse momento, o papel da formação da escola, com o intuito de discutir os temas atuais da sociedade brasileira com os alunos. Verifiquei, por meio de levantamento de pesquisas próprio, que o jovem possui interesse em discutir, apropriar-se e entrar em ação, no que se refere aos temas políticos do país e do mundo. O histórico de lutas travadas pela juventude brasileira é exemplo disso. O que se apregoa é a necessidade da criação de espaços reais de discussão política para jovens, e a escola é um deles. A discussão deve ir além das utopias próprias idealizadas pelo jovem, pois é preciso que também pense em soluções a curto, médio e longo prazo, no sentido de proporcionar uma melhor qualidade de vida no local onde mora, nos espaços pelos quais transita, na cidade onde habita e no mundo.

Uma série de importantes instituições está em crise, nos tempos atuais (MARTÍN-BARBERO, 2008). A política passa por uma crise ética das mais fortes já constatadas, tanto no panorama nacional quanto no internacional.⁸ A escola passa por uma crise de metodologias: parece não estar atendendo às demandas de um mundo digital e em constante transformação. Por isso, a estabilidade necessária para o jovem não é encontrada em tais instituições, provavelmente dando ênfase à percepção de rebeldia da figura jovem.

No tocante aos “problemas” do jovem com sua escola, elucidado a origem de tal situação. Dayrell e Carrano (2014, p. 102) são claros ao afirmar que:

Queremos, para início de conversa, provocar reflexão de que esses e outros “problemas da juventude na escola” são muito mais uma questão de relacionamento entre os jovens e seus professores e entre os estudantes e a instituição do que um problema a ser equacionado.

Ou seja, não é o “setor escola” que está em crise, mas, sim, a forma como se chega aos jovens em termos pós-modernos. Evidentemente que não se trata de despejar a culpa do fracasso escolar, por exemplo, nos professores e gestores, os quais, diga-se de passagem, são “heróis da educação”. O fato é que as metodologias precisam ser revistas. Não há como manter atento um jovem aluno de 15 anos – e isso é dado da pesquisa da neurociência – por um período superior a 30 minutos sem que ele execute alguma situação na prática.

⁸ Para uma constatação sócio-histórica, aqui se fala da crise na democracia vivenciada pela sociedade brasileira, iniciada a partir do golpe político sofrido pela presidenta Dilma Rousseff em 2016 e a completa inversão de um plano de governo, inicialmente pensado para o povo e, na atualidade, pensado para os mais ricos. Igualmente, em nível internacional, em vários países, constatam-se restrições em relação à liberdade das pessoas, ataques terroristas, políticas antissociais, entre outros.

Várias pesquisas demonstram que o jovem gosta do espaço escolar; entretanto, parecem faltar estímulos para melhor participarem das aulas. Um exemplo é o relato de pesquisa de Rocha e Silva (2008, p. 129) que segue:

Demonstrando a importância da escola como eixo da experiência juvenil associado às relações interpessoais, 90% dos estudantes entrevistados informaram gostar de ir ao colégio ou à universidade pelo fato de poderem conversar com os amigos e/ou conhecer pessoas novas. O estudo não é prioridade fora do horário escolar.

A sociabilidade descrita pelas pesquisadoras é importante característica da presença juvenil nas escolas. O jovem gosta de estar na escola, gosta dos corredores, gosta da cantina escolar, gosta dos amigos. Mas, para estar neste espaço, do qual tanto gosta, ele acaba pagando um preço, a sala de aula. E isto não deveria ser assim, pois,

se a escola e a academia não servem para os jovens se informarem sobre seu futuro profissional, eles acabam resignificando tal regulador, transformando-o em secundário, ou seja, através delas os jovens poderão se informar sobre o repertório dos grupos de referência que, por seus êxitos, são os que devem ser imitados. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 15).

Visto isso, levanto os seguintes questionamentos: É normal um jovem escolher ser professor? Ou escolheria ser *designer* de *games*? Não desejo aqui elencar graus de comparabilidade entre profissões, nem exaltar uma em detrimento de outra. O mais importante é provocar a reflexão sobre o real papel da escola em relação ao sujeito jovem, e como esta instituição vem, de fato, dando conta de um jovem cada vez mais conectado, interligado e globalizado. A escola tem muito a dizer, o jovem tem muito a dizer, resta que os devidos e necessários espaços de escuta sejam construídos no coletivo.

Como já descrito anteriormente, a categoria “juventudes” é repleta de heterogeneidade, diversidade e múltiplas

constituições. Sobre cada aspecto tratado nesta parte do marco teórico da pesquisa (histórico, conceituação, características, identidade, escola), uma investigação completa poderia ser elaborada. A principal intenção deste tópico constituiu-se em alinhar o pensamento e a composição de um ideal de juventudes pelo qual a pesquisa transitará, formando, com os próximos tópicos (“cidade” e “jovens e cidade”), a base teórica da pesquisa.

2.2 A Cidade: espaços urbanos, espaços da vida

Para Margulis (2009, p. 88):

A cidade é comparável à língua, construída por múltiplos falantes em um processo histórico que dá conta de interações e de lutas pela construção social do sentido. A cidade, igual à língua, reflete a cultura: um mundo de significações compartilhadas. A fala pode homologar-se, no caso da cidade, com as práticas, os comportamentos, as ações, os itinerários, as transformações que vão construindo a cidade, os usos que seus habitantes fazem dela. [tradução nossa]

Em um primeiro momento, e já dialogando com Margulis, esclareço a necessidade do entendimento de que a cidade é um sistema vivo, e não unicamente um amontoado de equipamentos urbanos como edifícios, prédios, casas, ruas, postes, fiações, calçadas, etc. A cidade é um sistema vivo porque, por este sistema, transitam pessoas, água, carros, ônibus, trens, dinheiro, energia, esgoto, etc. Para cada indivíduo, a cidade possui um significado: para uns, um espaço para morar e trabalhar; para outros, um espaço de turismo; para outros, ainda, um espaço para transitar; e, para alguns, um espaço simples e nada mais. São muitas as definições dos significados que a cidade imprime em cada sujeito. O fato é que as cidades são construídas a partir das ações que cada indivíduo

nela realiza, seja pela moradia, seja pelo trabalho, ou pelo estudo, ou pelo trânsito.

Como se conceituaria, então, urbanização? Para essa indagação, encontro apoio autoral em Clark (1991, p. 61), o qual afirma que:

O desenvolvimento urbano é o processo de emergência de um mundo dominado pelas cidades e pelos valores urbanos. [...] A urbanização, por outro lado, é um processo social e não espacial que se refere às mudanças nas relações comportamentais e sociais que ocorrem na cidade, como resultado de pessoas morando em suas cidades.

Para que se possa construir o conceito de apropriação do espaço urbano, de maneira a dar sentido de como esta pesquisa o utilizará, faz-se necessária a constituição do entendimento de quatro conceitos importantes que, no conjunto, compõem o mosaico-entendimento da “apropriação do espaço urbano”. São eles: espaço geográfico, espaço urbano, território e lugar.

2.2.1 Espaço geográfico

É o objeto de estudo da ciência geográfica, definindo-se, assim, como o conceito máximo desta ciência. No espaço geográfico, estão contempladas as relações intrínsecas entre a natureza e a sociedade e suas conseqüentes modificações ao longo do tempo. Este objeto é definido por Santos (1996, p. 51), quando afirma ser este “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. Dessa forma, para poder compreender com melhor propriedade o espaço urbano, faz-se necessário o entendimento do que é o espaço, categoria mais abrangente, que inclui, então, os próprios espaços urbanos.

2.2.2 O espaço urbano

No entendimento de Clark (1991, p. 37), é definido como “uma unidade de análise consistindo em um conjunto de edifícios, atividades e população conjuntamente reunidos no espaço”. Então, estudar o espaço urbano é estudar os fenômenos sócio-físico-espaciais das áreas urbanas e suas relações com o mundo em constante construção, reconstrução e desconstrução. Fica clara a expressão do autor quando apresenta uma cidade não apenas como um sistema de objetos – edifícios –, mas também como um sistema de ações/movimentos – atividades e população. Assim sendo, podemos entender o espaço urbano pela lógica do próprio espaço geográfico.

2.2.3 Os conceitos de território e lugar

A noção de “Conceito de Território” deriva do entendimento de uma regra básica: território é a expressão de qualquer tipo de poder sobre qualquer tipo de espaço. Podemos entender o território como uma categoria de análise geopolítica, por exemplo, ou simplesmente como um conceito estruturante da geografia nas escolas. Haesbaert (2011) já nos aponta para muitas visões acerca da interpretação da categoria “território”. Seriam elas: materialista, naturalista, econômica, jurídico-política, idealista, integradora. O fato é que, em todas elas, a ideia de poder/apropriação sobre o espaço se faz presente, sentido que é ideal para a construção conceitual a que se propõe o presente estudo, na medida em que trato da apropriação dos espaços urbanos por jovens contemporâneos.

É uma maneira que se tem de interpretar o espaço – conceito maior e objeto de estudo – a partir das relações de identidade e pertencimento estabelecidas com o próprio espaço. Nesse sentido, pondero, para o estudo, que a identificação com

determinados espaços urbanos diz muito sobre os pertencimentos dos jovens *à e na* cidade. É importante aclarar que algum espaço que é lugar para determinado sujeito pode não ser para outro, abrindo a discussão dos espaços topofílicos (lugares de pertencimento), como já alerta Tuan (1980), e os espaços topofóbicos (de estranhamento). Nessa abrangência de conceitos, o lugar compõe-se, assim, da forma mais próxima que o espaço geográfico pode ser percebido pelos sujeitos.

As noções topológicas estão intimamente ligadas à cidade, visto que a cidade é, por natureza e excelência, um espaço. Entretanto, há que se pensar, igualmente, nas outras formas de análise para o espaço urbano, como já alerta Pais (2015, p. 77):

Associa-se urbanismo à territorialidade geográfica, mas esquecemos frequentemente essa outra dimensão das vivências quotidianas: o tempo. Ou seja, em questões de urbanismo, há muita reflexão sobre o espaço mas pouca sobre o tempo. Faz sentido pensar na dimensão cultural das nossas cidades sem contemplar os seus tempos e contratempos?

Ao refletir sobre a dimensão temporal do espaço urbano, Pais faz com que se pense, automaticamente, sobre juventudes e sobre as razões pelas quais o jovem contemporâneo urbano está em solo urbano, conferindo concretude a esta condição. Pensar nos tempos da cidade é, portanto, pensar nas diversas gerações que, com o passar dos anos, deixaram suas marcas na cidade, pois, segundo Pais (2015, p. 64):

A leitura que proponho para as dolências e indolências na cidade centra-se numa quotidianidade histórica, isto é, legada por várias gerações, cada uma das quais deixa marcas da sua passagem no modo como a cidade se revela.

O tempo provavelmente é um elemento em escassez na sociedade contemporânea. Tudo se faz para economizar ou render o tempo. A cidade não foge dessa lógica temporal. É

comum ouvir pessoas saudando-se: “Olá, como vai?”, e a resposta é direta, clara e dá o recado da contemporaneidade: “Bem, na correria!”. Tal pressa, rapidez, agilidade, presente no mundo contemporâneo, é replicada no modo de vida urbano, que é

dominado por um regime dromocrático (onde tudo é feito a correr), que se reflete no modo apressado como a cidade é vivida e olhada, o sentido da vida recupera-se no imaginário – no que um dia se poderá fazer para se assegurar a plenitude do ser. (PAIS, 2015, p. 77).

É de se pensar por que tantos e tantos cidadãos, das mais variadas cidades ao redor do mundo, pouco conhecem sobre sua cidade. A vida cotidiana tão apressada e corrida exime o sujeito de olhar para a cidade. Ao dirigir, olha-se para os sinais de trânsito e para a tela do celular, mesmo sendo ilegal manusear tal aparelho enquanto se conduz o carro. Ao andar de ônibus ou metrô, olha-se para seus pertences, no medo de ser assaltado ou roubado. Ao andar a pé, olha-se para os lados, certificando-se de quem está ao seu redor. Não se olhou para algo, não se olhou para a cidade. A partir desse ponto, criam-se diferentes imaginários sociais – e coletivos – sobre a cidade, no sentido de buscar completar a falta do olhar que não se teve, quando os olhos se fixaram em outros planos.

Dessa forma, uma opção teórico-metodológica fornecida e trabalhada por Pais (2015) é a sociologia do cotidiano: uma leitura do espaço “onde tudo passa sem que nada pareça passar”. Nessa perspectiva, afirma Pais (2015, p. 63):

A sociologia da vida cotidiana, pela sua capacidade de ler nas entrelinhas do social, encontra-se numa posição privilegiada para explorar essa leitura de cidade, tomando o presente em relação de vinculação com o passado e o futuro.

Assim, a temporalidade igualmente pode fornecer importantes subsídios para a constituição, a prática e o registro de uma sociologia do cotidiano das cidades, visto que a relação e a vinculação passado-presente-futuro é importante para o entendimento dos mais variados processos, incluindo-se os processos de urbanização.

Retomando as ideias do início deste tópico sobre a cidade, é importante ressaltar a organicidade que é inerente a tal espaço construído, como o espaço urbano o é. Nesse sentido, volta-se a afirmar, sob outro ângulo, que, conforme Margulis (2009, p. 92) salienta:

A cidade é também, e sobretudo, seus habitantes. A cidade expressa a cultura compartilhada por quem a habita. Não é somente objetos: edifícios, ruas, arquitetura, senão mais além do que estes vão dando conta das características culturais de quem os habita, é também o movimento, as linguagens, os comportamentos, as vivências e os modos de viver de seus habitantes. [tradução nossa]

Se for verdade que o movimento compõe a cidade e nela faz acontecer os processos urbanos já descritos, os jovens fazem parte desse movimento e, igualmente, integram e interagem com a vitalidade do espaço urbano. Quando se solicita para as pessoas descreverem uma cidade, elas relatam dois pontos fundamentais: as suas vivências espaciais – espaços pelos quais passaram e nos quais viveram situações e as suas percepções sobre a cidade – sobre espaços pelos quais nunca andaram, bem como a visão do todo da cidade, que é constituída pelo que escutam falar em seu círculo próximo, pela mídia e por outras pessoas. Dessa forma, não é possível afirmar que “fulano ou beltrano conhecem toda Porto Alegre”, por exemplo, visto que esta diversidade é praticamente impossível de ser conhecida em seu todo, como afirma Canclini (2008, p. 21) ao dizer que:

Cada habitante usa as zonas da cidade de que necessita e tem conjecturas sobre aquilo que não vê ou não conhece. A fragmentação das experiências registrada nos estudos sobre diversidade cultural urbana torna evidente que não há saberes totalizadores.

É o mosaico, então, das percepções e vivências urbanas que compõe a lógica da totalidade do entendimento sobre os diversos espaços urbanos existentes, assim como as comparações entre as cidades conhecidas pelos sujeitos são inerentes e fazem parte do processo de apreensão do estado de coisas urbanas. Por isso, há que se concordar com Margulis (2009, p. 90), quando trata da significância que os espaços urbanos imprimem nos sujeitos:

O espaço, as ruas, os edifícios e a paisagem urbana são significantes. Caminhar pela cidade leva consigo a possibilidade de receber e interpretar múltiplas mensagens que falam a seus habitantes, emitem sinais e intervêm nos comportamentos. [tradução nossa]

Tais percepções urbanas são constatadas nos estudos de Margulis e outros pesquisadores da área da sociologia urbana. Cada equipamento público, cada edifício urbano é um significativo, traz consigo uma história e imprime marcas no espaço e na vida de centenas de sujeitos, seja em qual cidade for. Rediscute-se, então, a importância de se caminhar pela cidade com o olhar atento, diferenciando “ver” de “olhar”: “ver” algo é passar os olhos, é passageiro, é uma visão instantânea; “olhar” algo é deixar que os olhos penetrem no que se enxerga e permitir que a vista fale por si, configurando marcas identitárias daquilo que se olha, e deixando a sua marca, mesmo que imaginária, no local de observação. As cidades emitem múltiplas mensagens e diversos sinais a seus habitantes e transeuntes, assim como sua forma de organização estrutural intervém direta e indiretamente nos comportamentos das pessoas.

O tema das cidades implica citar a questão – importante, real e preocupante – da violência urbana: fato este existente da menor à maior cidade do mundo. Abre-se um jornal qualquer, escutam-se notícias no rádio, assiste-se a um noticiário na televisão, ou, ainda, quando as próprias pessoas ou conhecidos próximos são alvos da violência urbana. De fato, a mídia, os meios de comunicação – e conseqüentemente a opinião pública –, construíram uma “cidade oculta” associada ao delito, ao tráfico e ao consumo de drogas, à violência permanente, na qual roubar e matar são moeda corrente (WALD, 2007, p. 151). Não há como negar este panorama.

A cidade constituiu-se, também, como espaço do crime, uma vez que as oportunidades para se cometerem delitos estão frequentemente presentes no dia a dia: basta estar na rua para ser vítima da violência, quando esta não se faz presente na própria casa das pessoas. Uma forma que diferentes cidades ao redor do mundo encontraram para se despirem desse medo foi construir, reformar ou adaptar as cidades com a finalidade de se tornarem cada vez mais espaços culturais. Canclini (2008, p. 19) deixa o questionamento: Estamos transformando as cidades mediante o conhecimento e a cultura ou convertemos as cidades em espetáculo cultural sem modificar as desordens estruturais?. E continua:

A espetacularização do social existe desde há séculos (missas, desfiles e outros ritos massivos), mas sua hipertrofia numa época de industrialização da cultura aumenta o risco de nos desviarmos da satisfação de necessidades sociais: no âmbito urbano, a redução da cidade a espetáculo se associa ao predomínio do marketing e à captação de investimentos sobre o sentido social dos bens materiais e simbólicos. (CANCLINI, 2008, p. 19)

Não é necessário que as cidades sejam espaço da denominada “espetacularização do social”, criticada pelo autor.

A presença de artefatos culturais possibilita a adesão da cidade a um movimento no qual todos queiram viver, transformando o ambiente urbano em um ambiente de cultura e, dessa forma, sendo uma interessante opção para a diminuição dos índices de criminalidade tão presentes no cotidiano urbano.

Como se constrói, então, uma cidade-cidadã-cultural? Encontra-se resposta ao se pensar nas diferentes formas de participação social, pois, na colocação de Heinrich (2008, p. 92):

Falar de novas sociedades urbanas inclui falar de novas formas de participação cidadã. Quanto mais diversificadas ficam nossas sociedades urbanas, mais o sistema parlamentar clássico de tomada de decisões chega a seus limites.

É necessário ouvir o cidadão – etimologicamente, aquele que tem os “direitos à cidade” – e fazer com que sua voz seja ativa e participante em uma sociedade cada vez mais desigual e diversa. Lara (2008, p. 138) aponta o tensionamento entre os diferentes segmentos da sociedade urbana, quando afirma que:

A natureza heterogênea da metrópole implica a coexistência de códigos e lógicas diversas, que são geradores de tensões e conflitos entre os diferentes segmentos e onde mundos díspares coexistem em espaços relativamente restritos. Essa realidade gera um espaço urbano com escalas ampliadas e uma heterogênea mobilidade material simbólica. Termina, ainda, sendo definidora de muros com velocidades diferentes que se entrecruzam no território físico e no espaço cultural.

Os “muros” presentes na cidade não são resultado unicamente do processo de urbanização ali presente. Tal situação é anterior e remonta às questões de ordem social e econômica da sociedade desigual como um todo. Bairros de classe alta possuem um ordenamento espacial muito distinto de bairros nos quais vivem pessoas menos favorecidas social,

econômica e culturalmente; nesse sentido, está a ótica de uma leitura de mundo pelo olhar e pela ação: é necessário estar com o olhar atento às questões que cercam os sujeitos, para pensar em estratégias de melhorias às populações. E, junto com Canclini (2008, p. 16), pode-se completar que:

Nos centros urbanos se dramatiza uma tensão-chave: entre as totalizações do saber que as descrições das ciências sociais duras produzem e as destotalizações que geram o movimento incessante do real, as ações imprevistas, aqueles ociosos ou fraturas que obrigam a desconfiar dos conhecimentos demasiadamente compactos oferecidos pelas pesquisas e estatísticas.

Não se quer, por fim, com a presente pesquisa, reduzir os conhecimentos sobre a cidade a um “conhecimento demasiadamente compacto”, como afirma o autor. A principal intenção, inclusive deste tópico de discussão teórica sobre a cidade, foi demonstrar as diferentes facetas pelas quais se pode interpretar a cidade, e, assim, à luz das diferentes e diversas formas de interpretação, pensar como os jovens lugarizam e territorializam sua cidade.

2.3 Jovens na e da cidade: amarrando conceitos

De acordo com Oliveira (2008, p. 235):

Eles são sua própria obra; ao espalhar suas assinaturas pela cidade, transformaram-se em personagens urbanos e dizem, por meio das suas escritas: “eu existo”, “eu circulo pela cidade”, “esta cidade também é minha”.

Ao apresentar os dois eixos conceituais iniciais da pesquisa, juventudes e cidade, pode-se compreender o quão interligados estão tais conceitos, uma vez que o entendimento dos usos-trânsitos juvenis no espaço urbano passam por uma filiação de identidade com espaços da cidade (conceito de lugar)

e por sentimentos de posse por espaços urbanos (conceito de território). É necessário, como enunciado, “amarrar os conceitos”, para que se possa, então, discutir não apenas sobre as juventudes na cidade, suas presenças, ações e conceitos, mas também as juventudes da cidade, suas apropriações, seus espaços, lugares e territórios.

A compreensão da ideia de espaço geográfico, o qual inclui por natureza o espaço urbano, e a possível identificação de diferentes territórios que se formam e se desformam a qualquer momento coloca o pesquisador frente ao fato do quão inquietantes tornam-se esses estudos, visto que, na opinião de Dayrell e Carrano (2014, p. 119), “os jovens tendem a transformar espaços físicos em espaços sociais, pela produção de estruturas particulares de significados”. O mesmo ocorre com a compreensão do conceito de lugar e as diferentes lugarizações que se estabelecem no espaço urbano pelos jovens contemporâneos, na medida em que serão citados, ao longo da pesquisa, os espaços de identificação.

As condições pelas quais os jovens se condicionam como tal categoria estão vinculadas tanto ao tempo quanto ao espaço. Temporalmente, é fato que a categoria “jovem” existe não só além de uma condição social, como também de um recorte temporal. Sobre a questão espacial de tal constituição, há que se lembrar que

as dimensões da condição juvenil [...] estão condicionadas ao espaço onde são construídas. Esse passa a ter sentimentos próprios, transformando-se em lugar, em um espaço do fluir da vida, do vivido, além de fornecer suporte e mediação para as relações sociais com sentidos próprios, o lugar como ancoragem para a memória, tanto a individual quanto a coletiva. (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 119).

Assim, as questões próprias já descritas no tópico anterior se fazem totalmente interligadas com o conceito de juventudes.

Espaço, lugar e território estão, dessa forma, diretamente vinculados a esta condição social que caracteriza as juventudes e, conseqüentemente, as culturas juvenis. O corpo, nesse sentido, constitui-se como primeira espacialidade experimentada pelo jovem na constituição de si, visto que, como aponta Cavalcanti (2015, p. 19), “observa-se em suas práticas que eles utilizam seu corpo para se apropriarem, por exemplo, da cidade, ou seja, para ocupar seus lugares e neles imprimirem suas marcas, produzirem seus territórios”.

Seguindo essa linha de entendimento, Cavalcanti (2015, p. 22) escancara a relação identitária dos jovens com seu espaço, ao afirmar que:

Os lugares na cidade são constituídos nas relações cotidianas, familiares, de vizinhança, de trabalho. Neles, as relações afetivas e subjetivas produzidas com e nos espaços compõem um modo de vida particular, em articulação com a dinâmica sócio-espacial global, com suas diferenças e desigualdades.

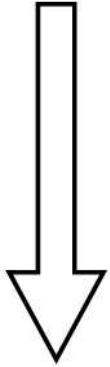
O lugar, nessa perspectiva, faz com que o jovem se sinta interligado de maneira mais afetiva com alguns espaços da cidade. Quando se pergunta a alguém “De qual lugar tu mais gostas?” faz-se uma indicação de vinculação ao espaço, ou seja, uma adesão pessoal positiva a ele. O lugar torna-se, então, um espaço de identidade, de pertencimento. A geografia escolar, em sua estrutura clássica, prevê uma espécie de construção da noção de lugar em vários momentos da formação escolar dos estudantes.

O aspecto que mais se destacaria, nesse sentido, é a própria estrutura do currículo de aprendizado da geografia, desde os anos iniciais até os anos finais do Ensino Fundamental, por exemplo. Nessas etapas da formação, o estudante trabalha com temas que partem de sua realidade

próxima até a realidade mais distante, conforme se percebe na organização curricular apresentada na sequência.

Figura 1 – Organização Curricular da Geografia na Escola Básica

Ano de estudo	Eixo estruturante na Geografia
1º ano – Anos Iniciais do EF	Casa, Escola
2º ano – Anos Iniciais do EF	Bairro
3º ano – Anos Iniciais do EF	Cidade
4º ano – Anos Iniciais do EF	Estado
5º ano – Anos Iniciais do EF	País
6º ano – Anos Finais do EF	Geografia Geral ²
7º ano – Anos Finais do EF	País
8º ano – Anos Finais do EF	Continente
9º ano – Anos Finais do EF	Mundo



Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Dessa forma, percebe-se a evolução de espaços trabalhados com os estudantes, desde o mais próximo – casa – até o mais afastado – os demais continentes do mundo. A construção da ideia de lugar, sob essa ótica, preconiza o aporte da relação próximo-distante e a construção da escala de análise local-global. O exemplo de relação curricular dado pela Geografia implica saber que os jovens constroem, como visto, a noção de pertencimento a determinado espaço também na escola. E por que a Geografia? Isso ocorre pelo fato de que é por meio desta disciplina específica, e justamente dos blocos de conceitos relacionados à Geografia Urbana, que tais noções se formarão.

Cavalcanti (2015, p. 22) continua abordando as relações de pertencimento, posse e poder dos jovens sobre os espaços, quando afirma que:

Os territórios são pedaços da cidade apropriados para que as práticas espaciais de determinados grupos se realizem, para que os lugares se configurem, a depender das relações de poder estabelecidas, sejam essas relações democráticas ou não, permanentes ou não.

O território, em uma leitura de jovens e da cidade, é entendido como o espaço de apropriação, de posse, de pertencimento. As distintas territorialidades urbanas demarcadas pelos jovens constituem-se em uma rede de espaços de posse, nos quais a cidade é cenário e partícipe ao mesmo tempo. Lugares e territórios, assim, fazem parte da constituição urbana dos sujeitos, em especial dos sujeitos jovens, como visto até então. Outros autores concordam com tal relação direta, jovens/cidade, na leitura do lugar e do território. Pires (2015, p. 170) é um exemplo, quando afirma que:

Sobre a questão da relação com a cidade, pode-se afirmar que a juventude é um dos grupos sociais para os quais o vínculo com o espaço urbano é mais intenso. Essa afirmativa se baseia em suas práticas espaciais (as cotidianas e as dos finais de semana), que resultam em estratégias concretas de uso e apropriação dos lugares, de territorialização.

Ainda é importante lembrar, em concordância com Pires, que as territorialidades urbanas e os lugares na cidade estão fortemente vinculados com a própria produção do espaço urbano, sendo os jovens partes integrantes fundamentais desse processo. Em conformidade com Cavalcanti (2015, p. 20), registro:

É importante considerar que os jovens são agentes do processo de produção e reprodução do espaço urbano, nele criam demandas, compõem paisagens, estabelecem relações (sempre abertas), imprimem identidades e dão movimento aos lugares, de acordo com seus diferentes modos de inserção, dependendo de sua condição socioeconômica, do gênero, etnia, opção religiosa, orientação sexual, e de sua vinculação aos diversos grupos ou “tribos” mais específicos.

Tais condições apresentadas pela autora, como questão econômica, gênero, etnia, opção religiosa, orientação sexual, por exemplo, são elementos que caracterizam justamente um fator importante constatado na categoria juventude e já explícito neste marco teórico: a diversidade. Trabalhar com o tema da condição juvenil implica apropriar-se e entender melhor como os processos sociais que envolvem os jovens podem ser compreendidos a partir de realidades tão diversas como as que se encontram neste campo.

No entendimento das relações de pertencimento e apropriação do espaço urbano, verificam-se as diferentes formas pelas quais os jovens “desenham” o espaço urbano, seja de maneira concreta, seja imaterial. Uma das primeiras apropriações materiais do espaço urbano por jovens diz respeito às marcas que são por eles deixadas na cidade, e o *graffiti* é uma delas. Caiafa e Sodré (2008, p. 250) já apregoavam que:

Marginalidade, informalidade, apuro estético, gratuidade, interação com a cidade e seus habitantes são alguns dos aspectos que particularizam o grafite e marcam sua diferença em relação aos outros elementos da comunicação urbana.

Tal interação com a cidade e seus habitantes pode ser verificada não apenas no contexto do *graffiti*, mas também em outros contextos urbanos, visto que há outras formas de apropriação de tal espaço. Segundo Dayrell e Carrano (2014, p. 119):

Existe também uma ampliação do domínio do espaço urbano para além do bairro, principalmente para os integrantes dos grupos culturais. É comum a realização de eventos como apresentações, shows, festas ou até mesmo reuniões, seja no centro da cidade, seja em alguma região mais distante.

Nessa perspectiva, há uma apropriação da cidade por parte dos jovens, por meio de eventos sociais, com objetivos claros: a integração e o conagraçamento das juventudes, de acordo com o que foi descrito pelos autores, como os shows, as festas, reuniões, sendo tais eventos realizados nos mais diversos pontos, ou em centros, ou em bairros específicos. Trata-se de uma forma de apropriação imaterial da cidade, ou seja, os espaços se cedem para a realização do encontro juvenil.

No caso desta pesquisa, o recorte geográfico adotado é a cidade de Porto Alegre, que se configura como um espaço muito rico para a coleta dos dados de observação, visto que:

Em Porto Alegre, são muitas as cenas juvenis que podem ser observadas em alguns pontos da cidade, principalmente aos sábados e domingos, quando, a partir de determinados horários, jovens pertencentes a diferentes culturas encontram-se para estarem juntos. (PEREIRA; GARBIN, 2009, p. 90).

Logo, há que se identificar tais espaços, na contemporaneidade, para, a partir de então, realizar as devidas observações e os respectivos registros. Em complementaridade com as análises das formas de apropriação do espaço urbano pelas juventudes, alerta para a demanda tecnológica da atualidade e como tais tecnologias vêm favorecendo alguns aspectos e desfavorecendo outros, no que se refere ao conhecimento da cidade pelos sujeitos. Se, em 2008, Silva já discutia não somente sobre novas percepções e concepções de corporalidade, mas também sobre novas práticas sociais e alertava para o importante papel que o celular desempenha na construção de imaginários, de identidades e do mundo social, atualmente este instrumento tem revolucionado o meio urbano, com aplicativos que localizam empresas, fornecem caminhos mais rápidos e adequados a motoristas, facilitam o encontro de quem busca por romance, etc. O mais interessante de tudo é que o cenário no qual isso ocorre é a cidade, e os mais adaptados às tecnologias são os jovens.

A relação dos jovens com sua cidade possui limitantes. Como já dito na subseção que tratou da “cidade”, a violência urbana é um problema de grande relevância no contexto atual, e, em concordância com Pires (2015, p. 171), é inegável que muitos espaços públicos, seja nos grandes centros urbanos, seja nas cidades médias e pequenas do país, foram “roubados” dos jovens em virtude do medo e dos riscos que eles impõem, sobretudo aqueles relacionados à violência, ao consumo e tráfico de drogas e ao trânsito caótico que marcam a vida urbana.

Sobre as percepções urbanas de jovens, há que se aclarar tanto os fatores positivos percebidos por estes sujeitos em sua cidade quanto os fatores negativos. Cavalcanti (2015, p. 24), em um estudo realizado em Goiânia, afirmou que:

Em sua experiência empírica, os jovens se relacionam com a cidade de modo a buscar nela a satisfação de suas necessidades mais imediatas. Nessa relação, em seus depoimentos, os jovens escolares aqui considerados demonstraram boa relação com Goiânia, destacam seus aspectos positivos – entre eles a beleza, a tranquilidade, o verde – e os negativos – a violência, o trânsito caótico, o deficiente transporte coletivo, a falta de espaços de lazer.

Para entender a relação do jovem com seu espaço urbano próximo, ou seja, sua cidade, é necessário realizar justamente esta etapa básica: verificar os aspectos de nível básico dos sujeitos, de como estes percebem a cidade, seus aspectos positivos e negativos, para, a partir daí, realizar análises mais densas.

Visto que a pesquisa envolve jovens estudantes, dirijo também o olhar para as relações destes com a escola enquanto espaço também a ser analisado. Nessa linha de pensamento, Dayrell e Carrano (2014, p. 119) auxiliam o entendimento ao refletirem acerca da

[...] importância de pensarmos o tema do espaço e do lugar no contexto escolar. Isso nos permite pensar a maneira como os jovens constroem e dão significado aos espaços, seja por meio dos locais que frequentam, dos

estilos de vida, da produção de culturas juvenis, dos padrões de consumo, das relações de poder, dos espaços de lazer ou por meio da sociabilidade. Permite-nos também pensar de que forma os espaços vividos, construídos e ressignificados pelos jovens influenciam suas escolhas e seus projetos de vida.

Alguns aspectos relevantes podem ser apontados, a partir da interpretação dos autores. O principal deles é a relação direta entre os significados que os jovens dão aos espaços vividos e as suas questões próprias da juventude, como o consumo, as relações de poder, o lazer e a sociabilidade juvenil.

O distanciamento social, por parte de alguns jovens, não se configura com o objetivo maior de se isolarem de tudo, mas sim para que estes possam se encontrar com seus grupos, suas tribos, que constituem coligações de referência mais próximas de seus ideais particulares e, conseqüentemente, após a identificação, grupais (PAIS, 2004). Tais “tribos”, por fim, podem ser encaradas como forma de romper a mesmice e o anonimato muitas vezes sentido na cidade, pois, conforme Pais (2015, p. 64):

A vida pública deixou de expressar como estilo de vida; a cidade passou a ter muitos modos de vida sem estilo. Exceção para algumas tribos juvenis que, pelo modo como se vestem e dão nas vistas, procuram romper o anonimato da cidade.

É sobre tal rompimento que a presente investigação busca tratar: como jovens de distintos segmentos sociais lugarizam e territorializam a cidade, a seus modos. A construção deste marco teórico possibilitou, nas três etapas, iniciar o diálogo com os principais pesquisadores e pensadores dos dois eixos centrais da investigação: jovens e cidade. Primeiramente, uma leitura sobre juventudes e suas múltiplas facetas foi realizada. Logo após, foi feito um panorama sobre as diversas formas de ler a cidade. Por fim, realizou-se a discussão específica sobre as relações já descritas na literatura clássica sobre o jovem e sua cidade.

3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: SABERES E FAZERES DA PESQUISA

*“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu,
mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre
aquilo que todo mundo vê.”*

Arthur Schopenhauer

Na afirmação de Eco (1977, p. 2): “A tese é sempre PhD, tese de doutorado, e constitui um trabalho original de pesquisa, com o qual o candidato deve demonstrar ser um estudioso capaz de fazer avançar a disciplina a que se dedica”.

O estudo buscou tratar das relações do jovem contemporâneo com a cidade, dados os diferentes contextos sociais das escolas públicas e privadas participantes da pesquisa. Caminhando na perspectiva apontada por Umberto Eco, quando se refere à originalidade da pesquisa, o presente trabalho visou, para além da relação entre os dois eixos centrais da investigação (jovens e cidade), a uma apropriação nova do conjunto de movimentos metodológicos descritos nesta seção da obra.

3.1 Caracterização básica

Esta pesquisa caracterizou-se como quantitativo-qualitativa. A primeira etapa, que envolveu a aplicação de um questionário virtual, caracterizou-se como quantitativa. Estudos quantitativos se diferenciam pela obtenção de resultados a partir de dados numéricos. No caso desta pesquisa, a obtenção de tais dados se realizou não apenas por meio da tabulação e das relações feitas a partir das análises das respostas do questionário já referido, mas também pela utilização dos indicadores produzidos pelos números para verificar o problema de pesquisa apresentado.

A segunda etapa deste estudo, na qual se realizou a escrita de cartas e o grupo focal, configurou-se como estudo qualitativo, uma vez que a atenção principal aos dados de pesquisa não se deu em relação aos números e porcentagens apresentados, e sim aos dados escritos e narrados pelos sujeitos e ao conteúdo ali expresso e contido.

O tipo de pesquisa é classificado como descritivo. Estudos descritivos se caracterizam por descrever o comportamento dos fenômenos, buscando encontrar informações a respeito de uma determinada questão (COLLINS; HUSSEY, 2005). Ao mesmo tempo que se trata de uma pesquisa descritiva, configurou-se como um estudo de caso múltiplo, ao analisar dois grupos distintos de jovens. Segundo Yin (2001, p. 32), “o estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

As técnicas de investigação foram definidas pelo doutorando e por sua primeira orientadora, levados em consideração os parâmetros adotados pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação – PUCRS e as normativas nacionais de ética na pesquisa.

3.2 Cenário da pesquisa

A pesquisa foi realizada em duas escolas de Porto Alegre, uma da rede pública e outra da rede privada, ambas no nível de Ensino Médio, para que fosse possível confrontar as percepções urbanas dos sujeitos jovens de cada espaço. A localização das escolas é no Centro Histórico de Porto Alegre, uma vez que neste contexto é possível encontrar jovens de diferentes regiões da cidade, os quais se deslocam para o Centro Histórico para estudar.

O Centro Histórico de Porto Alegre foi a primeira região da cidade a ser ocupada pelos cinquenta casais do arquipélago dos

Açores, quando da fundação de Porto Alegre, em 1772. Localiza-se no noroeste de Porto Alegre, às margens do lago Guaíba, possuindo uma densidade demográfica aproximada de 160 habitantes por quilômetro quadrado. Trata-se de uma área historicamente comercial, que passou por um declínio, devido à perda de parte de sua função residencial, ao aumento da criminalidade e à descentralização de vários empreendimentos. Atualmente, passa por um lento processo de revitalização, no qual a população é convidada a ocupar as áreas de lazer e circulação do espaço e, inclusive, voltar a morar na região.

Depois de aplicadas as primeiras etapas de coleta de dados com os sujeitos-jovens nas escolas participantes, o cenário da pesquisa tornou-se a própria cidade de Porto Alegre, na medida em que observações que foram feitas para a análise completaram os achados de pesquisa.

3.3 Sujeitos da pesquisa

O público-alvo da pesquisa, ou “sujeitos da pesquisa”, foi composto por estudantes do Ensino Médio das duas instituições citadas no tópico anterior, ambos com idades entre 15 e 18 anos, o que se enquadra nas concepções de jovens, dispostas pelas organizações internacionais, de que jovem é aquele que possui entre 15 e 29 anos.

3.4 Cuidados éticos

O trabalho demandou o envio não apenas à Comissão Científica da Escola de Humanidades da PUCRS, mas também ao Comitê de Ética na Pesquisa, em conformidade com a Resolução 510/2016 do CNS, pois se tratou do envolvimento de sujeitos menores de 18 anos. Para tanto, foram utilizados documentos que cancelam tal rigor ético: termo de consentimento, para os pais dos sujeitos; termo de

assentimento, para os sujeitos da pesquisa; e termo de anuência, para as escolas participantes da pesquisa. Os jovens foram convidados a participar do estudo e, caso não desejassem, sua opção foi respeitada. Houve devolução dos resultados aos espaços participantes da pesquisa.

3.5 Procedimentos para coleta de dados

O conjunto dos procedimentos para coleta e posterior análise dos dados é entendido como a abordagem dos multimétodos ou bricolagem (KINCHELOE, 2001; HANTRAIS, 2014; BAZELEY; KEMP, 2012).

Sobre a abordagem dos multimétodos, Oliveira (2015c, p. 142) aduz que:

É a mais rica opção metodológica quando voltada a responder às questões centrais de uma pesquisa, desde que contextualizada a partir de um enquadramento teórico-conceitual e adequada à especificação dos diversos aspectos do problema de pesquisa proposto, considerando a ressalva já feita de que diferentes métodos contribuem com diferentes tipos de dados e resultam em diferentes níveis de conhecimento acerca dos fenômenos sociais.

Nesse sentido, a amálgama entre os movimentos metodológicos da presente investigação configurou-se como abordagem multimétodos, na medida em que o conjunto das estratégias metodológicas adotadas possibilitou a leitura das relações dos jovens com a cidade em diferentes contextos.

Conforme os estudos realizados por Esteban (2010), quando se discorre sobre a temática da pesquisa qualitativa em educação, a pesquisa está prevista para ser executada em cinco etapas fundamentais, doravante denominadas “movimentos da pesquisa”, apresentados em linha geral no quadro que segue, sendo destacadas as principais operações metodológicas em cada movimento.

Quadro 1 – As principais operações metodológicas em cada movimento

	1	2	3	4
Movimentos da pesquisa	Questionário	“Carta ao visitante”	Observações em campo	Grupo focal
Operações Metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> - Elaboração do questionário - Aplicação do questionário teste - Revisão e montagem do questionário final - Aplicação do questionário oficial - Análise dos dados parciais 	<ul style="list-style-type: none"> - Escrita da “carta ao visitante”. - Análise dos dados parciais 	<ul style="list-style-type: none"> - Observações em campo - Análise dos dados - Montagem do grupo focal 	<ul style="list-style-type: none"> - Realização do grupo focal - Análise dos dados - Escrita do texto final

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Para que a construção desses movimentos seja coerente e reflexiva, alguns esclarecimentos cabem ser feitos sobre o que se espera de cada etapa da realização da pesquisa, aprofundando algumas discussões teórico-acadêmicas.

3.5.1 Questionário

Nesse movimento, foi realizada a aplicação de um questionário teste autoaplicável (via Google Docs) a ser aplicado em uma turma de cada escola escolhida para a pesquisa (pública e privada). Segundo Vieira (2009, p. 15), um questionário é definido como:

Um instrumento de pesquisa constituído por uma série de questões sobre determinado tema. O questionário é apresentado aos participantes da pesquisa, chamados respondentes, para que respondam às questões e entreguem o questionário preenchido ao entrevistador, que pode ser ou não o pesquisador principal. As respostas são transformadas em estatísticas.

A aplicação de questionários na pesquisa facilita a compreensão total e inicial da amostra de pesquisa, pois fornece ao pesquisador uma série de dados (numéricos ou escritos) sobre as variáveis solicitadas no documento. Para evidenciar a distinção entre os tipos de resposta de um questionário, de acordo com Vieira (2009, p. 31) faz-se necessário recordar que:

Se você vai construir um questionário, precisa saber distinguir respostas quantitativas, isto é, numéricas, de respostas qualitativas, isto é, obtidas por meio de palavras. Precisa, também, escolher se as respostas serão dadas nas palavras do respondente ou se serão oferecidas alternativas de respostas.

Portanto, é importante a reflexão sobre a própria elaboração do questionário, oportunizando ao pesquisador pensar a investigação como um todo, mesmo que na sua fase inicial. Sobre a elaboração do questionário, amparando-se em Hill e Hill (2009), recorda-se que é importante colocar uma pequena introdução no início do questionário, visando efetuar alguns esclarecimentos ao respondente e favorecendo o clima de cooperação com a pesquisa.

O questionário prévio, então, apresentou-se da seguinte forma, destacando-se que as perguntas 11 até 14 foram inspiradas no trabalho de Pires (2015), quando tratou de temática similar.

Após a sua elaboração, o denominado “questionário-piloto” foi aplicado em uma turma de cada escola. Os resultados deste questionário teste serviram como moldes para a continuidade da pesquisa, revisão e montagem do questionário oficial, que foi posteriormente aplicado nas turmas da mesma série/ano nos dois espaços de pesquisa (escola pública e escola privada).

O questionário foi aplicado em turmas de 2ª série do Ensino Médio nas duas instituições participantes da pesquisa. A

escolha por esta série se deu pelo fato de que o jovem já está concluindo sua etapa de formação na escola básica.

3.5.2 Carta ao visitante

Nesta etapa, após a análise dos dados do questionário, foi realizada a escrita da “Carta ao visitante”. Sobre o tema, definição e análise das cartas, encontrou-se apoio teórico em Bezerra (2003, p. 210), quando afirma que:

Analisando cartas em geral, reconhece-se que seu corpo permite variados tipos de comunicação (pedido, agradecimento, informações, cobrança, intimação, notícias familiares, prestação de contas, propaganda e outros), o que a faz afirmar que, embora sendo cartas, não são da mesma natureza, pois circulam em campos de atividades diversos, com funções comunicativas variadas: nos negócios, nas relações pessoais, na burocracia, no trabalho [...].

Neste movimento, os jovens escreveram uma carta para um visitante hipotético, considerando-se que este seria recepcionado por eles durante 24 horas em Porto Alegre. Para tanto, receberam um papel de carta contendo a seguinte inscrição: “Prezado visitante: hoje teremos 24h na minha cidade, Porto Alegre, e eu gostaria de lhe mostrar alguns dos lugares os quais eu gosto muito de frequentar, por isso [...]”. Os sujeitos, então, escreveram sobre os pontos da cidade os quais levariam o visitante para conhecer, não sendo a língua nenhum empecilho para que esta visita ocorresse. O modelo do “papel de carta” entregue aos sujeitos da pesquisa segue o indicado a seguir.

A metodologia de cartas compõe-se de etapa metodológica já descrita por Bastos *et al.* (2003); Sierra Blas (2002) e Pereira e Sarti (2010). Nos estudos citados, os autores utilizaram o recurso metodológico considerando as particularidades de cada situação. Da mesma forma, a metodologia de cartas a ser empregada neste estudo observou as particularidades e interesses a que se propõe.

Cabe contextualizar que o pesquisador e sua primeira orientadora já realizaram o estudo-piloto deste movimento metodológico, estudo este apresentado no Congresso Internacional da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, em Portugal, em 2016. No referido estudo, realizado unicamente com jovens estudantes de escola pública, foi constatado que, segundo Oliveira e Lacerda (2016, p. 1569):

Observaram-se, ainda, questões de desconhecimento de quanto tempo se levaria de um ponto a outro da cidade, como questões de desconhecimento do funcionamento dos espaços relatados, o que levou a acreditar que alguns jovens apenas ouviram falar nos pontos turísticos citados, sem nunca haverem estado nos mesmos.

Tais argumentos me levaram a investir na operacionalização deste movimento metodológico para a pesquisa de doutoramento. Isso se justifica pelo fato de que, por meio da escrita da carta, os sujeitos da pesquisa puderam demonstrar conhecimentos acerca de sua espacialidade sobre a cidade de Porto Alegre, para além da citação dos locais de interesse, conforme solicitado no questionário.

Nesse sentido, a ousadia de elencar tal processo, enquanto parte formadora das opções metodológicas deste trabalho, corrobora no ponto da originalidade do trabalho, para além do tema proposto – como já explícito e demonstrado no estado do conhecimento –, da área de recorte e, igualmente, da metodologia. Uma ideia que defende a realização de tal

instrumento pode ser encontrada em Camargo (2000, p. 205), quando cita que: “Assumindo as cartas como objetos nos quais estão imbricadas as práticas culturais, o desafio é rastrear os motivos, modos e procedimentos que configuram essas práticas escritas e inscritas”.

Ou seja, a carta constitui-se também como forma de rastreio das práticas culturais dos sujeitos da pesquisa, visto que tal elemento marca o lugar social de onde falam. Assim, para a pesquisa, tão importante quanto saber o que falam os sujeitos é saber de onde eles vêm.

No que se refere aos interlocutores da carta a ser escrita, para além do “visitante hipotético”, Camargo (2000) já orienta que também serão compostos por aqueles que a ela têm acesso quando publicada. Fizeram parte, ainda, aqueles que se inserem ou se interpõem no discurso de quem escreve, visto que os pesquisadores e os futuros leitores do trabalho também formarão parte deste grupo.

Por fim, nessa opção metodológica, Camargo (2000, p. 204) ressalta que:

Ao se rastrear e analisar o ato de escrever, vão emergindo modos como histórias de escrita que são registradas através da escrita de cartas, da correspondência no seu conjunto, do texto, dos procedimentos. Cartas que são datadas e por isso delimitam lugares e momentos particulares na história dos sujeitos e da cultura. Na emergência dessas histórias, sujeitos que escrevem e lêem cartas deixam sua marca, que podem indicar pistas para uma leitura da constituição do sujeito da escrita, na escrita.

Assim sendo, a escrita das cartas pelos sujeitos da pesquisa é uma forma de deixar suas marcas sobre como seria sua vida se, um dia, tivessem a missão de apresentar a cidade de Porto Alegre para um visitante. Tal registro ficará não só para a pesquisa, mas também para a posteridade.

3.5.3 Observações em campo

Levantados os lugares citados pelos sujeitos da pesquisa, tanto no questionário quanto na carta ao visitante, organizaram-se os espaços mais citados pelos jovens da seguinte forma: o espaço mais citado nas duas escolas pesquisadas (espaço em comum) e os espaços mais citados em cada escola, não se repetindo na outra (espaço divergente). O levantamento reforçou a ideia da tese proposta: “Jovens de segmentos sociais distintos vivem/ocupam/desfrutam/territorializam a cidade ora de forma convergente, inclusive se encontrando, ora de forma divergente, inclusive não querendo se encontrar”.

Realizado este levantamento, partiu-se para a fase de observações dos três espaços, a saber: a) espaço mais citado por jovens de ambas as escolas; b) espaço mais citado exclusivamente pelos jovens da escola pública; e c) espaço mais citado exclusivamente pelos jovens da escola privada.

Segundo Angrosino (2009, p. 56):

A observação pode parecer a mais objetiva das habilidades etnográficas, pois aparenta requerer pouca ou nenhuma interação entre o pesquisador e aqueles que ele ou ela está estudando. Temos de lembrar, no entanto, que a objetividade de nossos cinco sentidos não é absoluta. Todos nós tendemos a perceber coisas através dos filtros; algumas vezes estes filtros fazem parte intrínseca do método de pesquisa, mas algumas vezes eles são simplesmente projeções de quem nós somos: os preconceitos que vêm com nossos antecedentes socioculturais, gênero, idade, etc...

Dessa forma, a observação em campo é o ato de perceber as atividades e os inter-relacionamentos das pessoas no cenário de campo através dos cinco sentidos do pesquisador. Ainda segundo Angrosino (2009, p. 77), algumas habilidades são fundamentais ao pesquisador que realizará a observação em

campo: habilidades linguísticas; consciência explícita; boa memória; ingenuidade cultivada; habilidades para escrever. Nesse sentido, a observação em campo e seu registro configuram-se como complexa estratégia metodológica, a qual visa o estabelecimento de bons resultados, igualmente.

Quanto ao tema da rotina das observações, Angrosino (2009) afirma que existem cinco passos básicos para a realização de tal estratégia: a seleção do local; a observação em si; a tomada de notas; a formação de modelos; e a elaboração da teoria. Infere, ainda, que:

O ideal seria que a observação começasse no momento que o observador entra no cenário de campo, onde ele ou ela faz o possível para pôr de lado todos os preconceitos, nada considerando como evidente. (ANGROSINO, 2009, p. 56).

As observações em campo respeitarão o método de registro e análise conhecido como “Diários de Itinerância”, apresentado por Barbier (2007, p. 133) como o “bloco de apontamentos no qual cada um mostra o que sente, o que pensa, o que medita, o que poetiza, o que retém da uma teoria, de uma conversa, o que constrói para dar sentido à sua vida”. O diário de itinerância, segundo Barbier (2007) compõe-se, concretamente, de três fases:

- a) diário rascunho: no qual se escreve tudo o que se tem vontade de anotar no fervilhão da ação ou na serenidade da contemplação;
- b) diário elaborado: no qual se acrescentam informações mais detalhadas ao diário rascunho;
- c) diário comentado ou socializado: socialização do diário elaborado com o grupo e discussão (aqui, entende-se como o grupo de pesquisa, as reuniões de orientação e, inclusive, a defesa da tese).

Como os lugares observados foram lugares públicos ou de grande circulação de pessoas, houve a preocupação com o

cuidado ético em realizar tal procedimento. Nesse sentido, Angrosino (2009, p. 57) aponta que:

É possível, porém, observar gente em lugares públicos onde você como pesquisador simplesmente se mistura (p. ex., tomando notas sobre como as pessoas se sentam na sala de espera de um aeroporto ou em uma agência do Detran); não é necessário se explicar nem obter permissão das pessoas assim observadas.

Verificada essa importante afirmação, remonta-se ao entendimento de que, na sociedade urbana, os espaços públicos são o cenário ideal para a pesquisa. Isso ocorre porque representam um microcosmo da sociedade como um todo – densa, heterogênea e até perigosa (ANGROSINO, 2009).

Após a aplicação dos questionários oficiais, da escrita da carta ao visitante e das observações em campo, foi realizada uma densa análise dos dados encontrados, que permearam o entendimento dos jovens contemporâneos de Porto Alegre e sua relação com a cidade. De posse dos dados, foi realizada a condução de grupos focais, com alunos das duas escolas.

3.5.4 Grupo focal

O último movimento metodológico constituiu-se da realização de grupos focais com os sujeitos da pesquisa. Os alunos da escola pública e privada permaneceram separadamente, formando a seguinte organização e nomeação dos grupos focais, para melhor análise posterior:

GF1: Jovens alunos de escola pública;

GF2: Jovens alunos de escola privada.

O grupo focal tornou-se importante, nesta realidade de pesquisa, no sentido de realizar a “amarração” conceitual e teórica do que já fora constatado anteriormente com as outras etapas metodológicas. Possibilitou, também, esclarecer questões que ficaram abertas a partir das análises anteriores e realizar a

discussão complementar entre as duas amostras – base de pesquisa.

Sobre o grupo focal, Barbour (2009, p. 20) afirma:

O estímulo ativo à interação do grupo está relacionado, obviamente, a conduzir a discussão do grupo focal e garantir que os participantes conversem entre si em vez de somente interagir com o pesquisador ou “moderador”. Entretanto, também se relaciona com a preparação necessária ao desenvolvimento de um guia de tópicos (roteiro) e a seleção de materiais de estímulo que incentiva a interação, assim como as decisões feitas em relação à composição do grupo.

Nesse sentido, cabe ressaltar que tanto o roteiro prévio do grupo como possíveis materiais de estímulo à participação dos sujeitos (fotografias, vídeos, dados, etc.) foram elaborados e elencados após a realização das primeiras etapas da metodologia. Desse modo, a discussão realizada no grupo focal foi direcionada para os tópicos desejados, justamente após a referida análise.

A rotina de trabalho com o grupo focal consistiu no convite para os jovens sujeitos de cada escola pesquisada, que compuseram a amostra nas etapas anteriores, para participar das discussões. Tudo foi gravado em áudio, posteriormente gravado em papel e, junto com as anotações do pesquisador, compõem o *corpus* de análise desta etapa. Sobre as gravações das conversas do grupo focal, torna-se importante lembrar que:

Discussões dinâmicas nas transcrições de grupos focais são geralmente caracterizadas pela ausência na voz do moderador. Saber quando não intervir é, em si mesmo, uma habilidade – e uma habilidade adquirida a duras penas. (BARBOUR, 2009, p. 138).

Respeitando-se esse entendimento, houve o esforço necessário para que a discussão fosse a mais frutífera possível e que houvesse a menor intervenção possível por parte do pesquisador, de maneira a tornar os resultados do grupo focal

mais orgânicos em sua essência. Ainda é importante ressaltar que todos os comentários feitos durante os grupos focais foram altamente dependentes do contexto e contingentes às respostas dos membros do grupo, às contribuições dos outros e à dinâmica daquele grupo em particular (BARBOUR, 2009), ou seja, as constatações ali inferidas dizem respeito a uma parte de um todo, a qual compõe este todo, mas está cercada de suas especificidades locais.

Por fim, de posse de todos os dados encontrados, foi escrito o texto final, articulando-a não apenas com as leituras realizadas, mas também com a prática docente contemporânea.

3.6 Procedimento para análise dos dados

No entendimento de Bardin (1977, p. 34), a análise do conjunto dos dados se dá com o auxílio de princípios da “Análise de Conteúdo”, tendo a clareza de que pode ser “uma análise dos significados (exemplo: a análise temática), embora possa ser também uma análise dos significantes (exemplo: análise léxica ou de documentos”.

A análise de conteúdo, de acordo com a autora, organiza-se em três polos cronológicos:

- a) pré-análise: fase de organização do material, seleção dos documentos a serem utilizados, composição do *corpus* de análise;
- b) exploração do material: “operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 1977, p. 101);
- c) tratamento dos resultados obtidos e interpretação: refinamento e comprovações dos resultados encontrados, com posterior interpretação, análises e considerações.

Elenco quatro categorias *a priori*, para a análise dos dados:

- a) o jovem por ele mesmo: nesta categoria inclui-se a caracterização do jovem a partir de suas falas. O que é

- ser jovem hoje? É um questionamento a ser respondido pelos próprios sujeitos da pesquisa;
- b) a cidade pelo jovem: aqui se pretende apresentar um panorama da cidade a partir da leitura do jovem. Como eu vejo Porto Alegre? Dessa forma, se terá a percepção urbana dos jovens participantes;
- c) apropriação urbana pelo jovem: diretamente relacionada com o conceito de território, esta categoria visa entender e analisar as relações de poder sobre o espaço urbano estabelecidas pelos jovens participantes do estudo;
- d) identidade urbana juvenil: relacionada com o conceito de lugar, esta categoria pretende analisar as relações de pertencimento e identidade com o espaço urbano.

Quadro 2 – De relação: objetivos – eixo teórico – tipo de pesquisa – procedimentos metodológicos

OBJETIVO	EIXO TEÓRICO	TIPO DE PESQUISA	PROCEDIMENTO METODOLÓGICO
Identificar aspectos socioeconômicos, culturais e afetivos dos jovens participantes do estudo, contribuindo para os estudos sobre as juventudes.	Culturas Juvenis	Quantitativa	Questionário
Cartografar, por meio de levantamento próprio, os espaços da cidade pelos quais transitam os jovens de uma escola pública e os jovens de uma escola privada.	Culturas Juvenis Apropriação do Espaço Urbano	Quantitativa – Qualitativa	Questionário Carta ao Turista Observação
Dialogar, com os jovens participantes deste estudo, sobre suas percepções e vivências urbanas.	Culturas Juvenis Apropriação do Espaço Urbano	Qualitativa	Grupo Focal

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Foi a amálgama das estratégias de coleta e análise dos dados que possibilitou o entendimento da complexidade das juventudes que se apresentavam, mais uma vez, para mim. A escolha dessas estratégias e suas aplicações demonstraram que a pesquisa sobre e com os jovens escolarizados urbanos contemporâneos carece de um cuidado e rigor metodológico especiais, de maneira a seguir na busca constante pela captura dos movimentos desses sujeitos.

4 **RESULTADOS: JOVENS E CIDADES QUE NOS FALAM MUITO...**

“Descobrir consiste em olhar para o que todo mundo está vendo e pensar uma coisa diferente.”

Roger Von Oech

Ao apresentar a tese de que “Jovens de segmentos sociais distintos vivem/ocupam/desfrutam/territorializam a cidade ora de forma convergente, utilizando-a para se encontrar, ora de forma divergente, não querendo se encontrar, inclusive”, acredito que as primeiras informações, enquanto resultados da pesquisa, devam ir ao encontro de seções da própria pesquisa em si, para que, desta forma, construa-se a ideia da pesquisa e suas comprovações, obtidas a partir dos dados coletados, das análises desenvolvidas e das próprias inferências por mim construídas ao longo deste processo.

Início tais apresentações colocando, então, o que seriam os “segmentos sociais distintos” a partir das escolas – uma pública e uma privada – nas quais fui buscar os jovens sujeitos da pesquisa. Por questões éticas, não divulgarei os nomes das escolas, realizando, a partir deste espaço, a sua caracterização, nomeando-as, respectivamente, como “escola A”, a escola pública, e “escola B”, a escola privada. Ressalto que, em alguns dos dados apresentados, foi necessário generalizar os índices, a fim de que as instituições continuassem em seu respeitado anonimato.

4.1 Lugares nos quais encontrei os jovens urbanos

Com o objetivo de caracterizar o campo, início apresentando os lugares por onde esta pesquisa deambulou, nos

quais encontrei os jovens urbanos, sujeitos do estudo. O início da pesquisa ocorreu em duas escolas – uma pública e outra privada – da cidade de Porto Alegre. A principal justificativa para a escolha deste recorte espacial, conforme apresentado nas opções metodológicas da pesquisa, foi pensar em um espaço de convergência entre os jovens participantes do estudo, o que, nesse caso, pode ser entendido como as atividades de estudo.

Igualmente, pensou-se em um espaço “neutro” da cidade, no qual fossem, hipoteticamente, atenuadas as discrepâncias já conhecidas entre as realidades das escolas públicas e privadas no Brasil. Dessa forma, também foi possível aproveitar os fluxos dos jovens ao transitarem pela cidade para chegarem às suas respectivas escolas, bem como todas as discussões que desse enfoque nascem: meios de locomoção, percepções urbanas a partir dos trânsitos pela cidade, espaços de pertença, etc.

Igualmente, pensou-se em um espaço “neutro” da cidade, onde, apesar das discrepâncias já conhecidas entre as realidades das escolas públicas e privadas do Brasil, os jovens ocupassem a centralidade do fazer e do pensar, considerando a escola este lugar, em que vivem/ocupam/desfrutam/territorializam jovens estudantes. As duas escolas que colaboraram neste estudo encontram-se no bairro Centro Histórico da cidade de Porto Alegre, dentro da elipse vermelha, de acordo com o mapa que segue.

Figura 3 – Mapa de localização aproximada das escolas participantes do estudo



Fonte: Google Maps (2019).

Além de observar-se a privilegiada localização da região, foi possível não somente conhecer e entender os fluxos dos jovens ao transitarem pela cidade para chegarem às suas respectivas escolas, como também todas as discussões que desse enfoque nascem: meios de locomoção, percepções urbanas a partir dos trânsitos pela cidade, espaços de pertença, etc. Ainda que as escolas não sejam o foco do estudo, é essencial compreendê-las no contexto de pesquisa e, para isso, apresento a caracterização de ambas, a partir de informações coletadas, bem como “das lentes” deste pesquisador, quando em interface com a empiria.

4.1.1 Escola A

A “escola A” é uma escola pública que possui mais de 1000 alunos, divididos em menos de 50 turmas. O Indicador de Nível Socioeconômico – INSE –, os dados do SAEB (2017) e do IDEB (2017) não foram disponibilizados na página do Ministério da Educação, a partir do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). Em 2018, a escola A teve uma média arredondada de 535 pontos no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), ficando após a 35^a posição das escolas de Porto Alegre.

Foram elencadas duas turmas de 2^o ano do Ensino Médio para participarem da pesquisa, das quais quarenta e dois jovens aceitaram fazer parte da coleta dos dados. É bem verdade que nesta escola o número de alunos por turma é mais reduzido do que na escola B, mas nela encontramos jovens que se locomovem por longos trajetos pelo fato de terem a escola como lugar de trânsito entre a casa e o trabalho (estágio) no turno inverso ao turno de aulas.

4.1.2 Escola B

A “escola B” possui mais de 2000 alunos, divididos em mais de cem turmas. Foram elencadas duas turmas de 2^o ano do Ensino Médio para participarem da pesquisa, das quais sessenta e oito jovens aceitaram tomar parte da coleta dos dados. É bem verdade que nesta escola o número de alunos por turma é muito superior ao da escola A. É sabido, igualmente, que é prática da mantenedora da escola B organizar as turmas de Ensino Médio com número limite de alunos permitido em Convenção Coletiva do Sindicato dos Professores do Ensino Privado do RS (SINPRO/RS), que, em 2017, era de quarenta e quatro alunos por turma. O Indicador de Nível Socioeconômico – INSE – é o nível 6, o mais alto entre todos os níveis analisados

pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). Apresenta IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), para o ano de 2017, de 7,0 (sete pontos) e índice do SAEB (2017) de mais de 7,0 pontos. Em 2018, a escola A teve uma média arredondada de 655 pontos no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), ficando entre as cinco primeiras posições das escolas de Porto Alegre. A identificação com a rede e a proposta desta escola privada faz com que a família opte por se deslocar pela cidade, na busca do projeto pedagógico da instituição.

4.1.3 Comparativos entre as escolas A e B

É importante destacar que a presente pesquisa não é um estudo sobre escola, mas tem seu ponto de partida nela a fim de verificar os movimentos juvenis em relação à cidade. Utilizei duas escolas, uma pública e uma privada, em um espaço próximo na cidade de Porto Alegre, para, justamente, encontrar os jovens de “segmentos sociais distintos”, como proposto na tese sustentada.

A escola, portanto, configura-se como espaço de construção de identidade, pertencimento, autonomia, cidadania. O principal tópico comparativo entre elas é que ambas atendem ao nível de escolarização investigado, mas se opõem (às vezes) frente às demandas sociais agregadas à juventude. Uma acolhe jovens trabalhadores, por exemplo, enquanto a outra acolhe filhos-do-lar.⁹

A partir da coleta e análise dos dados desta diferenciação, o espaço da pesquisa passou a ser a própria cidade de Porto Alegre. Porém, para que tal percepção de jovens pertencentes a “segmentos sociais distintos” pudesse ser efetivada, construí o quadro comparativo que segue, com dados das suas escolas, as

⁹ Sobre os jovens que provêm de famílias de alto poder aquisitivo.

quais serviram como base para a captação dos jovens participantes da investigação.

Quadro 3 – Comparativo entre as duas escolas do estudo

Denominação	Escola A	Escola B
Tipo de escola	Pública	Privada
Número de alunos	Mais de 1000	Mais de 2000
Número de turmas	Menos de 50	Mais de 100
Indicador de Nível Socioeconômico – INSE	Sem dados	Grupo 6 (o mais alto)
Turmas para pesquisa	2	2
Número de Sujeitos da pesquisa	42	68
IDEB (2017)	Sem dados	7,0
SAEB (2017)	Sem dados	Mais de 7,0
ENEM (2018)	535 pontos	655 pontos
Posição ENEM 2018 (Porto Alegre)	Após a 35 ^a posição	Entre as 5 primeiras

Fonte: Ministério da Educação – MEC (2019).

Partiu-se das instituições escolares para “olhar” as juventudes na cidade; portanto, a escola surge como este espaço de captura dos jovens para a investigação que, posteriormente, passa a ser a cidade de Porto Alegre.

4.1.4 Quem são os jovens da pesquisa?

É de suma importância a caracterização dos participantes da pesquisa, para que a análise e interpretação dos dados de uma investigação adquiram maior sentido; dessa forma, é

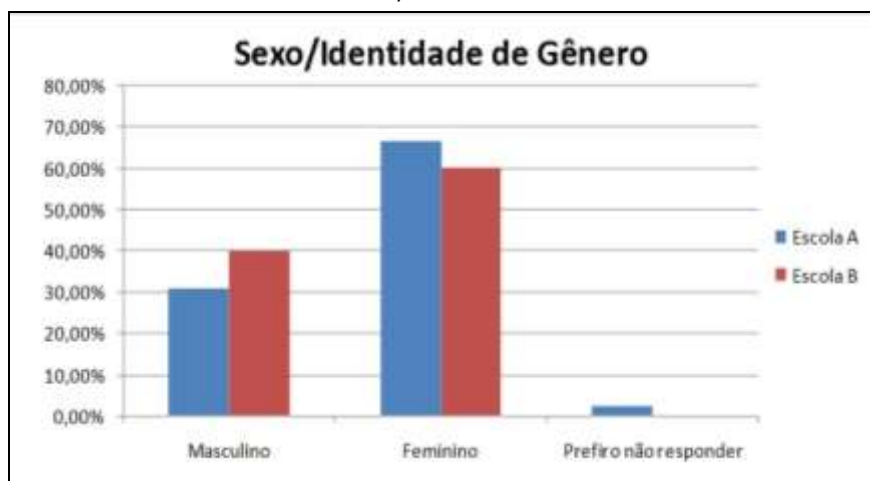
possível observar os dados coletados a partir da perspectiva dos sujeitos que se disponibilizaram a participar da investigação. Nesse sentido, ao encontrar os sujeitos desta pesquisa em dois espaços distintos da cidade de Porto Alegre (Escola A – Pública e Escola B – Privada), mas no mesmo recorte espacial (Centro Histórico), também é de fundamental importância caracterizar tal amostra quanto aos aspectos fundamentais de gênero, idade, local de nascimento e convivência, por exemplo, e, ainda, realizar as devidas análises de conjuntura que distinguirão os sujeitos jovens participantes do estudo em relação aos aspectos socioeconômicos e culturais.

Em ambas as escolas, a maioria dos sujeitos da investigação foram jovens do gênero feminino (66%/N=28 na escola A e 60%/N=41 na B). Tal aspecto refere-se à identidade de gênero/sexo,¹⁰ cuja composição vem diretamente ao encontro da interpretação de vários dados da pesquisa que decorrem na sequência das análises e interpretações, visto que as percepções da cidade destacadas por jovens mulheres têm particularidades em relação àquelas que seriam apontadas, em suma, por jovens homens, como, por exemplo, o grande destaque para a questão da segurança/insegurança ou violência urbana. É sabido, de acordo com os dados do Atlas da Violência (2019), que há uma percepção de que as metrópoles brasileiras,

¹⁰ Inicialmente, para a confecção do questionário da pesquisa, havia utilizado a expressão “sexo” para questionar aos jovens sujeitos sobre o que seria, na verdade, sua identidade de gênero. É importante deixar tal mudança/alteração em destaque para formalizar que os estudos de uma tese de doutorado também permitem ao pesquisador deslocar pontos de vista e construir novos aprendizados, sejam esses no campo da investigação em si ou no campo da política, inclusive. A opção por colocar, na escrita final, a categoria “identidade de gênero” decorre desse tipo de deslocamento do investigador.

em geral, possuem altos índices de violência;¹¹ igualmente, sabe-se não apenas que as mulheres são, de maneira mais acentuada, alvos de atos agressivos, dado que os índices de violência contra elas vêm aumentando exponencialmente, mas também que o cenário dessas formas de violência é, em sua maioria, a cidade. A seguir, encontra-se o gráfico representativo da composição da amostra quanto à identidade de gênero/sexo.

Gráfico 1 – Sexo/Identidade de Gênero



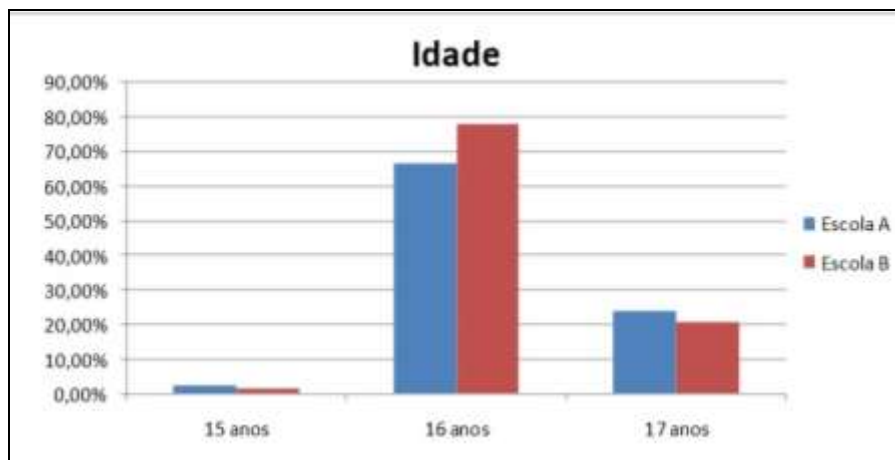
Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Sobre a idade dos participantes do estudo, constatei que a massiva maioria se encontrava na faixa dos 16 anos, em ambas as escolas. Esse dado revela que a maioria estava na relação adequada de seriação-idade, visto que os jovens convidados

¹¹ A grande mídia colabora de maneira fundamental para a percepção da sensação de insegurança nas cidades, principalmente a partir da veiculação dos índices de violência urbana através de seus meios de comunicação, com grande destaque para programas de cunho sensacionalista, os quais são capazes de veicular por horas a fio casos intermináveis de homicídios, latrocínios, entre outros nas grandes metrópoles.

para participar do estudo eram, nos dois espaços, do segundo ano do Ensino Médio.

Gráfico 2 – Idade



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Poucos foram os jovens com 15 anos (dois na escola A e um na escola B), que teoricamente estariam “adiantados” em relação à sua seriação ou que ainda não haviam completado 16 anos quando da coleta dos dados iniciais da pesquisa. Constatei uma parcela baixa de jovens com 17 anos, porém não inexpressiva. A primeira hipótese que levantei sobre jovens com 17 anos no segundo ano do Ensino Médio seria a reprovação; entretanto, em 2017, quando da coleta de dados, estava-se concluindo a mudança curricular de inserção do 9º ano do Ensino Fundamental. Nessa perspectiva, a maioria das escolas estava em processo de adaptação em relação à nova realidade, o que também gerou descompasso na medição dos dados de comparativo idade-série escolar. Todavia, mesmo se sustentando a hipótese de que alguns desses jovens com 17 anos estivessem no segundo ano do Ensino Médio devido à reprovação, é possível inferir que a taxa ainda assim é baixa.

Quanto ao local de nascimento dos jovens participantes da investigação, verifiquei que a grande maioria, tanto na escola A quanto na escola B, nasceu em Porto Alegre (na faixa dos 80% aos 90% para as duas realidades). Menos de 10%, em ambos os

espaços, afirmaram ter nascido em outras cidades do estado do Rio Grande do Sul ou em outros estados do Brasil.

Gráfico 3 – Local do nascimento



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Este é um dado igualmente importante a ser examinado e destacado, visto que, ao analisar as relações de pertencimento urbano dos jovens participantes da investigação, o fato de que a maioria nasceu na própria cidade, que é o cenário maior da pesquisa, reverbera em considerar que, de alguma forma, a cidade de Porto Alegre (RS) já vem deixando marcas nos sujeitos, mesmo que adormecidas,¹² desde a constituição de si de tais sujeitos, passando pelas infâncias e chegando, então, às juventudes. O fato

¹² É importante destacar que, ao final dos estudos de doutorado, aproximei-me, de maneira muito singular, dos estudos da psicanálise, não com a pretensão de utilizá-los como conceitos fundantes da investigação ora relatada, mas, inicialmente, como *hobby*. O fato é que não posso deixar de lado as preciosas ideias propostas por Freud, o pai da psicanálise, uma vez que as estudei. Dessa forma, entendo que, mesmo que os sujeitos da investigação não tenham relações claramente perceptíveis com Porto Alegre, ainda assim é possível encontrar, de alguma forma, relações proximais com a cidade no subconsciente dos jovens. Esse é, entretanto, outro estudo que não seria comportado no espaço/tempo desta tese de doutoramento, mas que muito me interessaria conduzir, em um futuro não tão distante.

de grande parte dos jovens haver nascido na cidade, que será o foco de análise, implica aceitar que muitas das constituições, das percepções e dos entendimentos do que a cidade de Porto Alegre representa para eles são processos que não necessariamente se desenvolveram na juventude. Podem, certamente, ser processos que vêm sendo construídos desde a infância e reconstruídos na juventude dos participantes do estudo.

Outro dado que julguei ser importante integrar o questionário inicial da investigação era saber com quem os jovens moravam. Esse é um questionamento que poderia intervir diretamente na interpretação de dados importantes da investigação, especificamente sobre a formação das relações dos jovens com a cidade, a partir do núcleo familiar. Verifiquei que a maioria dos jovens informou morar com pai e mãe, havendo, entretanto, uma sobreposição dos dados em relação à escola B (privada), pois 70% desses jovens afirmaram morar com pai e mãe enquanto pouco mais de 50% dos jovens da escola A (pública) asseguravam a mesma condição. Em contrapartida, 30% dos jovens da escola pública afirmavam morar apenas com a mãe, sendo, nesta mesma categoria, enquadrados apenas 20% dos jovens da escola privada. Outras formas de moradia também foram elencadas, como, por exemplo, morar com avós, tios, outros parentes, conhecidos e até sozinhos. Nestas expressões, a escola A também foi maioria (20%), representando mais que o dobro da escola B.

Gráfico 4 – Mora com quem



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

A interpretação do dado sobre com quem os jovens participantes da investigação moram por si só já se vincularia com o próximo conjunto de dados (“Como comparar o incomparável?”), visto que é possível pensar que existem indícios de abandono parental por parte dos pais (homens), principalmente dos jovens da escola pública, levando em consideração que um número importante desses sujeitos afirmou morar apenas com a mãe ou com outros familiares, conhecidos ou até sozinhos. Não cabe, igualmente, nesta pesquisa realizar essa discussão – que estaria muito mais vinculada ao campo do serviço social, por exemplo. De toda sorte, os dados apresentados também adquirem importância em relação à estrutura familiar nas análises que ora são realizadas, já que toda informação que nos ajude a construir a interpretação de quem são os jovens participantes do estudo tem extrema importância para a investigação como um todo.

4.1.5 Como comparar o incomparável?

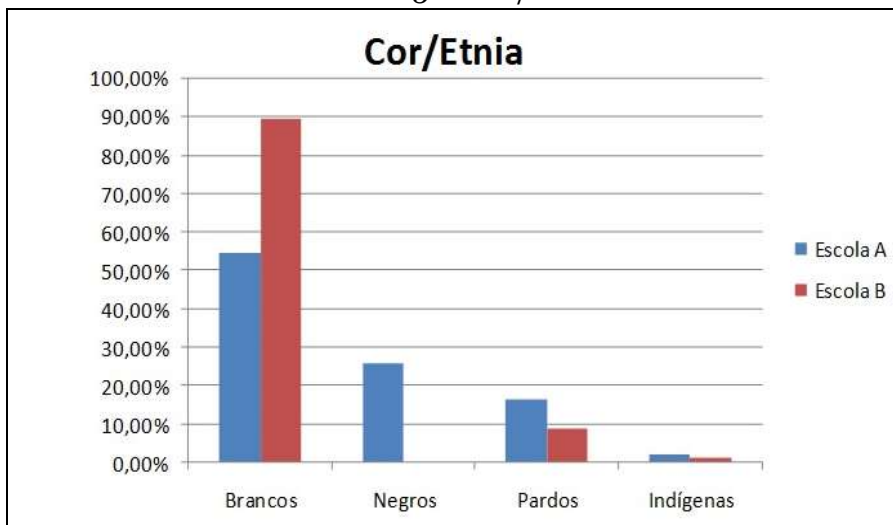
Para além das “incomparáveis comparações” entre as escolas que serviram de base para a “captura” dos dados iniciais dos jovens sujeitos desta investigação, alguns dados que colhi no questionário inicial da pesquisa apresentaram alto impacto

na corroboração da tese de que “Jovens de segmentos sociais distintos vivem/ocupam/desfrutam/territorializam a cidade ora de forma convergente, utilizando-a para se encontrar, ora de forma divergente, não querendo se encontrar, inclusive”.

Os “segmentos sociais distintos”, em destaque na pesquisa, mais uma vez puderam ser observados a partir das análises de dados como cor/etnia, renda média mensal familiar, grau máximo de instrução dos pais, meio de locomoção até a escola e constatação de recebimento ou não de algum benefício do Governo Federal por parte da família dos sujeitos. Já era previsível que os dados que serão apresentados e discutidos na sequência seriam discrepantes, uma vez que as realidades de jovens das escolas públicas e privadas no Brasil tendem a ser diferentes. Assim mesmo, ao colocar lado a lado os dados acima descritos, confesso que fiquei efetivamente perplexo com algumas discrepâncias tão altas e evidentes. Consegui comprovar que os locais de coleta de dados com os jovens não apenas são de “segmentos sociais distintos”, mas também evidenciam a extrema desigualdade social que vigora no Brasil contemporâneo.

Em relação à cor/etnia dos jovens participantes da pesquisa, 90% se autodeclararam brancos na escola B (privada). Nesse mesmo espaço, 9% se autodeclararam pardos e 1% se declarou indígena. Na escola A (pública), pouco mais de 50% se declararam brancos, 25% se declararam negros, e os 25% restantes se autodeclararam entre pardos e indígenas, como é possível observar no gráfico que segue.

Gráfico 5 – Cor/Etnia



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

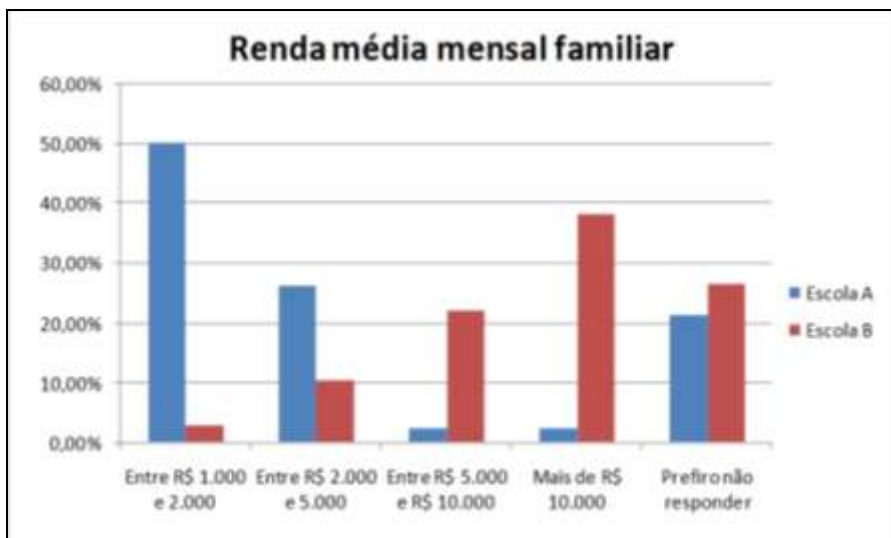
Chama a atenção o fato de que nenhum jovem da escola B se declarou negro. Esse é um dado da realidade, pois, ao transitar pelos corredores da escola privada em estudo, quando fui realizar as reuniões com os supervisores para apresentar o projeto da pesquisa, ou quando fui coletar os dados aplicando o questionário e quando fui realizar o grupo focal, não percebi nenhum aluno negro naquele espaço educativo. Há um recorte étnico presente nesse ponto: Não existem negros nas escolas privadas do Brasil? Em maioria, não, e este é mais um estudo que evidencia tal distorção social em nosso país.

É possível comparar a percepção da cidade de jovens brancos e negros? É possível comparar os espaços da cidade nos quais são autorizados os trânsitos de brancos e negros? Devido a essa razão, optei por nominar esse subcapítulo de “comparar o incomparável”. Apesar de não objetivar estudos comparativos, não cotejar as vivências urbanas de jovens brancos e negros, por

exemplo, seria ingenuidade por parte do pesquisador, uma vez que as balas perdidas normalmente são encontradas nos corpos dos jovens negros que moram nas periferias do Brasil (SCHERER, 2018). A necropolítica juvenil e o juvenicídio são temas cada vez mais evidentes não apenas na sociedade brasileira, mas também em toda a América Latina, região do mundo formada por países que foram vítimas dos processos mais ferozes do capital, os quais agora vivem as consequências desses processos (VALENZUELA, 2015).

Seguindo no campo das diferenças entre os “segmentos sociais distintos” dos jovens participantes do estudo, outro aspecto identificado diz respeito à renda média mensal familiar. Nesse sentido, recupero a observação de que jovens de ambas as escolas preferiram não responder quando chegaram a esta parte do questionário. Tal situação refletiu-se na porcentagem de jovens que optaram por não responder o questionamento de quanto seria composta a renda média mensal de suas famílias. Lembro-me, voltando um pouco mais no tempo, de que, quando fui elaborar o questionário para ser aplicado no estudo-piloto, estava um pouco receoso em questionar os jovens sobre a renda de suas famílias, temendo justamente o fato de ter que administrar algum inconveniente quando da coleta dos dados (OLIVEIRA; LACERDA, 2016). Minha então orientadora iluminou-me: “Colocamos as faixas de renda e registramos ‘prefiro não responder’, pois o silêncio também fala, e fala muito”. De fato, o silêncio falou. Por que jovens da escola privada não queriam responder sobre a renda de sua família? Por que jovens da escola pública não queriam responder sobre a renda de sua família, igualmente? A primeira hipótese a ser levantada seria porque não sabem ou não têm certeza sobre tais informações. É provável, todavia, ao analisarmos o “não silêncio”, ou seja, os dados “não silenciados” em si, que revelem a gritante discrepância.

Gráfico 6 – Renda média mensal familiar



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Ao categorizar as faixas de renda a partir do arredondamento do valor do salário-mínimo de R\$ 1.000,00, criei quatro faixas de valores: entre R\$ 1.000,00 e R\$ 2.000,00, ou seja, entre um e dois salários mínimos,¹³ entre dois e cinco salários mínimos, entre cinco e dez salários mínimos e mais de dez salários mínimos. Percebi uma clara inversão dos dados apresentados pelos jovens nos dois espaços de pesquisa: à medida que a renda média mensal das famílias dos jovens de escola pública decresce do maior para o menor, a renda média mensal das famílias dos jovens de escola privada aumenta do

¹³ Parti do princípio de que os pais dos jovens que trabalhavam ganhariam, pelo menos, um salário mínimo. Se essa coleta de dados fosse feita em 2019, por exemplo, tal presunção não poderia ser feita, visto que, a partir da chamada “Reforma Trabalhista” (que eu denomino de “uma reforma nefasta”), foi aprovado o chamado “trabalho intermitente” e, desde então, foi autorizado, no Brasil, que os trabalhadores pudessem receber menos de um salário mínimo, pois podem ser convocados a trabalhar “conforme a demanda” da empresa. Perde o trabalhador, ganha a empresa. Nada de novo na lógica do capital.

menor para o maior. Apenas nas pontas dos números, para se ter dimensão, constatei que, na primeira faixa adotada (entre um e dois salários-mínimos), 50% dos jovens da escola A assinalaram que suas famílias ali se encontravam e menos de 5% dos jovens da escola B ali estavam. Na última faixa de renda adotada (dez ou mais salários-mínimos), percebi que praticamente 40% dos jovens da escola B assinalaram que suas famílias ali se encontravam e menos de 5% dos jovens da escola A ali estavam. Trata-se de uma verdadeira inversão.

Uma questão que me ocorreu apenas nas análises dos dados e que não foi prevista tanto na confecção do questionário quanto na aplicação do estudo-piloto desta etapa metodológica foi de pensar no contingente de “desempregados” que poderia haver entre os pais ou responsáveis dos jovens participantes do estudo. Nessa lógica, poderia encontrar-se, por exemplo, uma parte da razão pela qual tantos sujeitos assinalaram “prefiro não responder” quando questionada a renda média mensal familiar.

Para além das discussões metodológicas, uma grande constatação evidencia-se. Ao considerar que existe uma enorme discrepância entre a renda média mensal familiar dos jovens das escolas A e B, fica evidente que as apropriações/percepções da cidade por parte desses dois grupos de sujeitos vão, em algum grau, ser diferentes, pois é perceptível que o acesso à renda pode possibilitar ou afastar o acesso a determinados espaços da cidade, sejam esses de consumo direto ou indireto, como será melhor evidenciado no subcapítulo seguinte.

O grau máximo de instrução dos pais também foi questionado aos jovens participantes da investigação e, novamente, verifiquei outro dado que evidencia tratar-se de sujeitos de “segmentos sociais distintos”. Na escola B (privada), mais de 50% dos jovens afirmaram que os pais possuem pós-graduação; no entanto, esse marcador é evidenciado em menos de 10% dos pais dos jovens da escola A (pública).

Gráfico 7 – Grau máximo de instrução dos pais



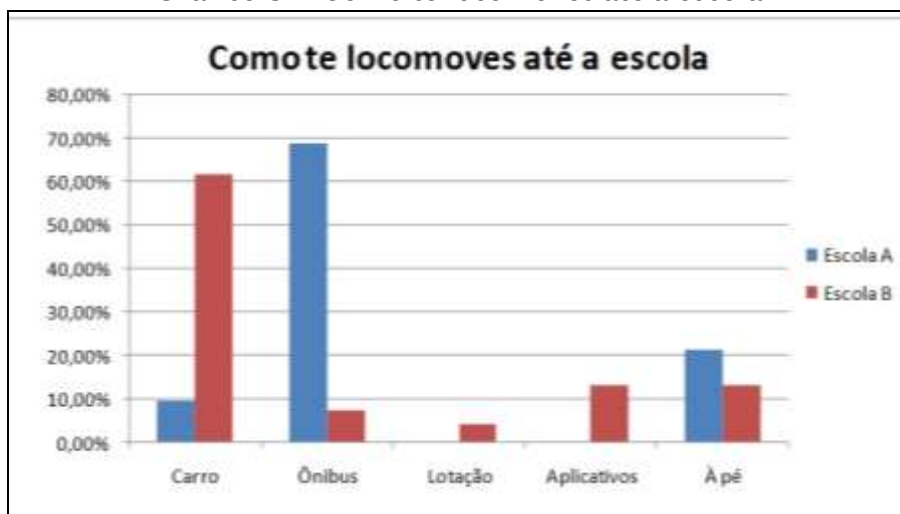
Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Tal discrepância segue se forem analisados os dados dos pais que possuem ensino superior completo, pois os indicadores são maiores na escola B do que na escola A. Ao pensar a faixa dos pais que possuem ensino superior incompleto e, principalmente, Ensino Médio completo, os pais dos jovens da escola A (pública) são maioria em relação à escola B. Já nos índices de Ensino Médio incompleto e Ensino Fundamental (completo ou incompleto) os pais dos jovens da escola A também são massiva maioria se comparados com os da escola B.

É importante destacar que as profissões dos pais ou responsáveis estão diretamente relacionadas ao seu grau de instrução. Por um lado, os pais ou responsáveis dos jovens da escola B (privada) exercem, na sua maioria, profissões de ensino superior – inclusive que exigem alto nível de formação, como a pós-graduação declarada; por outro lado, os pais ou responsáveis dos jovens da escola A (pública) encontram-se em profissões de nível médio, em sua maioria.

Outro importante marcador social é o trânsito pela cidade, que também se configura como uma potente lente para, posteriormente, analisar os trânsitos e fluxos urbanos dos jovens participantes do estudo, principalmente quando nos debruçarmos nas análises das “cartas ao visitante”, no próximo subcapítulo. De maneira geral, observei, novamente, uma inversão nos dados apresentados de como os jovens se locomovem até a escola entre os jovens da escola A e os da escola B.

Gráfico 8 – Como te locomoves até a escola



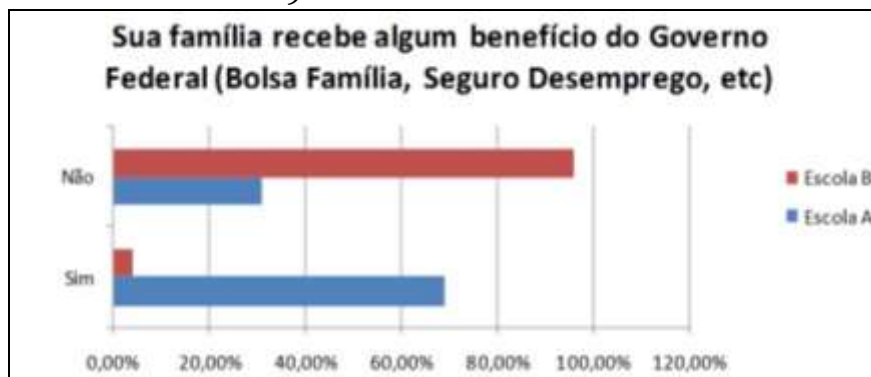
Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Enquanto mais de 60% dos jovens da escola B (privada) e menos de 10% dos jovens da escola A (pública) vão à escola de carro, esse dado se inverte quando analisamos as porcentagens do uso do ônibus como principal meio de transporte: praticamente 70% dos jovens da escola A (pública) dirigem-se à escola neste modal, enquanto menos de 10% dos jovens da escola B (privada) utilizam este transporte público. Apenas jovens da escola B (privada) assinalaram ir para a escola de

lotação¹⁴ ou por meio de aplicativos de transporte (Uber® ou Cabify®, por exemplo). Outro dado relevante é que um número importante de jovens da escola A (mais de 20%) e da escola B (mais de 10%) afirmou ir à escola a pé, o que evidencia que existe, ainda que pouco se comparado aos demais modais de transporte, um grupo de jovens alunos que não somente residem próximo às escolas nas quais estudam, mas também podem locomover-se a pé pelo Centro Histórico de Porto Alegre. Essa discussão será alargada ao tratarmos especificamente da temática da segurança/insegurança pública, visto que as formas de locomoção estão diretamente relacionadas à exposição dos jovens à violência urbana.

Como último dado relacionado à “comparação do incomparável”, apresento uma informação que não deixaria mais nenhuma interrogação acerca da realidade de “segmentos sociais distintos” entre os jovens participantes da investigação: o recebimento de benefícios do Governo Federal, tais como Bolsa Família, seguro-desemprego, vale gás, etc.

Gráfico 9 – Recebimento de benefícios



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

¹⁴ Em Porto Alegre, chama-se popularmente “Lotação” o micro-ônibus seletivo e com custo maior que o ônibus, no qual todos os passageiros vão sentados e não há pontos de parada determinados, podendo subir/descer em qualquer lugar.

Enquanto 70% dos jovens da escola A (pública) afirmaram que suas famílias recebem/receberam benefícios do Governo Federal, tais como Bolsa Família, seguro-desemprego ou vale-gás, apenas 5% dos jovens da escola B (privada) afirmaram o mesmo. Esses casos, de acordo com levantamento feito rapidamente no Grupo Focal, em sua imensa maioria, relacionam-se unicamente ao seguro-desemprego, benefício que é concedido aos trabalhadores registrados e demitidos sem justa causa, enquanto buscam um novo emprego.

“Comparar o incomparável” é, sem dúvida, uma tarefa árdua e requer, acima de qualquer análise, senso de realidade social na qual se está inserido. Comprovado, assim, que os jovens sujeitos participantes da investigação pertencem, efetivamente, a segmentos socioeconômicos e culturais distintos, parto para a análise dos dados referentes às apropriações e aos pertencimentos urbanos desses jovens, de maneira a continuar na sustentação e na comprovação da tese de que esses sujeitos vivem/ocupam/desfrutam/territorializam a cidade ora de forma convergente, utilizando-a para se encontrar, ora de forma divergente, não querendo se encontrar, inclusive.

4.2 Os jovens e sua cidade

4.2.1 Espaços dos jovens e a representação de Porto Alegre

Em uma sequência da caracterização da amostra da presente investigação, já proporcionando uma amarra com as discussões que seguirão, apresento os mapas construídos a partir do levantamento dos bairros de Porto Alegre (ou outras cidades, em minoria), nos quais os jovens participantes das escolas A e B afirmaram morar. A importância da espacialização destes dados diz respeito à necessidade de sobrepor os dados dos espaços da cidade que serão posteriormente apresentados e discutidos, bem como dos fluxos que estes jovens urbanos afirmam exercer em seus cotidianos ou, ainda no campo da imaginação, daqueles espaços que gostariam de visitar, por exemplo.

Quando observamos os mapas temáticos dos bairros dos jovens – quanto maior o círculo cinza, mais jovens residem naquele bairro –, temos não apenas a dimensão da espacialização desses sujeitos em Porto Alegre, mas também a dimensão da presença ou ausência de determinados jovens em determinadas regiões da cidade.

Há um quantitativo importante de jovens, em ambas as realidades, que vivem no Centro Histórico de Porto Alegre. Os jovens que vivem próximo a suas escolas tendem a locomover-se a pé no fluxo casa-escola, proporcionando, posteriormente, para as análises, outras tantas importantes reflexões.

Em relação aos jovens que não moram no Centro Histórico, ou seja, os que vivem em outros bairros da cidade ou em outras cidades, a diferenciação de espaços de moradia é grande. A observação e a análise dos mapas permitirão realizar tais diferenciações.

Figura 4 – Bairros dos jovens da escola A



Fonte: Elaborado pelo geógrafo Antunes Filho (2018a).

Figura 5 – Bairros dos jovens da escola B



Fonte: Elaborado pelo geógrafo Antunes Filho (2018b).

É possível destacar que existe uma concentração de jovens da escola A que moram em bairros periféricos¹⁵ da cidade de Porto Alegre, tais como Bom Jesus, Lomba do Pinheiro, Restinga e Humaitá, enquanto outros jovens da mesma escola moram em bairros reconhecidamente de classe média ou classe média baixa de acordo com o IDH dos bairros de Porto Alegre (PORTO ALEGRE, 2008). A partir dos dados trazidos na caracterização da amostra da pesquisa, é possível confirmar tal espacialização.

Os jovens da escola “B”, por sua vez, concentram-se em moradias localizadas predominantemente nos bairros Menino Deus, Petrópolis, Boa Vista e Rio Branco, bairros considerados de classe média alta ou classe alta na capital gaúcha de acordo com o IDH dos bairros de Porto Alegre (PORTO ALEGRE, 2008). Além disso, há uma maior espacialização¹⁶ na cidade, o que inclui significativa parcela de jovens que residem em bairros da Zona Sul da cidade, como Cristal, Tristeza, Camaquã e Ipanema, dados esses que são importantes, posteriormente, para a interpretação de um ponto significativo que diz respeito às territorialidades e aos territórios de jovens dessa escola, elencado a partir das análises do Grupo Focal.

As diferenciações na espacialização dos jovens pela cidade de Porto Alegre nos fazem avaliar como as condições explicitadas na caracterização da amostra da pesquisa se refletem no espaço geográfico, na medida em que as condições

¹⁵ Entendo, para fins de conceituação, um bairro periférico não apenas como aquele que está afastado, espacialmente, do centro da cidade. Aqui também me aproprio do entendimento de que morar em um bairro periférico também pode ser morar em um bairro afastado das oportunidades, as quais os governantes deveriam disponibilizar, efetivamente, para a população, tais como: saúde, educação, segurança, moradia, entre outros.

¹⁶ Entende-se, para fins de conceituação, que a espacialização corresponde ao processo de espalhar-se por determinado espaço geográfico, nesse caso, o espaço urbano de Porto Alegre (SANTOS, 1996).

de moradia são, de certa forma, um espelhamento das condições socioeconômicas dos jovens sujeitos.

A primeira pergunta do questionário que teve o propósito de captar as primeiras impressões desses jovens sobre a cidade foi: “Qual é a primeira palavra que vem à sua mente quando pensa em Porto Alegre?”. A partir das respostas dos jovens estudantes – que foram muitas e diversas, tais como são as juventudes –, pude montar as nuvens de palavras que seguem. Tive o cuidado metodológico de recortar apenas as palavras que ocorreram mais de duas vezes, pois, caso assim não o fizesse, a nuvem de palavras seria ilegível, dada a grande quantidade de palavras que emergiram.

Figura 6 – Nuvem de palavras dos jovens das escolas A e B



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

É possível observar, inicialmente, as palavras mais citadas pelos dois grupos de jovens, as que estão em evidência em um primeiro plano, ou seja, “assalto” para os jovens da escola A e “casa” para os jovens da escola B. Essa relação, por si só, justificaria o que será apresentado posteriormente, quando

analisaremos as respostas dos jovens sobre o que consideram ser as vantagens ou desvantagens de morar em Porto Alegre. Além disso, o fato de essas palavras tão distintas serem apresentadas já coloca em evidência uma importante reflexão: Quais produções de cidade se dão, na contemporaneidade, para jovens de distintos segmentos sociais?

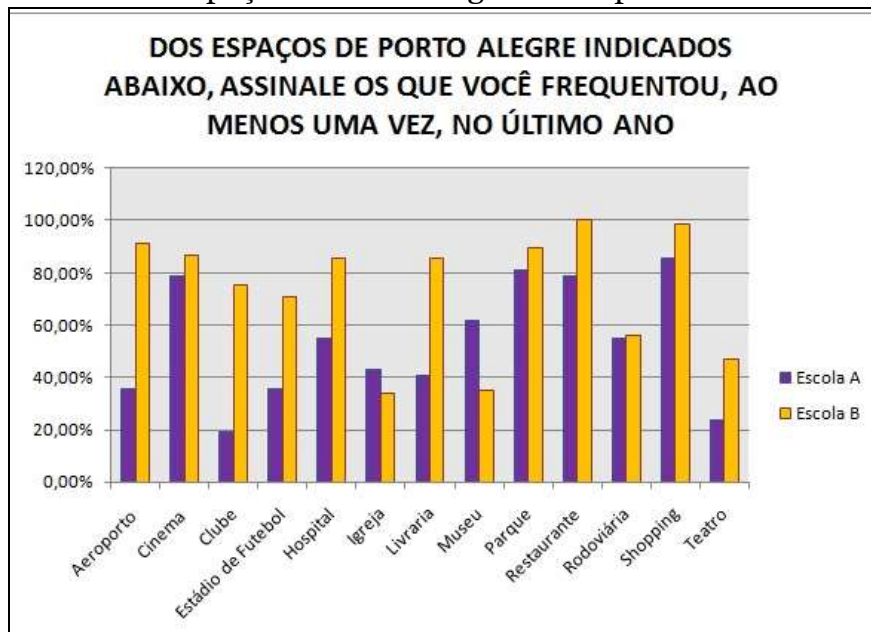
Em relação àqueles que evidenciam que a primeira palavra que lhes emerge à mente quando pensam em Porto Alegre é “assalto”, que cidade esses jovens vivem? Certamente a experiência urbana desses jovens é muito distinta daqueles que evidenciam “casa” como a primeira palavra que lhes vem à mente quando pensam em Porto Alegre.

Outras palavras que ficam em “segundo plano” também chamam a atenção, pois, nos dois casos, a palavra “insegurança” permaneceu em segundo plano, denotando, efetivamente, uma relação que liga um alerta em afinidade com o tema da segurança pública em áreas urbanas.

A partir da leitura dessas nuvens de palavras, refleti sobre a relação de palavras que foram silenciadas. Quais palavras não foram ditas? Por que tais palavras ficaram no esquecimento? Talvez a continuação das análises e discussões dos dados da investigação auxilie nessa resposta.

Apresentei aos jovens uma lista com 13 espaços genéricos da cidade, sem nominá-los com marcas ou nomes de referência, e solicitei que assinalassem quais daqueles espaços tinham frequentado, ao menos uma vez, no último ano. Os espaços que estavam na lista eram: aeroporto, cinema, clube, estádio de futebol, hospital, igreja, livraria, museu, parque, restaurante, rodoviária, *shopping* e teatro. As porcentagens de marcações encontram-se no gráfico que segue.

Gráfico 10 – Espaços de Porto Alegre – Comparativo A e B



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Os espaços mais citados por ambos os grupos foram “shopping” e “parque”. São espaços de importantes trânsitos juvenis. A sequência das análises evidenciará alguns exemplos importantes das presenças (ou ausências) dos jovens nesses espaços. Outra análise interessante que se pode obter a partir da interpretação do gráfico é que 100% dos jovens da escola B afirmaram ter frequentado um restaurante no ano anterior, em comparação com 80% dos jovens da escola A. Tal comparativo reafirma os diferentes condicionantes socioeconômicos, pois como um jovem cuja família afirma ter renda média mensal de em torno de um salário-mínimo terá condições de comer em um restaurante?

Se, em relação à alimentação, já se verifica tamanha diferença, quando lançamos o olhar para as marcações no espaço do aeroporto, os dados “saltam aos olhos”: 90% dos jovens da escola B afirmaram ter frequentado o aeroporto no

último ano, em comparação aos menos de 40% dos jovens da escola A. Nesse ponto, reside outro importante marcador social, daqueles que têm possibilidade de viajar de avião e dos que não têm. Esse padrão se repete em outros espaços, tais como clube, hospital, livraria e teatro, aos quais os jovens da escola privada têm mais acesso dos que os da escola pública.

Por outro lado, os jovens da escola A afirmaram ter frequentado, em um ano, mais que os jovens da escola B, apenas dois espaços: o museu e a igreja. Sobre o museu, tal afirmação vem ao encontro de uma divergência que será apresentada nas discussões posteriores, visto que apenas os jovens da escola B afirmaram frequentar, com regularidade, a Casa de Cultura Mario Quintana, espaço cultural/museu localizado no Centro Histórico da cidade, próximo às escolas de ambos os grupos.

4.2.2 Convergências e divergências encontradas

Como já havia anunciado na pesquisa proposta para a presente investigação de que “jovens de segmentos sociais distintos vivem/ocupam/desfrutam/territorializam a cidade ora de forma convergente, utilizando-a para se encontrar, ora de forma divergente, não querendo se encontrar, inclusive”, pude verificar, tanto no questionário quanto nas cartas ao visitante hipotético, além de confirmar nas discussões dos grupos focais e verificar *in loco* nas observações em campo, os espaços que chamei de “convergentes” dos movimentos dos jovens urbanos em Porto Alegre, a partir dos levantamentos nas escolas A e B, e os “divergentes”, a partir dos mesmos levantamentos.

O interessante é que os espaços de “convergência” juvenil apontados estão no âmbito daqueles espaços da cidade de ordem da convivência, sejam públicos (Parque da Redenção e Gasômetro) ou privados (Barra Shopping Sul), e ainda de ordem dos espaços os quais os jovens, em sua maioria, nas duas

realidades, gostariam de conhecer (Arena do Grêmio e Parque Germânia). O ponto de convergência, então, diz respeito às identidades juvenis, referindo-se àquilo que é comum, para além da classe social, que é a convivência.

Os espaços de “divergência”, por sua vez, puderam ser verificados, inicialmente, a partir do levantamento dos espaços de consumo, relacionados ao tema “alimentação”. Como estamos tratando de jovens de distintos segmentos sociais, nos espaços de alimentação/consumo observados, também foi possível realizar uma análise territorial da apropriação desses locais. Outros espaços também foram considerados de “divergência”, os quais ganharam destaques isolados, a partir das respostas dos jovens das escolas A e B, separadamente. Portanto, o que está por trás disso é o acesso. Os jovens menos favorecidos economicamente não são, necessariamente, frustrados, mas as possibilidades econômicas e sociais afetam diretamente as preferências.

4.2.2.1 Espaços de convergência

A primeira relação dos espaços de convergência dos jovens encontrada foi a relação de espaços de convivência públicos ou privados. Esses espaços foram elencados, em massa, pelos jovens das duas escolas, ou seja, dos dois segmentos sociais distintos escolhidos para ser a origem da busca dos dados da presente investigação. Nesse entendimento, ao serem citados pela totalidade dos sujeitos, os espaços configuram-se como espaços de encontro desses jovens, e as diversas formas desses encontros puderam ser verificadas nas deambulações sociológicas, as quais realizei.

Figura 7 – Esquema Espaços de Convergência públicos/privados



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Os três espaços mais citados foram: o Parque da Redenção e a Usina do Gasômetro (públicos) e o Barra Shopping Sul (privado), conforme o esquema apresentado.

4.2.2.1.1 Parque Farroupilha

O espaço de convergência praticamente unânime nos apontamentos dos jovens foi o Parque da Redenção, nome popular para o Parque Farroupilha, que é um dos principais parques da cidade de Porto Alegre, uma das mais importantes áreas verdes do núcleo urbano do município.

Figura 8 – Parque Farroupilha/Espelho d’água



Fonte: Loch (2019).

Espaço da antiga Vila de Porto Alegre, o Parque Farroupilha já foi área de várzea, que ficava fora dos muros e dos portões da cidade. Espaço de criação de gado, de embates da Revolução Farroupilha, de comemorações – precoces – da abolição da escravatura, apenas em 1927 foi declarado parque e, muito depois, em 1997, tombado pelo Município de Porto Alegre como patrimônio histórico-cultural da cidade.

Este espaço já havia sido levantado, quando de meus estudos de mestrado, em que jovens da então maior escola pública do Rio Grande do Sul, o Colégio Estadual Júlio de Castilhos, o haviam elencado como um dos principais espaços de lazer e pertencimento juvenil (OLIVEIRA, 2015a). O desafio, naquele estudo, foi verificar as potencialidades que o ensino de

Geografia e as culturas juvenis contemporâneas relacionavam entre si. Havia escrito, naquele estudo, sobre a Redenção:

O Parque Farroupilha é um espaço de convivência e manifestações das culturas juvenis em Porto Alegre. Não nos surpreendeu essa resposta no questionário da pesquisa, quando perguntamos sobre os espaços da cidade que são utilizados/ocupados/vividos pelos jovens urbanos contemporâneos. (OLIVEIRA, 2015a, p. 95).

Em quatro anos, pouco ou nada mudou em relação a este espaço, que continua sendo uma das preferências das juventudes porto-alegrenses. A tese de doutoramento de Pereira (2009), intitulada “Domingo no Parque: notas sobre a experiência de ser jovem na contemporaneidade”, destacou as vivências de jovens no Parque Farroupilha, principalmente a partir da ótica das tribos, dos corpos e da diversidade. Em um recorte temporal breve, esse espaço tem, efetivamente, se mantido como território e lugar dos jovens na cidade de Porto Alegre.

Hei de confessar que o Parque Farroupilha, para mim, também é um espaço de pertencimento, visto que é um espaço agradável de se estar em Porto Alegre. Foi difícil, portanto, inicialmente, separar-me da figura de pesquisador em campo, em minhas visitas ao Parque Farroupilha. Para tanto, para além das observações do cotidiano, que é “onde tudo passa, sem que nada pareça passar” (PAIS, 1993), dediquei-me a ir ao parque em dois momentos (um em dia de semana e outro em um final de semana), unicamente para deixar-me levar pelos movimentos das deambulações sociológicas (PAIS, 2006) e poder, então, redigir os diários de itinerância (BARBIER, 2007) propostos nos estudos metodológicos da presente investigação.

Confesso, igualmente, que me permitir direcionar os olhares e ouvidos para um foco em específico alargou-me as visões que tinha em relação ao referido espaço, o Parque Farroupilha. É necessário entender, em algum momento, que

estar em determinado espaço na qualidade de pesquisador também começa a “fazer parte do meu cotidiano”, mesmo que possa ter estado nesse espaço já por muitas vezes. Eis um trecho de meu diário de itinerância, a partir de uma deambulação sociológica na Redenção em uma quarta-feira pela tarde, em torno de 15h:

Quando cheguei ao Parque Farroupilha, optei por sentar-me entre o monumento Arco ao Expedicionário e o espelho d’água, uma área central do parque, digamos. Poucas pessoas estão na Redenção nesse momento, afinal, só um pesquisador em coleta de dados de campo pode se dar ao luxo de estar em um parque, em plena quarta-feira de tarde. Engano meu! Existem muitos trabalhadores que vendem desde comidas (pipoca, algodão-doce, refrigerantes) até brinquedos por aqui. E sim, os jovens escolarizados que não estão em aula neste momento podem certamente estar por aqui! Vejo poucos jovens caminhando, alguns sentados ou deitados na grama conversando com outros, ou ainda andando de bicicleta ou patinete eletrônico, a mais nova febre dos jovens (e adultos, e crianças...) em Porto Alegre. (VHNO).

A surpresa de encontrar jovens escolarizados no Parque Farroupilha em uma tarde no meio da semana foi tão grande quanto encontrar uma massa de jovens no final de semana. Aos finais de semana, o parque muda suas feições, pois, aos sábados de manhã, ocorre a “Feira Orgânica da Redenção” e, aos domingos, acontece o “Brique da Redenção”, dois espaços que já fazem parte da rotina de muitos porto-alegrenses, considerando-se as condições democráticas de acesso, pois apenas basta “circular pelo parque”. Para além dos movimentos habituais do final de semana, é na parte da tarde (tanto do sábado quanto do domingo) que as juventudes se fazem mais presentes – ou mais notáveis – no parque:

Posso notar uma importante diferença da deambulação sociológica que realizei durante a semana: em que pese naquele momento houvesse um trânsito maior das pessoas, neste momento noto os jovens sentados em bancos, na

grama, em pequenos ou médios grupos e conversando, cantando, tocando instrumentos, tomando chimarrão, tirando fotos, fumando, bebendo, enfim... deixando “tudo passar sem que nada assim o pareça”. (VHNO).

É a atuação dos jovens que faz com que suas presenças sejam notadas. Tal atuação não é, necessariamente, a realização de uma performance ou algum evento escandaloso. A atuação juvenil a que me refiro aqui é, justamente, o fato de ser, de existir. As juventudes que pude observar no parque, através de sua existência, de seus corpos, de seus afetos e suas relações é a juventude que faz do mundo um lugar mais leve e mais agradável de se viver.

Os jovens que territorializam um lugar que já é seu, o Parque Farroupilha, unem, por suas práticas sociais, os dois conceitos máximos desta investigação: território e lugar. O parque é, como já apontado, um espaço de pertença desses jovens, sejam da escola A ou da escola B, o qual elencamos como “espaço de convergência”. Além dessa identidade que caracteriza o lugar, a presença dos jovens em grupos, nos mais diversos espaços do parque, territorializa o lugar, na medida em que gera novas relações de poder sobre o espaço: “A cidade é minha, portanto, tenho o direito de utilizá-la”, afirmou-nos uma jovem no grupo focal da escola A.

4.2.2.1.2 Barra Shopping Sul

Já esperava que um dos espaços de convergência dos jovens sujeitos dessa pesquisa pudesse ser um *shopping* center. Os *shoppings* são, por excelência, espaços de trânsito juvenil, uma vez que o consumo ali objetificado direciona-se, em tantos casos, ao público jovem. O fato de o Barra Shopping Sul ser o espaço privado de maior convergência juvenil do recorte da investigação teria me impressionado se eu não tivesse antes analisado os mapas dos bairros onde residem os jovens das

escolas A e B. Ao analisar esses mapas, percebe-se que há um quantitativo importante de jovens que vêm de bairros da Zona Sul/Leste (escola A) e da Zona Sul (escola B) para o centro, uma vez que ambas as escolas localizam-se no Centro Histórico de Porto Alegre. Este *shopping*, portanto, fica em um espaço de alguns dos jovens de ambas as realidades.

Figura 9 – Fachada do Barra Shopping Sul



Fonte: Multiplan (2019).

Inaugurado em novembro de 2008, o Barra Shopping Sul é o mais importante da Zona Sul de Porto Alegre, uma vez que não existem outros com a dimensão deste que foi o primeiro *shopping* da construtora Multiplan a ser inaugurado em Porto Alegre, com uma proposta de integrar a construção ao lago Guaíba, a partir da vista que se tem do corpo d'água no nível "Guaíba". Com diversas lojas-âncoras, cinema, ampla praça de alimentação, entretenimento de jogos, corredores largos com vários pontos de sofás e espreguiçadeiras, o Barra configura-se,

verdadeiramente, como um importante espaço para os trânsitos juvenis em Porto Alegre.

Assim como a Redenção é, para mim, também um espaço de pertença, o Barra foi se tornando o mesmo ao longo dos últimos anos. Mesmo que esteja longe de minha casa, confesso que gosto de dirigir-me ao *shopping*, seja para aproveitar alguma sessão de cinema ou apenas desfrutar do caminho pela Avenida Beira-Rio, via que margeia o lago Guaíba. Assim sendo, aproveitei várias das minhas idas ao Barra¹⁷ para poder deambular sociologicamente e tentar captar algumas das notas que o cotidiano dos jovens imprimem naquele espaço.

Diferentemente do parque, no *shopping* pude notar uma inversão: os jovens (entre si) frequentam mais esse espaço nos dias de semana do que nos finais de semana, momento em que, quando vão ao *shopping*, geralmente estão acompanhados das famílias. Nos dias de semana, a situação é outra: estão em grupos e geram, por assim dizer, vários movimentos naquele espaço.

Uma questão importante que observei, ao realizar observações/deambulações em um *shopping*, é como a segurança desses espaços, de fato, funciona. Observemos um trecho de um dos diários de itinerância:

Hoje, para disfarçar, vim com algumas sacolas de lojas do shopping (a maioria com caixas vazias ou jornais para fazer volume) e não chamar a atenção da segurança como da outra vez. Foi impressionante o modo como notei estar sendo seguido pelos seguranças, talvez porque estava há muito tempo no shopping, sem comprar nada, com um bloquinho na mão e anotando coisas. É impressionante como a ótica do consumo e da vigilância estão presentes

¹⁷ Aqui pude constatar, em meu fazer metodológico, uma mudança importante: à medida que estava “preso” ao rigor teórico-metodológico e fui especificamente em datas determinadas para a Redenção, para poder “deambular”, notei que meu cotidiano também era, de alguma maneira, uma constante deambulação. Tendo isso em mente, juntamente com a leveza e a humildade que a autoridade intelectual nos configura, passei a aproveitar minhas idas habituais aos espaços e fazer dessas uma constante deambulação. Não foi uma mudança metodológica, mas, sim, uma mudança de olhar [...].

aqui. O placebo funcionou: passei despercebido e pude deambular com mais tranquilidade. (VHNO).

O fato de permitir-me, também, aproveitar minhas idas “normais” ao *shopping* e, então, deambular e registrar o que ali observava fez com que minha atuação talvez fosse se transformando e tornando-se menos vigilante e mais observadora do cotidiano em si. De que os *shoppings* destacam-se pelo conforto térmico, comodidades à mão, segurança e outros atributos, disso não tinha dúvida. O que não tinha percebido, ainda, era a eficácia da segurança, que passou a me seguir em uma das vezes que ali estava, muito mais na condição de observador do que de “comprador”. De fato, o capital fala bem mais alto do que a pertença ao espaço.

Não somente em relação a mim – quando não comprava nada e anotava coisas em um bloco – pude notar a insistência dos seguranças. Observemos um trecho de um diário de itinerância de uma deambulação sociológica em uma tarde de quinta-feira:

Vejo uma cena que se repete, a partir de um relato de um grupo de ex-alunos de uma escola pública: há um grupo de jovens brancos, vestidos com roupas que não identifico se são de marcas famosas, mas identifico que são roupas do atual momento da moda. Esses jovens transitam livremente pelo shopping. Já passaram duas vezes por mim, no sofá em que estou sentado, próximo ao cinema. Alguns deles carregam sacolas de compras, outros não. Há, também, mais de um grupo de jovens brancos, pardos e negros, com roupas mais simples. Nenhum deles carrega sacola de compras. Nenhum deles aparentaria poder comprar algo. Um desses grupos entra no cinema, olha vários cartazes de filmes nas máquinas de compra de ingresso e não compra nenhum. Ao mesmo tempo, comecei a observar que esse grupo que havia entrado no cinema passou a ser seguido por dois seguranças. Decido deslocar-me e, de longe, acompanhar o resto da ação, tanto dos jovens quanto dos seguranças. Em determinado ponto, os jovens perceberam que estavam sendo seguidos. Rapidamente conversaram entre si. Separaram-se. Do grupo de 7 jovens formaram-

se 4 pequenos grupos: 3 duplas e um que segue sozinho. Dispersaram-se pelo shopping. Os seguranças não souberam para que lado iriam os jovens. Acho que não esperavam essa reação dos jovens. Aparentemente os seguranças dispersaram-se também e deixaram de seguir os jovens. Eu não. Segui uma das duplas que havia se formado e alguns minutos depois o grupo se reencontrou novamente. Conversaram um pouco e saíram do shopping. (VHNO).

A territorialidade juvenil expressa na cena registrada possui significantes muito profundos: ao se dispersarem pelo *shopping*, os jovens quebram a lógica de perseguição dos seguranças do estabelecimento, invertendo a postura comumente estabelecida, pois, ao invés de serem seguidos pelos agentes da segurança, dispersam-se e colocam os seguranças em uma escolha difícil: “Qual grupo seguir?”; ao não saber responder a questão, decidem deixar de seguir os jovens. O poder sobre o espaço, nesse momento, experimentou uma nova lógica, já que os “perseguidos” passam a ser os “perseguidores”, não de quem os perseguiu, mas, sim, daquilo que tanto buscavam, a liberdade.

De fato, jovens que teriam poder de consumo também frequentam o Barra Shopping Sul, com menos ou nenhuma possibilidade de serem seguidos pelos seguranças, uma vez que suas territorialidades são outras: eles têm poder de compra, de consumo. O que une, então, os dois grupos juvenis é o ato de estarem juntos, de utilizarem o espaço do *shopping* como um espaço social praticado (STECANELA, 2010), além de manifestarem-se na coletividade (FEIXA; FERRÁNDIZ, 2005), sendo, portanto, representantes de suas culturas juvenis contemporâneas.

4.2.2.1.3 Usina do Gasômetro/Beira do Guaíba

Quando realizei a primeira etapa da coleta de dados da presente investigação (questionário), em 2017, esses dois espaços foram citados tanto pelos jovens da escola A quanto pelos jovens da escola B. A Usina do Gasômetro e a Beira do lago Guaíba¹⁸ surgem, então, como o terceiro espaço de convergência dos movimentos juvenis pela cidade. Nesse meio-tempo, entre a primeira coleta de dados e as minhas deambulações sociológicas nos espaços juvenis em Porto Alegre, algo aconteceu: foi (re)inaugurado o que passou a se chamar a “nova Orla do Guaíba”, um espaço totalmente revitalizado entre a Usina do Gasômetro e um importante trecho da beira do Guaíba, justamente os espaços citados pelos jovens como convergência. O que passou a impressionar, desde o dia da (re)inauguração deste espaço da cidade, é que a “Nova Orla” constituiu-se como um espaço de um fluxo absurdamente enorme de pessoas, prova de que a cidade não ignorou ou abandonou seu lago; muito pelo contrário, a cidade quer e busca um contato maior com seu corpo hídrico.

¹⁸ Existe, no campo da Geografia dos Recursos Hídricos e no campo da Hidrogeologia, uma discussão: o corpo d’água que margeia Porto Alegre, o Guaíba, seria Rio ou Lago? Como Geógrafo, comungo da ideia de que o Guaíba é, na verdade, um complexo flúvio-lacustre-estuarial, apresentando comportamento de rio, lago e estuário. Popularmente, passa-se a chamar apenas de Lago, pois é o comportamento hídrico que predomina no corpo d’água. Rio ou Lago, a nomenclatura e o tecnicismo pouco importam para os jovens que passaram a lotar a Orla do Guaíba, uma vez que o espaço, por si só, já enche os olhos e esvazia a mente de quem ali se encontra.

Figura 10 – Aéreo da Usina do Gasômetro/Nova Orla do Guaíba



Fonte: Souza (2019).

No mês de junho de 2018, foi entregue à população da capital gaúcha um trecho da “Nova Orla”, obra que iniciou em 2015 e, ao longo de três anos, foi muito esperada e desejada pelos porto-alegrenses, inclusive jovens. Um espaço às margens do lago Guaíba que contém passarelas, arquibancadas, deques, áreas verdes, áreas para prática de esporte, bares, restaurantes, enfim, um espaço que era necessário para a cidade de Porto Alegre. Ainda faltam outros trechos, em direção à Zona Sul da cidade, para serem licitados e para o início das obras. De toda sorte, o espaço que já pertence à população vem fazendo muito sucesso.

Fiquei, por um bom tempo, me perguntando: caso o questionário tivesse sido aplicado após a reinauguração da Nova Orla, esse não seria o primeiro lugar a ser citado pelos jovens da pesquisa como espaço convergente entre as distintas realidades? Sendo ou não, a Redenção e a Nova Orla adquiriram, a partir deste momento, a preferência dos jovens da capital gaúcha.

Como já anunciado, as deambulações sociológicas que realizei nesse espaço ocorreram após a revitalização da Nova

Orla e, por esse motivo, é provável que os relatos e diários fossem diferentes se as deambulações tivessem sido apenas na Usina do Gasômetro, espaço cujo prédio ainda permanece fechado, ou na Orla do Guaíba, espaço que estava cercado para as obras de reforma. Da mesma forma, assim como a revitalização da Nova Orla do Guaíba foi um presente que a cidade estava precisando havia muito tempo, também foi um presente para meus estudos, pois várias cenas juvenis muito importantes eu pude observar e, até mesmo, vivenciar naquele espaço. Durante a semana, o movimento é baixo e mais intenso aos finais da tarde, quando jovens (de todas as idades) utilizam o espaço muito mais para a prática de exercícios físicos. Nos finais de semana, a história já é outra. Vejamos um trecho de um dos diários de itinerância escritos a partir de uma das deambulações sociológicas na “Nova Orla”:

É uma tarde quente, ensolarada e muito agradável. A orla do Guaíba está lotada, em sua maioria, de jovens. Poderia eu dizer que a Nova Orla é um espaço, predominantemente jovem? Ainda não tenho certeza. Guardo minhas (in)certezas para outro momento e volto o meu foco nas observações dos jovens que aqui estão. Assim como na Redenção, há vários jovens espalhados pelo gramado, outros tantos nas arquibancadas, provavelmente esperando a belíssima vista do pôr do sol, há jovens caminhando pelos passeios entre o gramado e a passarela. Alguns desses, muito provavelmente caminham especificamente por ali para serem vistos, pois esses passeios proporcionam a vista de quem por ali passa. Há, inclusive, um humorista conhecido como “homem do gato” que faz suas apresentações em parte desse espaço, dada a visibilidade que se tem da “plateia” sentada nas arquibancadas. Há jovens de todas as “tribos”, cores, vestimentas. Muitos desses jovens bebem “catuaba” ou “corote”, bebidas alcoólicas baratas e, inclusive, vendidas em determinados pontos da orla pelos ambulantes. O alaranjado que vai se formando, com o sol que cai sob o oeste, vai convidando as pessoas a tomarem seus celulares e iniciarem uma sequência – interminável – de fotos e selfies, e, de fato, o colorido merece ser registrado. (VHNO).

A atuação juvenil ali observada diz respeito ao estar no espaço público. Quando escrevo, no diário, que “há jovens de todas as cores”, refiro-me justamente ao fato de que os jovens são o que são e veem no espaço público o direito de ocupá-lo, um pouco diferente dos processos que observei no Barra Shopping Sul, como já descrito. Com o passar do tempo, o sol vai se pondo e a noite vem chegando. O cenário, então, muda completamente:

Dizem que nossa latitude de 30º ao sul do Equador proporciona um tipo de espalhamento dos raios solares, a ponto de criar ocasos realmente impressionantes. Nunca cheguei a ir a fundo nesses estudos. Sendo verdade científica ou não, gosto de afirmar que o pôr do sol de Porto Alegre é um dos mais bonitos do mundo! No dia de hoje não foi diferente: poucas nuvens no céu, um laranja-dourado de tirar o fôlego e a bola de fogo que repousa no horizonte, na certeza do amanhã. Por aqui, noto que os movimentos vão se modificando. Há uma saída de um público mais adulto e infantil, famílias, em especial. Ficam os jovens e chegam outros tantos jovens. Questiono-me, inicialmente, por que esses jovens chegam se o sol já foi. Logo entendo os porquês... A Orla do Guaíba, após o pôr do sol, é, sem dúvida alguma, um espaço predominantemente juvenil. Os jovens seguem bebendo suas bebidas, sente-se o cheiro de maconha, os volumes das músicas das caixas de som aumentam. A leve queda na temperatura sentida não afasta os jovens do espaço ao ar livre, próximo ao lago, ao contrário. Performances começam a acontecer: grupos de jovens iniciam danças, em maioria absoluta de funk, em locais distintos do espaço da orla. Vejo alguns guardas municipais – que há pouco tempo ganharam o porte de arma em serviço, antes não tinham – circulando entre os jovens. Não abordam nenhum deles e fazem pouco caso quando veem jovens nitidamente fumando maconha. Estariam acostumados com o que observam? Começo a circular e vejo que as cenas se repetem ao longo de outros espaços, só que com outros jovens. Eles territorializam um lugar que já é deles. Seus corpos nesse espaço demarcam uma cidade que é sua: a cidade ao ar livre. (VHNO).

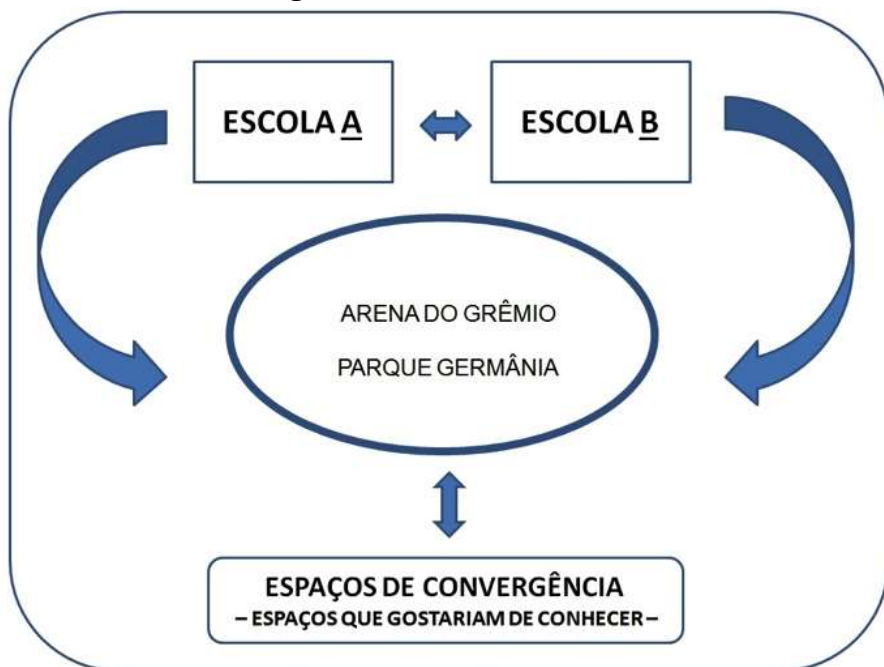
Essa mudança no espaço e nas práticas sociais que ali começaram a ser realizadas somente foi possível perceber após o pôr do sol. Questionei-me por que isso ocorria, e a única resposta que me vinha à mente era a ausência de adultos, o que tornou, então, o espaço um local de “autonomia” exclusiva dos jovens: eles podiam fazer o que quisessem, pois só eles ali estavam.

Assim como na Redenção, os jovens que estavam na Orla do Guaíba territorializaram um lugar de sua pertença. Não houve disputas por espaço, mas o poder sobre o espaço se fazia notar, quando os jovens ocupavam as arquibancadas, os passeios e as passarelas com suas músicas, suas danças e suas bebidas, dando a sensação de que nada, nem ninguém, os impediria de ali estar e ali atuar socialmente.

4.2.2.1.4 Os espaços nos quais o desejo converge

Para além dos espaços de convergência chamados “efetivos” ou “de fato”, pude constatar, tanto a partir do questionário quanto a partir das escritas nas cartas ao visitante, dois espaços que os jovens das escolas A e B ainda não conhecem, mas têm desejo de conhecer: a Arena do Grêmio e o Parque Germânia, conforme esquema que segue:

Figura 11 – Esquema Espaços de Convergência/Espaços que gostariam de conhecer



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Não sou nem um pouco fanático por futebol, aliás, confesso que não gosto do esporte e das práticas sociais e políticas que se estabelecem a partir desse esporte. De todas as formas, busquei entender, nos grupos focais, por que a Arena do Grêmio¹⁹ emerge como um espaço de desejo dos jovens das duas escolas/realidades consultados. Após essas conversas, deduzi

¹⁹ Mesmo que eu não goste de futebol e para qualquer gaúcho ou porto-alegrense que também não goste, é impossível desconhecer a ampla rivalidade entre os times Internacional e Grêmio, presentes no RS e, muito em especial, em Porto Alegre. Os “vermelhos” e os “azuis” dão, de alguma forma, prosseguimento às rivalidades históricas do Rio Grande do Sul, que vêm desde a Revolução Farroupilha, com os maragatos e os chimangos, por exemplo. Em dias de jogos da dupla de rivais, os famosos “Gre-nais”, a cidade transforma-se em uma impressionante divisão azul-vermelha, e todos (os que gostam identificam-se) mostram quem são.

que essa preferência está relacionada à questão geográfica. A “Arena do Grêmio”, diferente do “Gigante da Beira-Rio”, localiza-se em uma área isolada da cidade, com difícil acesso e, conseqüentemente, atrai apenas os torcedores mais fanáticos para os jogos que ali são realizados.

Em relação ao Parque Germânia, a história é diferente. Inicialmente, preciso afirmar que não é a primeira vez que esse espaço da cidade transpassa os meus estudos de doutoramento. Em 2017, eu e minha então orientadora decidimos realizar o pré-campo das minhas deambulações sociológicas no Parque Germânia, pois havia um evento no Facebook chamando “Encontro Emo Porto Alegre”; optamos, então, por conveniência, que ali seria o momento e espaço ideal para testar a metodologia. Essa deambulação nos gerou muitas discussões sobre esse espaço da cidade e sobre as práticas juvenis que ali se observaram (OLIVEIRA; LACERDA, 2018), uma vez que o referido encontro não aconteceu e nos permitimos conversar com outros jovens que estavam no parque como em qualquer outro final de semana.

O evento, organizado via Facebook, contava com mais de dois mil participantes confirmados, previsto para ser realizado justamente no Parque Germânia, em Porto Alegre – RS, no dia 30 de setembro de 2017, conforme captura de tela que segue.

Figura 12 – Captura de Tela do Facebook



Fonte: Facebook (2017).

Para realizar uma contextualização geográfico-social do espaço observado (retângulo amarelo), verifiquei os espaços circunscritos ao parque, quais sejam:

- a) Country Club de Porto Alegre;
- b) Shopping Bourbon Country;
- c) Shopping Iguatemi;

d) Prédios e Condomínios de alto padrão.

Constata-se, assim, que o parque está incrustado em uma zona de alto poder aquisitivo de Porto Alegre.

Figura 13 – Demarcações de zonas próximas ao Parque Germânia



Fonte: Google Maps (2017).

Passavam poucos minutos das 14h quando chegamos ao local no qual o encontro estava marcado. A julgar pelo número de confirmações, via Facebook, pensávamos que o grupo seria facilmente visível no parque. Olhamos para todos os lados e não vimos ninguém. Esperamos por eles um bom período de tempo, visto que continuavam a ocorrer manifestações de adesão ao encontro pelo Facebook.

De repente, avistamos uma dupla em um banco do parque. Fomos até eles para saber se estavam ali para o encontro convocado pela rede social e se estavam dispostos a falar

conosco sobre os emos.²⁰ A oportunidade da escuta permitiu que nos dissessem acerca do estereótipo que cerca os jovens que pertencem ao grupo emo, talvez pelo rechaço a uma estética considerada diferente.

Ao concluir esta conversa, avistamos outro grupo e nos dirigimos a ele. Diferentemente da dupla anterior, estes eram muitos. Tínhamos agora diante de nós um grande grupo de jovens, todos vestidos de preto, sentados na relva, próximo a uma árvore. Posteriormente, entenderíamos o sentido da proximidade com aquela árvore. Sentamos também. Foi impressionante a reação deles a partir deste momento, pois, após nos apresentarmos e dizermos o que fazíamos ali, todos queriam participar contando sobre a sua vivência no parque.

Referiram que gostavam de estar ali, na árvore, no Parque Germânia, juntos. Estavam reunidos próximo àquela árvore, a qual, para eles, era um lugar que demarcava um espaço de identidade e de pertencimento. Contaram que ali compartilhavam preocupações e também alegrias.

Ao perguntarmos sobre o encontro emo (ou sobre sua não efetivação), a resposta foi certa: “O evento está acontecendo, mas no Facebook”. Mal eles sabiam que estavam nos alcançando preciosas pistas para discutir a questão do ciberespaço como importante territorialidade juvenil do mundo contemporâneo. Nessa conversa/deambulação-participante, surgiu a temática das tribos urbanas, em que nos colocam, quase como uma bofetada analítica: “Não precisa mais de tribos, aqui é tudo junto e misturado, aceitamos todos”. Essa fala muito nos fez refletir sobre o quão maleável era o conceito

²⁰ Emo é uma tribo juvenil, ou seja, grupo que compartilha hábitos, valores culturais, estilos musicais e ideologias políticas semelhantes (FEIXA, 1998). No caso específico dos emos, os temas da depressão, da dor, da música lenta e do vestir-se com cores escuras são os mais destacados.

de tribos (FEIXA, 1998) e como o tratávamos, até então, de maneira mais rígida e linear.

Por que, então, os jovens dessa investigação de doutoramento, tanto da escola A quanto da escola B, apontaram o Parque Germânia como um espaço que gostariam de conhecer? Novamente a questão geográfica vem à baila. Há, a partir do levantamento dos bairros onde residem os jovens, uma incidência quase nula dos jovens da escola A e uma baixa incidência de jovens da escola B que residem nas proximidades do Parque Germânia. O desejo de conhecer um parque fora de sua rota e sabidamente de trânsito e pertença juvenil não nos causa, efetivamente, nenhum estranhamento.

4.2.2.2 Espaços de divergência

Tão importante é verificar e, posteriormente, analisar os espaços de convergência dos jovens participantes do estudo, na cidade de Porto Alegre, quanto, também, entender em quais espaços a presença desses mesmos sujeitos divergia.

A primeira relação dos espaços de divergência dos jovens encontrada ocorreu a partir da relação de espaços de consumo. Esses espaços foram elencados, de maneiras separadas, pelos jovens das duas escolas, ou seja, dos dois segmentos sociais distintos elencados para ser a origem da busca dos dados da presente investigação. Nesse entendimento, ao serem citados ou por um grupo (jovens da escola A), ou pelo outro grupo (jovens da escola B), separadamente, os espaços configuram-se como espaços do não encontro, a partir das reflexões que proponho na sequência.

A segunda relação que encontrei diz respeito a outros espaços, públicos ou privados, na cidade de Porto Alegre. Além desses espaços terem sido citados nos questionários, as “cartas ao visitante” confirmaram muitas das opções ali assinaladas, uma vez que os espaços se repetiam. As deambulações

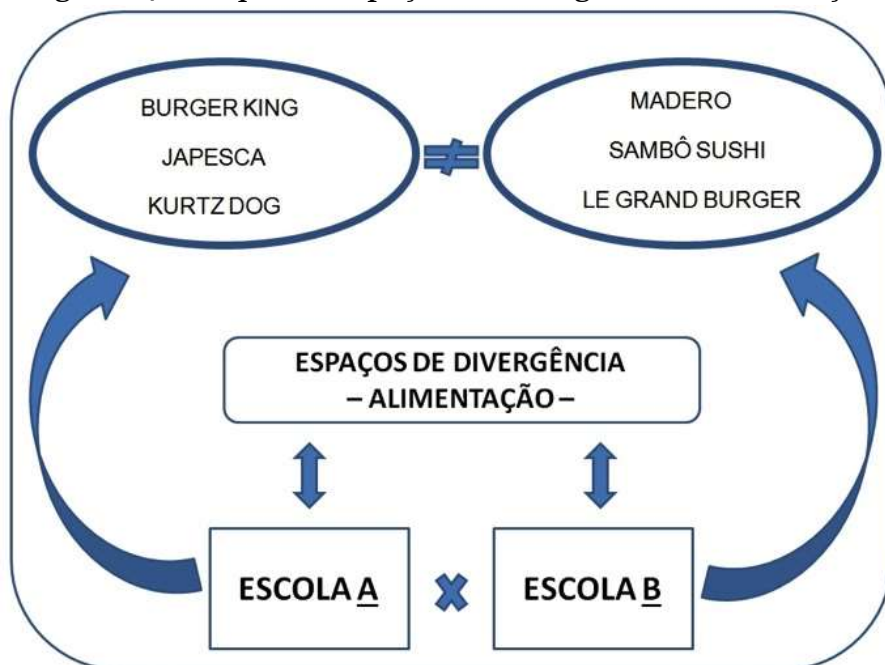
sociológicas que realizei nesses espaços confirmaram tais presenças ou ausências dos jovens dos distintos grupos.

4.2.2.2.1 Espaços de divergência de alimentação

Ao questionar “Qual espaço de alimentação tu mais frequentas em Porto Alegre?”, já esperava que as repostas dos jovens das escolas A e B fossem distintas, principalmente após analisar os dados que caracterizaram a amostra da minha investigação e, conseqüentemente, constatando a abrupta separação entre as duas realidades. O que não esperava, assumo, era que essa pergunta fosse se tornar tão importante quanto se tornou, uma vez que, ao verificar os preços básicos dos locais mais citados pelos jovens, entendem-se perfeitamente os motivos de tais espaços serem, efetivamente, espaços divergentes dos jovens em Porto Alegre.

Ao observar o esquema que segue, apresento os três espaços de alimentação mais citados pelos jovens, a partir do que foi afirmado entre os grupos de jovens da escola A (pública) e da escola B (privada). É importante salientar que outros tantos espaços de alimentação foram citados, com um número muito baixo de citações ou ainda até individualmente. O recorte da escolha dos três espaços mais citados em cada grupo se deu pela expressividade dos resultados encontrados, na medida em que os espaços se diferenciavam entre si e compuseram as relações de divergência na espacialidade urbana de Porto Alegre.

Figura 14 – Esquema Espaços de Divergência – alimentação



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

O espaço de alimentação mais citado pelos jovens da escola A (pública) foi a rede de *fast-food* Burger King®, uma das principais concorrentes, no caso do Brasil, da famosa rede McDonald's®. Já o espaço de alimentação mais citado pelos jovens da escola B (privada) foi a rede de restaurantes Madero®, que, por coincidência, também tem, como se autointitula, “*the best burger in the world*” ou, em português, “o melhor hambúrguer do mundo”.

O segundo espaço de alimentação mais citado pelos jovens da escola A foi a rede de comida japonesa Temakeria Japesca, conhecida pelo *sushi*, criada a partir da loja Japesca, uma loja de peixes do Mercado Público de Porto Alegre que, mais recentemente, também criou os restaurantes de comida japonesa. Já o segundo espaço de alimentação mais citado pelos jovens da escola B foi um restaurante também de comida

japonesa, localizado no bairro Bom Fim, em Porto Alegre, de nome Sambô Sushi.

O terceiro espaço de alimentação mais citado pelos jovens da escola A foi a conhecida – pelos transeuntes do centro de Porto Alegre – carrocinha de cachorro-quentes denominada Kurtz Dog. Além da minivan que fica na Avenida Borges de Medeiros, o Kurtz Dog tem três lojas físicas, também no centro de Porto Alegre. Já o terceiro espaço de alimentação mais citado pelos jovens da escola B foi um restaurante localizado no bairro Moinhos de Vento, chamado Le Grand Burger, uma hamburgueria inspirada na culinária francesa.

Para fins de entendimento dos gostos desses jovens, desloquei-me aos seis espaços mais citados, os três da escola A e os três da escola B, tentando entender, *in loco*, quais jovens estariam em cada espaço e como comportam-se neles. Para mim, os espaços que ficaram em primeiro e terceiro lugar, nos dois grupos, já não eram desconhecidos, pois às vezes costumo frequentá-los. Os restaurantes de comida japonesa, espaços citados em segundo lugar, tornaram-se pontos mais difíceis para mim, uma vez que o odor de peixe me deixa nauseado, o que me permitiu ficar apenas poucos minutos na parte interna desses espaços.

A rede Burger King® está presente em vários pontos da cidade, principalmente em *shopping centers*. De imediato, tinha ficado em dúvida sobre a qual loja deveria ir, pois o número delas é grande. Passados alguns dias, ocorreu-me verificar qual era o *shopping* citado apenas pelos jovens da escola A, já que essa rede foi o espaço mais citado por eles e, se houvesse uma loja Burger King nesse *shopping*, ali eu iria. O *shopping* mais citado apenas pelos jovens da escola A foi o Rua da Praia Shopping, muito diferente do *shopping* mais citado apenas pelos jovens da escola B, o Iguatemi, como será discutido no tópico seguinte. Como havia um Burger King no Rua da Praia

Shopping, optei por ir lá e observar o movimento dos jovens. Escolhi um dia de semana, visto que a circulação é maior, em contrapartida aos finais de semana.

As cenas que observei foram muito interessantes e importantes para um entendimento global da investigação. Vejamos um trecho de um diário de itinerância:

Ao chegar ao shopping, fui direto à praça de alimentação. Não é um espaço muito grande, mas não ficam pessoas em pé, aguardando mesas, como já vivenciei em outras tantas praças de alimentação. Fui direto ao Burger King e entrei na fila para pedir um hambúrguer, sentar e comer, para, só aí, observar os jovens. Ledo engano meu. Minhas observações já haviam começado na fila e eu não havia, até aquele momento, percebido. Estavam 14 pessoas na minha frente na fila para fazer o pedido. Os pedidos são entregues após o pagamento, mediante chamada pelo nome. Dessas 14 pessoas, 11 eram visivelmente jovens e os que estavam logo à minha frente me proporcionaram uma cena interessante: os 3 meninos contavam moedas e notas de dois reais como contadores profissionais. Estavam preocupados se o dinheiro ia alcançar o valor da conta do pedido. Comentaram, em um momento, “vamos pedir a promoção, dois por 15 reais”. Pensei, de imediato, “vou pedir este também”. Chega a vez desse grupo, eles pedem “duas promoções” para receberem, posteriormente, 4 hambúrgueres. Faço o meu pedido e vou para uma mesa esperar que me chamem. Enquanto espero, observo o chamamento dos nomes para que as pessoas busquem seus pedidos. Para minha surpresa, alguns nomes começaram a me soar um pouco diferentes e, quando se iam buscar os pedidos, eram jovens que “se chamavam”: “Madonna”, “Ivete Sangalo” ou ainda “Beyoncé”, todas cantoras de renome internacional. Riam sem parar quando eram chamados. Não só eles, mas os atendentes que entregavam os lanches também. E quase todos os lanches faziam parte da “promoção” de dois hambúrgueres por 15 reais. (VHNO).

Não se sai ileso de uma deambulação sociológica. São cenas que estariam presentes no cotidiano e, dependendo de nossa pressa, nosso estresse ou cansaço, poderiam passar despercebidas. Os jovens meninos que contavam o dinheiro,

possivelmente com medo de passar vergonha na hora do pagamento, visivelmente poderiam ser os jovens que participaram do questionário na escola A (pública) dos quais 50% possuem renda familiar de até um salário-mínimo (aproximadamente R\$ 1.000,00). Os jovens que, muito provavelmente, modificaram seus nomes para serem chamados pelos nomes de divas da música pop poderiam ser aquela porcentagem ínfima que aparece em investigações e assumem ser homossexuais ou aqueles que “preferem não responder” quando lhes são feitas perguntas sobre questões relacionadas à sexualidade, identidade de gênero ou orientação sexual.

Assim como a rede Burger King®, a rede Madero® (espaço de alimentação mais citado pelos jovens da escola B) está presente em vários pontos da cidade de Porto Alegre, em um número menor que a rede Burger King. Uma estratégia interessante que a rede Madero adotou foi a dos contêineres, o que chamaram de Madero Container. Desses, um dos mais famosos é o que se encontra no espaço Boulevard Laçador, um espaço de alimentação e convivência a céu aberto, ao lado do Aeroporto Salgado Filho, sendo possível ver de perto os pousos e decolagens. Como o Shopping Iguatemi (*shopping* mais citado apenas pelos jovens da escola B) abriga o maior restaurante da rede Madero em Porto Alegre, decidi fazer lá minhas observações.

Diferentemente do caso do Burger King, o Madero do Shopping Iguatemi não é um restaurante de praça de alimentação – embora se localize na área nova do *shopping*, em uma praça de alimentação –, pois é necessário entrar no restaurante para comer. Há que se anotar com uma recepcionista, pegar um “*pager*” e esperar que seja dado o aviso para ingressar na área interna do restaurante. Só nesse ponto já há um demarcador social importante: só come no Madero quem estiver disposto a entrar em um restaurante de alto padrão social, pois, nesse caso, não se come na praça de alimentação do

shopping. Para garantir um padrão de igualdade com a observação que registrei no Burger King do Rua da Praia Shopping, fui em um dia de semana no Madero do Iguatemi. O restaurante estava praticamente vazio e havia poucos jovens, todos com suas famílias. Como havia discutido anteriormente, a sociologia do cotidiano possibilita aos pesquisadores surpreenderem-se com as cenas que vivem em suas rotinas, em seu dia a dia. Havia deixado para outra oportunidade a ida a campo no Madero do Iguatemi, quando uma amiga me convidou para almoçar em um sábado lá e eu aceitei o convite, despretensioso em relação a alguma possibilidade de observação de jovens naquele espaço, em um sábado às 14 horas. Enganei-me, outra vez:

Ao chegarmos no Madero, o garçom que nos recebeu nos encaminhou para uma mesa no mezanino do restaurante. De início não gostei da mesa que nos indicaram, visto que a possibilidade de encontrar jovens seria menor, pois há menos mesas no mezanino do que no salão principal. Sorte minha! Havia uma comemoração – que depois vim a saber ser um aniversário – de uma jovem, que estava completando 17 anos. Havia várias mesas juntas, que somavam mais de 20 jovens almoçando. Quase todos já haviam feito seus pedidos e as bebidas começavam a chegar: uma quantidade significativa de bebidas alcoólicas, como cerveja, drinques com vodka e outros destilados e até espumante. Questionei minha amiga se os garçons não haviam se dado conta de que ali havia vários jovens menores de idade e que vender bebida alcoólica para menores é crime. A resposta dela foi brilhante: “Se dá dinheiro, vende”. Pensei muito sobre isso por um bom tempo. Os jovens estavam bebendo, comendo hambúrgueres e outros pratos que eram servidos no restaurante. Tive a impressão de que era um espaço de trânsito comum para esses jovens, uma vez que vários conheciam os pratos do cardápio e pediam para os garçons sem olhar os menus. Ao cantarem parabéns para a jovem aniversariante, um garçom trouxe um bolo que eu reconheci ser de uma famosa confeitaria de um Chef Pâtissier argentino aqui de Porto Alegre, cujas tortas não são nada baratas [...] (VHNO).

A frase de minha amiga muito me fez pensar pelos dias seguintes ao nosso almoço, pois a frase “Se dá dinheiro, vende” não se aplica unicamente à situação que vivenciei, de bebidas alcoólicas serem vendidas para jovens possivelmente menores de idade, mas também, por exemplo, da venda de drogas por jovens que arriscam suas próprias vidas vendendo nas bocas de drogas. Há, também, a situação das jovens que acabam na prostituição para terem algum dinheiro para comer, já que o corpo de cada uma “se dá dinheiro, vende”, ou ainda outros tantos casos de exploração do trabalho infantojuvenil, em vários até “sem dinheiro”, em regimes análogos à escravidão, mas... “se dá dinheiro, vende”. Refleti, mais uma vez, sobre o peso do capital em detrimento da vida.

No caso dos restaurantes de comida japonesa, o Japesca (para a escola A) e o Sambô Sushi® (para a escola B), a minha principal atuação foi na rua, na observação de quem entrava nos restaurantes e o que decorria nesse processo. Escolhi conhecer a Temakeria Japesca da Rua Siqueira Campos, por ser a mais próxima, no Centro Histórico, da escola A, espaço que mais citou esse restaurante. A partir das observações, pude constatar que, na Japesca, há uma prática recorrente entre os consumidores, sejam jovens ou não: muitos buscam os pratos para levar e comer em outro lugar. O número de clientes que entram no restaurante e em poucos minutos saem com sacolas de papel é bem elevado, se comparado a outros locais. Já no Sambô Sushi, a cena é outra: vários jovens que entram escolhem uma mesa, sentam, fazem seus pedidos, comem, bebem, conversam, pagam e vão embora, repetindo um clássico ritual de comer fora, em um restaurante.

No caso dos espaços de alimentação citados em terceiro lugar, Kurtz Dog (para os jovens da escola A) e Le Grand Burger® (para os jovens da escola B), a cena é muito parecida com os espaços anteriores: na medida em que o Kurtz Dog, loja

de cachorros-quentes, serve como espaço de passagem, ou seja, os jovens chegam, fazem seu pedido e levam o alimento para comer em outro lugar, no Le Grand Burger o ritual de comer em um restaurante é mantido, assim como no Sambô Sushi.

Retomando, jovens da escola A apontaram restaurantes nos quais buscam alimentos e levam-nos para comer em outros espaços, e jovens da escola B cumprem o “ritual” de comer em um restaurante. Esse padrão se repetiu e me fez voltar ao gráfico “dos espaços de Porto Alegre indicados abaixo, assinale os que você frequentou, ao menos uma vez, no último ano”, no qual 100% dos jovens da escola B assinalaram “restaurante”, em contrapartida dos 80% de jovens da escola A. Há aí outro marcador social importante, que se materializa no espaço urbano e nas suas territorialidades sociais: por um lado, jovens de maior poder aquisitivo tendem a manter um importante número de refeições em restaurantes, na medida em que podem pagar mais por elas; por outro lado, jovens de menor poder aquisitivo recorrem a restaurantes de praças de alimentação ou pegam comida para levar para outros lugares e, até mesmo, compartilhar com os demais.

a) Comidas, jovens e preços

Devido às importantes distinções encontradas nas observações dos espaços de alimentação mais frequentados pelos jovens da investigação e a partir da experiência com os espaços, seus cardápios e preços, decidi montar uma tabela comparativa, a qual contém um dos produtos de alimentação que funciona como “carro-chefe” de cada lugar e seu preço para, posteriormente, comparar o número de vezes em que os produtos são mais caros ou mais baratos, nos restaurantes afins verificados, conforme tabela a seguir.

Tabela 1 – Comparativo dos espaços de alimentação

ESCOLA A		
Estabelecimento	Produto	Preço R\$
Burger King ²¹	2 hambúrgueres	15,00
Japesca ²²	1 porção de sushi	12,00
Kurtz Dog ²³	1 cachorro-quente	10,00
ESCOLA B		
Estabelecimento	Produto	Preço R\$
Madero ²⁴	1 hambúrguer	38,00
Sambô Sushi ²⁵	1 porção de sushi	50,00
Le Grand Burger ²⁶	1 hambúrguer	\$35,00

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Na primeira linha, aponte os restaurantes mais citados pelos jovens da escola A e da escola B. No Burger King, o preço de dois hambúrgueres é de R\$ 15,00 e no Madero o preço de um hambúrguer é de R\$ 38,00. Na segunda linha, aponte os restaurantes mais citados em segundo lugar pelos jovens, sendo que no Japesca (escola A) a porção inicial de *sushi* custa R\$ 12,00 e no *Sambô* a porção mais barata do mesmo produto custa R\$ 50,00. Na terceira linha, aponte os terceiros restaurantes citados pelos jovens, sendo que um cachorro-quente no Kurtz Dog custa R\$ 10,00 e um hambúrguer no Le Grand Burger custa R\$ 35,00.

Ao montar a tabela anterior e ficar impressionado com as diferenças de preços dos produtos principais de cada espaço, optei por dividir os valores dos produtos correspondentes e verificar quantas vezes o preço de cada produto seria mais caro, no comparativo entre produto citado pelos jovens da escola A e

²¹ BURGERKING (2019, digital).

²² TEMAERIAJAPESCA (2019, digital).

²³ KURTZ_DOG (2019, digital).

²⁴ RESTAURANTEMADERO (2019, digital).

²⁵ SAMBOSUSHI (2019, digital).

²⁶ LEGRANDBURGER (2019, digital).

produto citado pelos jovens da escola B. Os números são, verdadeiramente, impactantes.

Tabela 2 – Comparativo dos preços dos espaços de alimentação

ESCOLA A		ESCOLA B		Relação preço “A” x “B”
Produto	Preço	Produto	Preço	
2 hambúrgueres	R\$15,00	1 hambúrguer	R\$ 38,00	5 vezes
1 porção de sushi	R\$ 12,00	1 porção de sushi	R\$ 50,00	4,1 vezes
1 cachorro-quente	R\$ 10,00	1 hambúrguer	R\$ 35,00	3,5 vezes

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Na medida em que dois hambúrgueres pagos pelos jovens da escola A custam R\$ 15,00, cada um custaria, se fosse vendido separadamente, R\$ 7,50. Ao comparar com o preço do hambúrguer do Madero, constata-se que o último possui valor 5 vezes maior. A proporcionalidade é assustadoramente grande. Considerando a diferença de preço entre os dois estabelecimentos comerciais e a renda familiar declarada pelos jovens, embora seja uma equação perversa, não seria uma forma de impedir o acesso a um segmento específico da população jovem a espaços considerados como prerrogativa dos que desfrutam uma condição socioeconômica privilegiada? Essa constatação reforça o fato de que o Brasil é um dos países que a brutal diferença de renda coloca entre os mais desiguais do mundo. Tais dados se repetem, em menor grau, mas não com menor impacto, entre os produtos dos restaurantes de comida japonesa, em virtude de que o valor pelo qual pagam os jovens da escola B é mais de 4 vezes superior ao que os jovens da escola A pagam. O mesmo ocorre com os produtos citados em terceiro lugar, quando os jovens da escola B pagam 3,5 vezes mais que os da escola A.

Nessa análise reside, também, o trecho da tese proposta “[...] territorializam a cidade [...] ora de forma divergente, não querendo se encontrar, inclusive”. Essa divergência, expressa nos preços pagos pelos diferentes produtos de alimentação

consumidos pelos jovens dos grupos A e B, denota uma territorialidade importante: a do capital. Comem em restaurantes mais caros aqueles que, obviamente, podem pagar por isso. Essa divergência nos espaços de alimentação, por mais inconsciente que possa ser, afasta os jovens dos dois grupos, colocando-os, mesmo que não saibam, em postura de “não querer encontrar-se”. Restaurantes são oferecidos a uma parte da sociedade como uma “vitrine dos bem-nascidos economicamente”, enquanto os menos favorecidos não têm essa possibilidade porque os espaços frequentados por eles são outros.

4.2.2.3 Outros espaços de divergência

Para além dos espaços de divergência de alimentação apontados, verifiquei outros espaços que foram citados ou pelos jovens da escola A, em maioria, ou pelos jovens da escola B, igualmente em maioria. No esquema que segue, é possível observar que os espaços mais citados pelos jovens da escola A foram: Casa de Cultura Mario Quintana; Parque Marinha do Brasil e Rua da Praia Shopping. Já os espaços mais citados pelos jovens da escola B foram: Shopping Iguatemi, Praça da Encol (Praça Carlos Simão Arnt) e Parcão (Parque Moinhos de Vento).

Figura 15 – Esquema Espaços de Divergência – Espaços públicos/privados



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Mesmo que indicados em ordens diferentes, tanto os jovens da escola A quanto os jovens da escola B citaram um *shopping* cada grupo (espaço privado) e dois espaços públicos cada grupo; no caso da escola B, foi um parque e uma praça e, no caso da escola A, um parque e um centro cultural.

No que se refere aos dois *shoppings* apontados, em divergência, pelos jovens participantes da investigação, há que se iniciar constatando o fator de localização geográfica: o Rua da Praia Shopping localiza-se no centro de Porto Alegre, conforme já anunciado quando da deambulação sociológica no Burger King daquele espaço, ou seja, uma localização próxima à escola dos jovens e em um espaço central de Porto Alegre, no qual circulam pessoas de todas as classes sociais, com destaque para a população de classe média e média-baixa. O Shopping Iguatemi, por sua vez, localiza-se em uma zona de alto poder

aquisitivo da cidade, próximo ao Parque Germânia, também anunciado anteriormente, afastado da escola dos jovens do grupo B, mas próximo às residências de alguns destes, uma vez que verificamos que um percentual destacado mora em bairros nas proximidades ou na direção do Shopping Iguatemi. Nesse aspecto reside, portanto, outra divergência socioeconômica que se territorializa no espaço urbano.

Em relação aos parques ou às praças apresentados, os jovens da escola A informaram frequentar o Parque Marinha do Brasil, criado no final da década de 1970, entre as avenidas Borges de Medeiros e Edvaldo Pereira Paiva, a popularmente conhecida Beira-Rio. Esse é um parque que concentra jovens que se dedicam à prática do skate, pois há um conjunto de pistas de skate, além da parcela da população residente nas proximidades do parque ou ainda jovens que tendem a apreciar a natureza, dados os mais de 70 hectares de área verde do parque, um dos maiores da capital gaúcha. Por outro lado, o Parque Moinhos de Vento, popularmente conhecido como Parcão, e a Praça Carlos Simão Arnt, popularmente conhecida como Praça da Encol, são áreas verdes, ou parques urbanos, que se localizam incrustadas em regiões muito nobres da cidade, nos bairros Moinhos de Vento e Bela Vista, respectivamente. São áreas de práticas de caminhadas/corridas e atividades físicas em geral, nas quais circulam, comumente, pessoas que vivem nas proximidades dos parques, em bairros cujos apartamentos podem chegar a valores bem superiores à faixa dos milhões de reais. Nessa perspectiva, outra vez, reside uma divergência de circulação, apropriação e pertencimento de espaços da cidade, pois há que se considerar que os jovens da escola A tendem a ser repelidos, por exemplo, em relação aos espaços frequentados pelos jovens da escola B, gerando, assim, outra partição social da cidade. Há uma diferença igualmente importante: enquanto parques como o Germânia (de amplo acesso aos jovens da escola B) é cercado, o parque Marinha do Brasil (de maior acesso dos jovens da escola

A) não possui cercas em seu perímetro. Estaríamos, então, frente a juventudes que “se cercam” ou que “não se permitem cercar”?

b) Casa de Cultura Mario Quintana

A Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), espaço citado apenas pelos jovens da escola A, localiza-se no Centro Histórico de Porto Alegre, na Rua dos Andradas, antiga Rua da Praia, pois era margeada pelo lago Guaíba. Os prédios que hoje abrigam o centro cultural que recebe o nome de um dos mais importantes poetas gaúchos já foi o grandioso Hotel Majestic, onde o poeta Mario Quintana tinha seu quarto particular e ali morava. Atualmente, é um complexo com cinemas, teatros, museus, bibliotecas, espaços para exposições, realizações de eventos culturais, cafés e restaurante.

Figura 16 – Casa de Cultura Mario Quintana/Fachada



Fonte: Mainar (2019).

A CCMQ merece destaque especial em nossa pesquisa, uma vez que o trânsito juvenil nesse espaço ganha cenas importantes para a análise do pesquisador das juventudes. O espaço é muito movimentado, especialmente por jovens, tanto nos dias de semana quanto aos finais de semana. Existem diversos espaços na CCMQ pelos quais os jovens têm preferência, mas o que ganha maior destaque é o Jardim Lutzenberger, localizado no 5º andar do prédio. Trata-se de um jardim com diversas plantas endêmicas do Rio Grande do Sul, inclusive com plantas aquáticas, que estão ambientadas nas banheiras antigas que eram utilizadas no hotel. Existem bancos e espreguiçadeiras nos quais os jovens se encontram em grupos ou aos quais vão sozinhos, para, quem sabe, encontrar outros jovens e fazer novas amizades ou amores. Vejamos um trecho de um diário de itinerância, escrito a partir de uma deambulação sociológica na Casa de Cultura Mario Quintana:

Hoje decidi fazer diferente, não fiquei apenas na Travessa dos Cataventos – rua que une os dois prédios da CCMQ – mas subi de elevador até o sétimo andar e fui descendo, pelas escadas, até o térreo, ato/exercício que chamei de uma “deambulação de(s)cente”. Sétimo andar: apenas há o acesso para o café e restaurante Santo de Casa, ninguém nos corredores. Desço para o sexto. Sexto andar: entro no espaço do MACRS (Museu de Arte Contemporânea do RS), no qual há uma exposição e muito espaço “vazio”. Caminho um pouco e observo, através da abertura de um mezanino para o 5º andar, dois jovens jogando uma espécie de jogo de RPG (role-playing game, espécie de jogo no qual os jogadores assumem papéis de personagens imaginários em um mundo fictício). Desço para o 5º andar para tentar encontrar esses jovens, mas parece que entro em uma espécie de labirinto e não localizo exatamente onde eles estavam. Seria um trunfo dos jovens escolherem um local de difícil acesso para não serem interrompidos? De toda sorte, estou à porta do Jardim Lutzenberger, sem hesitar, entro (ou saio) para o jardim. Há, no fundo, um grupo de 4 jovens sentados em bancos e conversando, há duas jovens tirando selfies, há vários jovens sentados nas

espreguiçadeiras e outros estão nas laterais, provavelmente esperando algum espaço para se sentarem ou se acomodarem. De repente, uma cena ocorre e deixa a mim e aos demais sem reação: os 4 jovens que estão sentados nos bancos, mais ao fundo, protagonizam um “beijão”, um beijo quádruplo. Tento conter a minha emoção/reação para passar a prestar atenção, imediatamente, à reação dos demais naquele espaço. Alguns olharam, esboçaram alguma expressão facial, comentaram entre si e seguiram suas conversas e seus assuntos; outros, por sua vez, nem notaram a cena. Fiquei, confesso, impressionado com a naturalidade com que as pessoas trataram a cena que viram, muito provavelmente devido ao fato de entender que as pessoas têm o direito de exercer suas sexualidades da forma que melhor lhes convier. Recomponho-me das reações das pessoas e vou para o quarto andar. Ao chegar no quarto andar, vejo, na passarela que une os dois prédios da CCMQ, um grupo de 4 jovens ensaiando uma coreografia ao som de uma música de alguma diva pop, todos homens e com sapato de salto alto, prática que vim a descobrir chamar-se de Stiletto Dance, de ampla divulgação em vídeos para o YouTube. Na mesma passarela, havia uma jovem, provavelmente uma blogueira, tirando fotos em muitas poses, com um fotógrafo profissional ao que tudo indicava. (VHNO).

As cenas observadas naquela tarde na CCMQ dizem respeito a um conjunto de práticas juvenis muito próprias, que certamente poderiam ser observadas em outros dias naquele espaço ou através de outras formas de manifestações. É, seguramente, uma forma de territorialização do espaço o “beijão”, pois, para além do pensamento simplista de querer “causar” ou “chocar” quem está ao redor, tratou-se de uma afirmação do exercício da sexualidade de jovens que se descobrem e se redescobrem, tornando fluida a sua sexualidade e garantindo o direito de exercê-la da maneira que for melhor para si mesmos e para todos.

Figura 17 – Jovens no Jardim Lutzenberger



Fonte: acervo do autor (2019).

A Casa de Cultura Mario Quintana constituiu-se, ao longo do tempo, em um espaço de presença e pertença juvenil muito intensa. Para além do tradicional público apreciador e frequentador da cena cultural porto-alegrense, os jovens são aqueles que, em maioria, enchem os corredores, jardins e cantos desse espaço tradicional da cultura da cidade. O fato de a CCMQ ter sido citada apenas por jovens da escola A (escola pública) é um sinal de que estes se apropriam do referido espaço, em divergência com os jovens da escola B, já que a Casa de Cultura não foi citada por nenhum deles. Há, portanto, uma territorialidade específica desse local, diferentemente das ocupações territoriais anteriores, pois a CCMQ é terreno de jovens, nesse estudo, da escola A, ou seja, da escola pública.

4.2.3 Outras percepções juvenis sobre a cidade...

Para além da importante verificação, análise e discussão dos movimentos de convergência e de divergência dos espaços urbanos em Porto Alegre, a partir do que apresentaram os jovens das escolas A e B, realizei outros questionamentos sobre

as mais diversas percepções desses sujeitos acerca da cidade, tais como: o que eles gostariam de mudar em sua cidade ou ainda quais seriam as principais vantagens e desvantagens de morar em Porto Alegre, associando a algumas verificações de afirmações que fizemos, medindo o grau de concordância a partir da escala Likert (1932).

4.2.3.1 O que os jovens gostariam de mudar em sua cidade

Em um primeiro momento, perguntei aos jovens, no questionário, o que eles gostariam de mudar/construir em Porto Alegre e, quando iniciei as análises da questão e, consequentemente, do bloco de questões associadas a essa, pude constatar que havia respostas em comum entre os jovens das escolas A e B e respostas particulares de cada grupo. A pergunta foi: “O que você gostaria de mudar/construir em Porto Alegre?”. A intenção era descobrir e analisar o que, naquele momento, estaria gerando incômodo ou desconforto, na cidade, para os jovens participantes da pesquisa. O esquema, em forma de elipses interseccionadas, evidencia as aproximações e as individualidades das respostas dos distintos grupos.

Figura 18 – Esquema “O que você gostaria de mudar/construir em Porto Alegre?”



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Inicialmente, cabe ressaltar que me surpreendeu a quantidade de vezes que, nos dois grupos, surgiram respostas referentes à segurança como algo que os jovens gostariam de mudar em sua cidade. Esse tema ressoou em outras tantas partes da coleta dos dados, pois surgiram respostas das mais variadas formas sobre a questão da segurança não só no questionário, mas também nas cartas ao visitante e nos grupos focais.

Algumas das respostas dos jovens que me fizeram criar a categoria de segurança foram: “a segurança até a vinda para a escola”; “mais espaços para jovens com segurança”; “gostaria de melhorar a situação da segurança, trabalhando arduamente na educação das pessoas, o que geraria uma grande melhora futura”.

Ou seja, os jovens de ambas as realidades têm noção de que precisam de mais segurança no trajeto até a escola, de que precisam de espaços com mais segurança e de que a educação se configura como chave para resolver – em médio prazo, grifo meu – as questões relativas à segurança pública. Esse imaginário de que “a educação tudo pode” é muito explorado, por exemplo, em épocas eleitorais, já que as palavras de ordem nesses períodos são, predominantemente, “saúde”, “segurança” e “educação”, essas duas últimas amplamente presentes nesse estudo e nas falas dos sujeitos.

A percepção de insegurança urbana pelos jovens é tão contundente que, ao apresentar a afirmação “Porto Alegre é uma cidade insegura”, a massiva maioria dos sujeitos assinalou, a partir de opções na escala Likert, as duas que se referem ao grau de concordância (plena ou parcial); vide o gráfico que segue.

Gráfico 11 – Escala Likert – Porto Alegre é uma cidade insegura



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Com um pequeno percentual a mais na escola B, os jovens dos dois espaços assinalaram grau de concordância em relação à afirmação de que Porto Alegre é uma cidade insegura. O grau de indiferença foi nulo na escola B e baixo na escola A; já o grau de discordância foi muito baixo nas duas realidades. É imperativo lembrar não apenas que o número de assaltos, sequestros e homicídios, por exemplo, é muito elevado nas grandes metrópoles brasileiras, mas também que Porto Alegre vem despontando como uma das cidades mais violentas do país, com índices tão alarmantes, conforme constatado no Atlas da Violência (2019), ou mais do que cidades tidas como muito violentas, como Rio de Janeiro ou São Paulo, por exemplo.

A ampla percepção de violência pelos jovens também tem um componente que a reforça constantemente: as mídias. A quantidade de notícias de mortes e violência urbana que são veiculadas em programas de televisão sensacionalistas é estratosférica. Manchetes de reportagens sobre violência urbana que circulam nas redes sociais às quais os jovens têm acesso não são poucas. Acima de tudo, o mais impactante é que a imagem dos jovens está fortemente vinculada ao cenário da insegurança e da violência na cidade. Ao fazer um experimento para verificar os algoritmos e a randomização de sites de busca como o Google, colocando-se a palavra “jovens” no buscador e selecionando-se a opção “notícias”, este é o quadro que se encontra.

Figura 19 – Pesquisa por “jovens” no Google notícias



Fonte: Google (2019).

A relação direta dos jovens com matérias que os associam a assassinatos, por exemplo, vincula esses sujeitos ao que de mais violento nossa sociedade é capaz de produzir: tirar a vida de outro. A sensação de insegurança, principalmente nas grandes cidades, por esses sujeitos, não é, portanto, invenção ou alarmismo, mas, sim, é a dura e triste realidade de quem, muitas vezes, está na mira das balas “perdidas”, as quais muitas vezes são “encontradas” nos corpos dos jovens brasileiros.

Nessa perspectiva, a questão da segurança configurou-se como um tema convergente apontado tanto pelos jovens da escola A quanto pelos jovens da escola B. Outros aspectos foram apresentados de maneira “divergente”, ou seja, ou apenas pelos jovens de uma realidade ou pelos jovens da outra realidade.

Os jovens da escola A expuseram, como aquilo que gostariam de mudar ou construir em Porto Alegre, argumentos relacionados aos seguintes temas: política, equipamentos

urbanos, educação e cultura. Alguns exemplos de afirmações, por categoria levantada, foram:

Quadro 4 – Respostas dos jovens da escola A sobre o que gostariam de mudar/construir em Porto Alegre

Categoria	Respostas
Política	<ul style="list-style-type: none"> - mudar o prefeito, para tentar melhorar a cidade - mudar o atual prefeito - mudar a forma de privilégios para quem não tem dinheiro (e o prefeito kkk) - mudar as atitudes da prefeitura/governo
Equipamentos Urbanos	<ul style="list-style-type: none"> - construir pequenas praças em todos os bairros - mais lugares de lazer, mais espaços verdes - reformar os prédios históricos - mais lugares públicos - pintura de monumentos e construções
Educação	<ul style="list-style-type: none"> - melhorar as escolas públicas - aulas de música para jovens nas escolas - mais escolas em bairros pobres
Cultura	<ul style="list-style-type: none"> - mais eventos abertos apoiando a cultura - mais shows ao ar livre nos parques - entrada grátis em todos os lugares

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Os jovens da escola B, por sua vez, trouxeram, como aquilo que gostariam de mudar ou construir em Porto Alegre, respostas relacionadas aos seguintes temas: mobilidade urbana, questões sociais e meio ambiente. Alguns exemplos de afirmações, por categoria levantada, foram:

Quadro 5 – Respostas dos jovens da escola B sobre o que gostariam de mudar/construir em Porto Alegre

Categoria	Respostas
Mobilidade Urbana	<ul style="list-style-type: none"> - a estrutura do transporte público - ter linhas de metrô - melhores estruturas de paradas de ônibus, melhores ruas e mais sinalizações
Questões Sociais	<ul style="list-style-type: none"> - ter menos moradores de rua e pessoas em situação de vulnerabilidade social - melhorar a vida precária de muita gente de Porto Alegre - mudar algumas situações de extrema pobreza
Meio Ambiente	<ul style="list-style-type: none"> - uma coleta de lixo mais eficiente - mudar o estado atual do lago Guaíba - prezar mais o cuidado com a natureza

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

O que os jovens nos trazem em relação à sua cidade, para além de suas preocupações de suma importância, é, também, a construção da ideia de que, conforme a realidade de cada grupo, as necessidades não são, necessariamente, as mesmas. À medida que os jovens da escola A (pública) apontam que gostariam de mudar questões na política – e vários explicitaram “o atual prefeito”²⁷ –, igualmente colocam questões

²⁷ Quando da coleta de dados para a presente tese, o atual prefeito de Porto Alegre era o senhor Nelson Marchezan Júnior, amplamente criticado pela ausência de obras públicas como capina e roçada de matos e gramas em vias públicas e pela demora excessiva em tapar buracos de ruas e avenidas da cidade. Foi lançada a campanha “fora, prefake”, em alusão à sua gestão, pois seria uma gestão “fake” ou falsa, em português.

relacionadas a melhorias em equipamentos urbanos, melhorias estas de responsabilidade da prefeitura. Esses jovens apontam, do mesmo modo, a necessidade de melhorias nas áreas de educação e cultura, explicitando o que mais lhes falta: escolas públicas de melhor qualidade – afinal, são esses jovens que sofrem com o desmonte da escola pública em andamento no país – e um mais amplo acesso à cultura gratuita, por meio da demanda de mais eventos públicos na área da cultura.

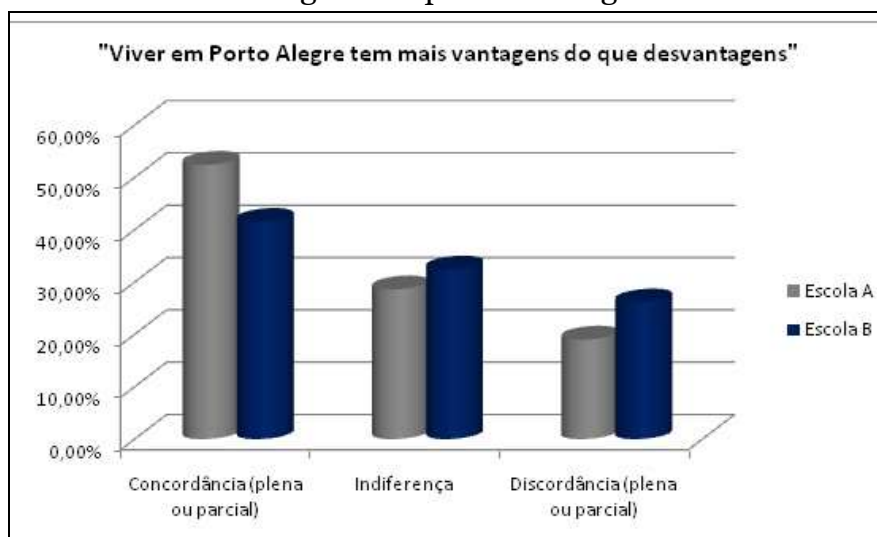
Como são realidades diferentes, as demandas próprias de cada grupo também tendem a ser diferentes. Dessa forma, os jovens da escola B (privada) elencaram outras necessidades, para além da que está em comum com os jovens da escola A, que era a questão da segurança. Os jovens da escola privada trazem necessidade de melhorias ou mudanças na cidade nos campos de mobilidade urbana, questões sociais e meio ambiente, afirmando a necessidade de um transporte público adequado, dando o exemplo do metrô, transporte público inexistente na capital gaúcha. Argumentam que, sem dúvida, melhoraria muito a qualidade de vida se a população tivesse acesso a esse modal de transporte público urbano. Apontam, ainda, a necessidade de atuar em questões sociais, o que denota uma sensação de entendimento de que vivem em uma condição social distinta de muitas outras pessoas e que a dignidade humana deveria ser de acesso universal. Por fim, apontam importantes questões ambientais a serem mudadas em Porto Alegre, como a questão do lixo, o cuidado com a natureza e, em específico, com o lago Guaíba, corpo d'água que margeia a cidade e já tratado anteriormente nessa investigação.

4.2.3.2 Vantagens e desvantagens de morar em Porto Alegre

Dado que há o entendimento de que existem distintas percepções sobre o urbano, a partir de recortes socioeconômicos e culturais diversos, considere importante avaliar quais seriam as vantagens e as desvantagens de morar em Porto Alegre, para

os jovens sujeitos participantes da investigação. Antes de entrar nas particularidades das vantagens/desvantagens, cabe analisar as respostas dos graus de concordância, indiferença ou discordância relacionados à afirmação “Viver em Porto Alegre tem mais vantagens do que desvantagens”. Observemos o gráfico que segue.

Gráfico 12 – Escala Likert – Viver em Porto Alegre tem mais vantagens do que desvantagens



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

De maneira geral, há um entendimento de que os jovens concordam, em maioria, com a afirmação de que viver em Porto Alegre tem mais vantagens do que desvantagens, sendo que 50% dos jovens da escola A estão na faixa de concordância, em contraste com os pouco menos de 40% dos jovens da escola B. Há uma distribuição também interessante entre os graus de indiferença e de discordância, o que nos levou à reflexão específica de cada dado isolado, ou seja, sobre quais seriam as vantagens e as desvantagens de morar em Porto Alegre, a partir do entendimento das proximidades e dos distanciamentos dos jovens de realidades diversas.

4.2.3.2.1 Vantagens

Seguindo o raciocínio de que os jovens de distintos segmentos sociais têm convergências e divergências não só no espaço concreto da cidade, mas também em suas percepções urbanas, o tema “vantagens de morar em Porto Alegre” também apresentou tais aproximações e distanciamentos, como é possível observar a partir do esquema que segue.

Figura 20 – Esquema “Em sua opinião, quais são as principais vantagens de morar em Porto Alegre?”



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Os dois grandes eixos que marcaram o movimento de convergência da percepção dos jovens sobre as vantagens de morar em Porto Alegre foram “cultura” e “lazer”, com respostas que podem ser observadas no quadro que segue.

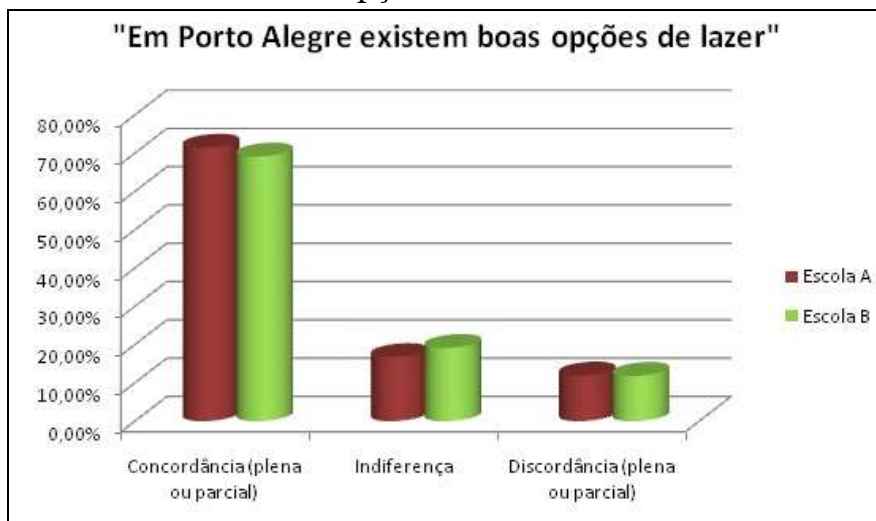
Quadro 6 – Respostas dos jovens das escolas A e B (convergências) sobre as vantagens de morar em Porto Alegre

Categoria	Respostas
Cultura/ Lazer	<ul style="list-style-type: none"> - a cultura é muito boa - o chimarrão - diversidade de lugares culturais - comida boa - cultura bem aproveitada - opções variadas de lazer e divertimento - os lugares para passeio - Por ser “cidade grande” temos mais disponibilidades de tecnologias, espaço de lazer, diversidade de culturas <ul style="list-style-type: none"> - a enorme parcela de artistas locais e lugares que apoiam a cultura - variedade de espaços de lazer - cidade grande com aspecto de cidade pequena, tem vários lugares para visitar e passar tempo

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Para corroborar no entendimento do que afirmam os jovens das duas realidades sobre as vantagens de morar em Porto Alegre, no campo da cultura e do lazer, ao apresentar a afirmação “em Porto Alegre existem boas opções de lazer”, a massiva maioria dos sujeitos assinalou, a partir de opções na escala Likert, as duas que se referem ao grau de concordância (plena ou parcial); vide o gráfico que segue.

Gráfico 13 – Escala Likert – Em Porto Alegre existem boas opções de lazer



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Há um entendimento comum, portanto, de que em Porto Alegre existem, como afirmado pelos jovens, boas opções de lazer e, em conjunto com as análises das respostas sobre tais vantagens, a percepção dessas boas opções de lazer reside, de maneira geral, no aproveitamento dos espaços públicos, nas opções culturais da cidade (e em seus artistas, como apontado por um jovem), nas comidas típicas e na bebida tradicional (o chimarrão) e no fato de que há um entendimento, entre muitos porto-alegrenses, de que a cidade, mesmo sendo uma metrópole e capital de estado, apresenta características de uma cidade pequena. Esse entendimento se dá, muito provavelmente, devido ao movimento migratório chamado “movimento pendular”, o qual é entendido como o movimento diário de pessoas entre seus locais de residência e seus locais de trabalho, desde que esse movimento seja de considerável distância e/ou tempo. É o caso de Porto Alegre e das cidades limítrofes ou da própria região

metropolitana. A capital conta com pouco menos de um milhão e quinhentos mil habitantes; contudo, a cidade “incha” durante o dia, quando um número tão grande quanto o da população da capital chega ao seu destino para trabalhar e, ao final do dia, retorna para suas casas, “esvaziando” a cidade.

No caso das respostas divergentes sobre as vantagens de morar em Porto Alegre, os jovens da escola A responderam que os benefícios de morar na capital residem em três focos: trabalho, educação e logística. Alguns exemplos de respostas podem ser verificados no quadro que segue.

Quadro 7 – Respostas dos jovens da escola A sobre as vantagens de morar em Porto Alegre

Categoria	Respostas
Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> - tem bastantes empresas e empregos - possibilidade de estágios - ter mais opções de emprego - tem mais oportunidades de emprego que em outras cidades
Educação	<ul style="list-style-type: none"> - ensino e oportunidades que vêm - oportunidades de formação - tem faculdade perto - ter faculdades boas - mais opções de estudo - oportunidades de estudos em melhores escolas - ter as instituições de estudo na cidade - ter mais opções de estudo do que no interior
Logística	<ul style="list-style-type: none"> - tem facilidade de locomoção - fica perto de comércios baratos, é fácil a locomoção - morar perto de tudo

	<ul style="list-style-type: none"> - ônibus para vários lugares, pena que está caro - supermercado perto de casa - ter acesso prático a hospitais, escolas, aeroporto - ter tudo o que eu preciso perto
--	---

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Já os jovens da escola B afirmaram que as vantagens estão relacionadas ao clima, à natureza, à família e aos amigos. Alguns exemplos de respostas podem ser verificados no quadro que segue.

Quadro 8 – Respostas dos jovens da escola B sobre as vantagens de morar em Porto Alegre

Categoria	Respostas
Clima	<ul style="list-style-type: none"> - acho uma cidade bonita e com um clima muito bom - cidade com clima agradável
Natureza	<ul style="list-style-type: none"> - os parques de Porto Alegre - vários parques e áreas de lazer
Família	<ul style="list-style-type: none"> - é a cidade natal da minha família - é onde a maior parte da minha família vive - minha família mora aqui e eu já estou adaptado aos costumes - minha família mora aqui e é uma cidade acolhedora
Amigos	<ul style="list-style-type: none"> - minhas amigades - as pessoas com quem convivo - meus amigos e diversidade de coisas para fazer

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Acredito que a interpretação dos dois últimos quadros apresentados sobre as diferentes percepções das vantagens de morar em Porto Alegre, a partir de levantamentos específicos de jovens das escolas A (pública) e B (privada), só é possível pelo entendimento de que existem distintas percepções sobre o urbano, considerando-se os recortes socioeconômicos e culturais diversos apresentados na caracterização da amostra desta investigação.

Impressiona como as respostas apresentadas como “vantagens” de morar em Porto Alegre se apresentam de maneiras distintas. Tais diferenças são compreendidas a partir do momento em que conseguimos entender que existem divergências em relação às necessidades particulares de cada grupo. Ao declarar que as boas opções de ensino e as oportunidades de trabalho são vantagens para morar em Porto Alegre, os jovens da escola pública estão afirmando que essas são necessidades efetivas e demandadas por eles. Por outro lado, os jovens da escola B não apontaram essas vantagens, muito provavelmente pelo fato de que bom estudo e boas oportunidades de trabalho são condicionantes que – *a priori* – já lhes estão garantidas, dada sua condição social. Ao mesmo tempo, não é demérito algum, para os jovens da escola B, afirmarem que as questões sobre o bom clima da cidade ou a presença de áreas verdes, ou ainda a proximidade dos amigos e da família são vantagens de morar em Porto Alegre. Tais diferenças apontam, unicamente, para um reflexo da gigantesca desigualdade social presente – e em franco aumento – no Brasil.

4.2.3.2.2 Desvantagens

Quando analisamos as categorias convergentes que ambos os grupos de jovens afirmaram ser desvantagens de morar em Porto Alegre, é possível perceber um movimento cíclico em relação ao que estes mesmos jovens gostariam de mudar ou construir na cidade, como apresentado e discutido

anteriormente. Os jovens apontam que a insegurança é a principal desvantagem de morar em Porto Alegre e, quase que unanimemente, afirmam que gostariam de mudar a questão da segurança pública. Os jovens de ambas as realidades afirmam que outra desvantagem de morar na cidade é a questão da limpeza urbana (ou da falta dela, por melhor dizer), e, anteriormente, os jovens da escola B também trouxeram importantes questões relacionadas ao meio ambiente. Da mesma forma, esses jovens já tinham apresentado que um tópico a ser mudado ou construído em Porto Alegre diz respeito às questões de mobilidade urbana, outro tema apresentado como desvantagem de morar na capital. Esse entendimento que se completa reforça a ideia de que os jovens têm importantes percepções sobre sua cidade e gostariam de ver as melhorias de que Porto Alegre tanto precisa para avançar, sejam elas no campo físico da cidade (construções, equipamentos urbanos, áreas públicas), sejam no campo da política (segurança, educação, cultura, lazer).

Figura 21 – Esquema “Em sua opinião, quais são as principais desvantagens de morar em Porto Alegre?”



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Sobre o t3pico de que uma das desvantagens de morar em Porto Alegre se refira 3 a falta de limpeza urbana, questionei os jovens qual seria o grau de concord3ncia deles em rela3o 3 seguinte afirma3o: “Porto Alegre 3 uma cidade limpa”. Os dados s3o contundentes.

Gr3fico 14 – Escala Likert – Porto Alegre 3 uma cidade limpa



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

A imensa maioria dos jovens, tanto na escola A quanto na escola B, est3 no grau de discord3ncia (plena ou parcial) em rela3o 3 afirma3o proposta, demonstrando o conhecimento de que Porto Alegre n3o 3 uma cidade limpa. Esse entendimento encontra fundamento em dois eixos de an3lise: o primeiro diz respeito 3 falta de investimentos da prefeitura em rela3o 3 limpeza p3blica, e o segundo relaciona-se 3 falta de educa3o de boa parte da popula3o da cidade, que insiste em jogar lixo no ch3o. A percep3o dos jovens de que a cidade n3o 3 uma cidade limpa tende a oferecer pistas de esperan3a acerca do futuro, na

medida em que se acredita que quem percebe que sua cidade está suja não a sujará.

Quanto às desvantagens de morar em Porto Alegre, foi possível categorizar um bloco de análise para cada grupo de jovens, em separado, o que chamo de “divergência” na percepção da cidade. Os jovens da escola A afirmam, isoladamente, que a principal desvantagem de morar em Porto Alegre está relacionada às questões das desigualdades sociais, muito provavelmente por sentirem tais desigualdades em seus cotidianos, conforme as informações coletadas e discutidas na caracterização dessa amostra da pesquisa, no que se refere, por exemplo, à renda média das famílias ou ao recebimento de programas sociais do Governo Federal. Esses jovens afirmam que “há muita desigualdade social na cidade”, ou ainda que “os índices de desemprego são altos”. Têm o entendimento de que aumentou o número de moradores de rua em Porto Alegre, ao afirmarem que “tem muita gente morando na rua”.

Os jovens da escola B, por sua vez, afirmam que uma das principais desvantagens de morar em Porto Alegre reside justamente na falta de gestão, apontando que a falta de segurança, o patrimônio público malcuidado, a sujeira da cidade, entre outros aspectos, dizem respeito à gestão municipal que, nas palavras deles, “não é eficiente”. O entendimento de “colocar a culpa na gestão” pode ser interpretado de duas maneiras. A primeira diz respeito a “desculpabilizar-se”, ou seja, colocar a culpa pelos problemas da cidade em quem a administra e, dessa forma, não tomar parte naquilo que lhe cabe, inclusive quando dos processos eleitorais de escolha dos governantes municipais. A segunda forma de interpretação – e nos parece que aqui se encontra, de fato, o fundamento – é o verdadeiro entendimento de que a gestão pública municipal não vem cumprindo seu papel de, efetivamente, prezar pelas

garantias de bem viver dos cidadãos que residem em Porto Alegre.

É interessante que, a partir desses levantamentos, pude notar que o tema das convergências e divergências na/da cidade reveladas pelos jovens sujeitos da investigação extrapola a questão espacial, ou seja, vai para além dos espaços concretos da cidade, sendo possível, como demonstrado, verificar movimentos de aproximações e/ou distanciamentos em relação a outras formas de percepção do urbano e, em específico, da cidade de Porto Alegre.

4.2.4 Os fluxos juvenis em Porto Alegre

Pensar os fluxos urbanos dos jovens escolarizados em Porto Alegre adquiriu importância, ao longo dos estudos da pesquisa, na medida em que percebi que esses jovens possuem determinados trânsitos pela cidade, a partir dos estudos-pilotos que desenvolvemos com a metodologia inovadora das “cartas ao visitante” (OLIVEIRA, 2019; OLIVEIRA; LACERDA, 2018). Ao contrário do que se poderia ouvir, no senso comum, de que jovens menores de idade pouco transitam pelo espaço justamente por serem menores ou, ainda, ao analisar os discursos alusivos ao tema da insegurança urbana presente no cotidiano das cidades brasileiras e latino-americanas, verifiquei que esses sujeitos realizam seus movimentos próprios pela cidade, acompanhados de seus responsáveis, sozinhos, ou ainda entre pares – ponto este que nos direciona para análise e discussão.

Antes de adentrar nas análises dos conteúdos das cartas ao visitante, cabe verificar, inicialmente, o grau de concordância dos jovens da investigação em relação a duas frases: “Porto Alegre é uma cidade turística” e “Em Porto Alegre as pessoas frequentam os espaços públicos”. O entendimento desses graus

de concordância influenciará diretamente nas análises das cartas escritas pelos jovens.

Gráfico 15 – Escala Likert – Porto Alegre é uma cidade turística



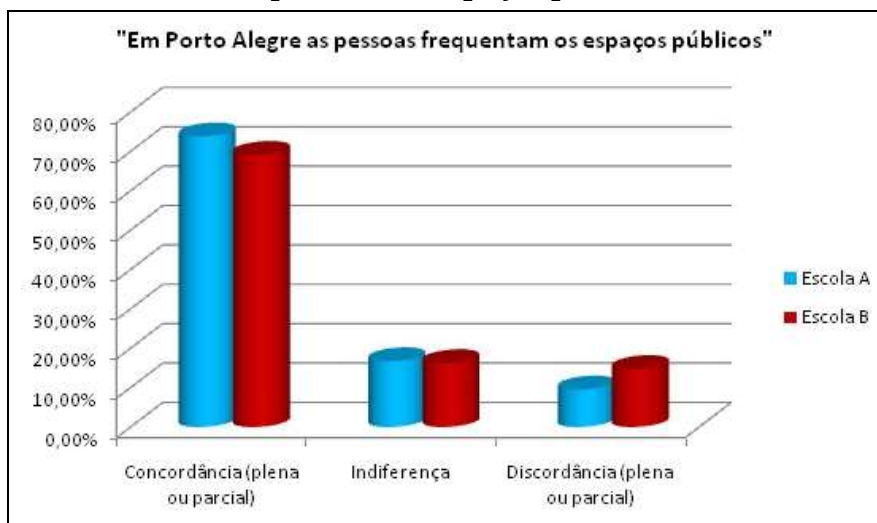
Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Há uma visível discrepância em relação ao entendimento de que Porto Alegre seja uma cidade turística, visto que os jovens da escola A (pública) concordam, em sua maioria (59%), e os jovens da escola B (privada) discordam, em sua maioria (47%), o que me levou a crer que, novamente, o padrão social dos jovens se fez notar a partir das percepções sobre a cidade e, nesse caso, sobre o espaço denominado “turístico”. É muito provável que boa parte dos jovens da escola B já tenha visitado outros espaços do país e do exterior, fato este mais difícil de ser constatado em relação aos jovens da escola A, haja vista a distorção de rendas familiares apresentadas entre ambos os grupos. Tais vivências distintas colocaram, então, em xeque a percepção dos jovens dos dois grupos sobre o fato de que Porto Alegre pudesse ser, ou não, uma cidade turística e o entendimento do que é, portanto, uma cidade com atrativos

turísticos. É bem verdade que o turismo em Porto Alegre tem um direcionamento e um histórico de ser voltado ao turismo de negócios (ICCA, 2016). Entretanto, há o entendimento de que os próprios espaços de lazer, cultura e entretenimento da cidade poderiam ser mostrados a um visitante hipotético e, por mais que os jovens da escola B, em maioria, discordem de que Porto Alegre seja uma cidade turística, foi exatamente isso que eles fizeram.

Mesmo não havendo aceitação dos jovens das duas escolas em relação ao fato de que Porto Alegre seja uma cidade turística, quando perguntei a eles se concordavam com a afirmação “Em Porto Alegre as pessoas frequentam os espaços públicos”, a concordância foi expressiva.

Gráfico 16 – Escala Likert – Em Porto Alegre as pessoas frequentam os espaços públicos



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Os 71% de jovens da escola A e os 66% de jovens da escola B que concordaram com a afirmação proposta evidenciam o que se vê nas ruas e nos espaços da cidade: há, de fato, grande

circulação de pessoas. A discussão que me coloco a fazer, a partir desse ponto, é de que o entendimento de espaço público estaria sendo colocado à prova. O espaço público seria o espaço efetivamente público – pertencente a todos, como a praça – ou seria o espaço de circulação pública – como os *shoppings* – que, quando lhes convém, interrompem a circulação de determinadas pessoas cujo objetivo não seria o do consumo, como já evidenciado nesta pesquisa? Em ambos os entendimentos, a circulação pública é o eixo central que predomina no apontamento do espaço público, circulação esta da qual os jovens se apropriam e assim fazem o seu andar pela cidade, ocupando e territorializando os espaços que, em seu entendimento, lhes são próprios.

Se, a partir das Deambulações Sociológicas (PAIS, 2006), o pesquisador [das juventudes] é convidado a flunar pela cidade, logo, a partir da Carta ao Visitante (OLIVEIRA; LACERDA, 2018), os jovens foram convidados a flunar pelo espaço urbano de Porto Alegre com alguém que ainda não conheceria a cidade. Partindo desse princípio, ao apresentar a cidade “para as visitas”, mostrariam o que nela há de melhor.

Quantitativamente, para que houvesse um equilíbrio entre os materiais analisados dos jovens das duas escolas, convidei 25 jovens de cada uma para que pudessem escrever a carta ao visitante. Esses jovens já haviam respondido ao questionário inicial e, posteriormente, caso aceitassem, desse grupo também sairiam os jovens convidados para os grupos focais. As primeiras análises que podem ser feitas das escritas das cartas dizem respeito aos espaços citados pelos jovens. A tabela que segue evidencia tais espaços e o número de vezes que foram repetidos nas cartas escritas pelos jovens.

Tabela 3 – Quantitativo dos espaços citados nas cartas

Espaço de Porto Alegre	Número de citações nas cartas da escola A	Número de citações nas cartas da escola B
Orla do Guaíba	17	18
Redenção	10	12
Casa de Cultura Mario Quintana	12	9
Beira-Rio	2	10
Museu Iberê Camargo	3	7
Parcão	-	6
Theatro São Pedro	-	5
Arena do Grêmio	-	5
Cidade Baixa	6	4
Laçador	-	4
Centro Cultural Érico Veríssimo	4	-
Centro Histórico	4	-
Parque Marinha do Brasil	4	-
Barra Shopping Sul	-	3
Iguatemi Shopping	-	3
Igreja das Dores	3	-
Ipanema	2	3
Museu da PUCRS	3	3
Capitólio	-	2
Catedral Metropolitana	2	-
Jardim Botânico	2	-
MARGS	2	2
Mercado Público	3	2
Moinhos de Vento	-	2
Padre Chagas	-	2
Outros (com apenas uma ocorrência)	16	20

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Os três espaços em comum mais citados nas cartas dos dois grupos foram: Orla do Guaíba, Parque Farroupilha (Redenção) e Casa de Cultura Mario Quintana, resultado este que vem ao encontro do que fora apresentado pelos jovens no questionário e por mim deambulado ao longo do percurso investigativo dessa pesquisa. A apresentação desses espaços em todas as etapas de coleta de dados da investigação corrobora o entendimento de que esses três espaços da cidade de Porto Alegre são, ao mesmo tempo, territórios e lugares dos jovens, na medida em que ali se encontram e fazem questão de que seja nesses espaços e que, ao mesmo tempo, por eles tenham afeto.

Para além dos espaços mais citados na tabela, surge a curiosidade de entender sobre as presenças ou os apagamentos de determinados espaços citados nas cartas ou dos jovens da escola A, ou dos jovens da escola B, apenas. Assim como os espaços de convergência são os já citados, há que se voltar o olhar para os espaços de divergência apresentados nas cartas e o que a análise desses espaços aponta.

Os espaços citados nas cartas unicamente pelos jovens da escola A foram: Centro Cultural Érico Veríssimo, Centro Histórico, Parque Marinha do Brasil, Igreja das Dores, Catedral Metropolitana e Jardim Botânico. É possível, então, analisar que a maioria desses espaços se localiza no Centro Histórico da cidade – incluindo a própria toponímia como espaço citado –, o que leva a crer no maior fluxo – provavelmente a pé – por parte desses jovens, nesses espaços.

Já os espaços citados nas cartas unicamente pelos jovens da escola B foram: Parcão, Theatro São Pedro, Arena do Grêmio, Laçador, Barra Shopping Sul, Iguatemi Shopping, Capitólio, Moinhos de Vento e Padre Chagas. É possível, então, entender que são percebidos espaços em localidades da cidade cujo predomínio social é de alto poder aquisitivo, como o citado bairro Moinhos de Vento e sua conhecida rua Padre Chagas, espaço no qual se encontram butiques, bares e restaurantes de

alto padrão. Ao mesmo tempo, foi possível constatar que a citação do monumento ao Laçador, por parte dos jovens desse grupo, leva a crer que o “visitante hipotético” seria recolhido no aeroporto da cidade, uma vez que o referido monumento localiza-se em suas imediações. Outro tópico que é entendido como uma divergência entre os dois grupos juvenis é o meio de transporte: à medida que os jovens da escola A (pública) citam espaços que podem ser percorridos a pé, os jovens da escola B (privada) citam espaços cujo acesso, necessariamente, exige que os indivíduos se locomovam por meio de transporte móvel, seja automóvel ou coletivo.

Ao encontro do que os jovens apresentaram como concordância de que “Em Porto Alegre as pessoas frequentam os espaços públicos”, nas cartas de ambos os grupos juvenis, os espaços públicos foram maioria, conforme tabela que segue:

Tabela 4 – Quantitativo dos espaços públicos e privados citados nas cartas

Tipo de espaço citado	Público	Privado
Escola A	16	3
Escola B	15	6

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Ainda assim, mesmo havendo maioria de espaços públicos citados, há que se destacar que o número de espaços privados citados pelos jovens da escola B (privada) é o dobro dos citados pelos jovens da escola A (pública), o que nos leva a refletir sobre a presença desse tipo de espaço na vida desses jovens. É bem verdade que, nas duas realidades, a predominância do espaço público chama a atenção e faz com que se possa afirmar que, na cidade de Porto Alegre, os espaços públicos ganham predominância e elevada circulação juvenil. De toda sorte, também é bem verdade que os espaços privados estão presentes

de maneira mais intensa na vida dos jovens da escola B, visto que, para que se tenha acesso a esses espaços, em muitos casos, é necessário que se pague entrada ou ainda que produtos sejam consumidos em seu interior, o que só é possível para quem tem o correspondente perfil econômico: é a cidade que é partida conforme a situação social dos sujeitos, uma barreira que é invisível, mas que se materializa constantemente.

Para além dos espaços nominalmente citados e exemplificados na tabela anterior, averigui alguns espaços com nomenclatura genérica, como “te levarei em festas” ou ainda “vamos almoçar em um restaurante”. A descrição desses espaços encontra-se na tabela que segue.

Tabela 5 – Quantitativo dos espaços genéricos citados nas cartas

Espaços genéricos (em Porto Alegre)	Número de citações nas cartas da escola A	Número de citações nas cartas da escola B
Restaurantes	6	1
Praças	6	-
<i>Shoppings</i>	5	3
Cinemas	2	-
Baladas	2	3
Churrascarias	-	2

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Percebi, inicialmente, uma maior sobreposição da citação de espaços genéricos por parte dos jovens da escola A (pública)

em relação ao que foi trazido pelos jovens da escola B (privada). Inicialmente, tenderia a afirmar que os jovens com menor poder aquisitivo pouco conheceriam os espaços em si, sabendo seus nomes e localização, por exemplo. Contudo, essa hipótese é derrubada quando analisamos a tabela com os espaços nominais e percebemos a quantidade de espaços nominalmente citados por ambos os grupos. O que chama a atenção, de fato, nessa última tabela, é a presença e a preocupação que os jovens da escola pública têm em relação à alimentação, pois referem, em vários momentos, levar os visitantes hipotéticos para “restaurantes”, enquanto, no caso dos jovens da escola privada, a preocupação alimentar decai com referência a levar o visitante para uma churrascaria, espaço de alimentação, em geral, mais caro que os restaurantes comuns.

A presença, em ambos os grupos, da “balada” e do “shopping” denota outro marcador social da juventude presente na amostra estudada: os jovens anseiam estar em movimento e serem vistos, e isso não é diferente em relação aos jovens da investigação. Muito embora existam os jovens alheios aos movimentos das festas, a presença deles também é notada e, em estudo-piloto desta investigação, com os jovens de São Borja (PREVEDELLO; OLIVEIRA; LACERDA, 2019), essa preferência foi amplamente verificada, quando a maioria dos jovens daquela cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul referem que o espaço preferido da cidade, para eles, é a própria casa, ou ainda o próprio quarto.

4.2.4.1 Rotas dos jovens com o visitante

Para além das análises referentes aos espaços citados nas cartas e a presença juvenil neles, constatei que duas rotas foram as mais citadas, nesse deambular dos jovens com o visitante hipotético, em Porto Alegre. A primeira rota denominei “Rota Curta”, e envolve o caminhar pelo Centro Histórico da cidade,

apreciando os principais atrativos que ali se encontram e apresentando, de maneira geral, os espaços mais centrais, antigos e conhecidos da cidade.

Figura 22 – Rota 1 (curta) dos itinerários das Cartas



Fonte: Google Maps (2019).

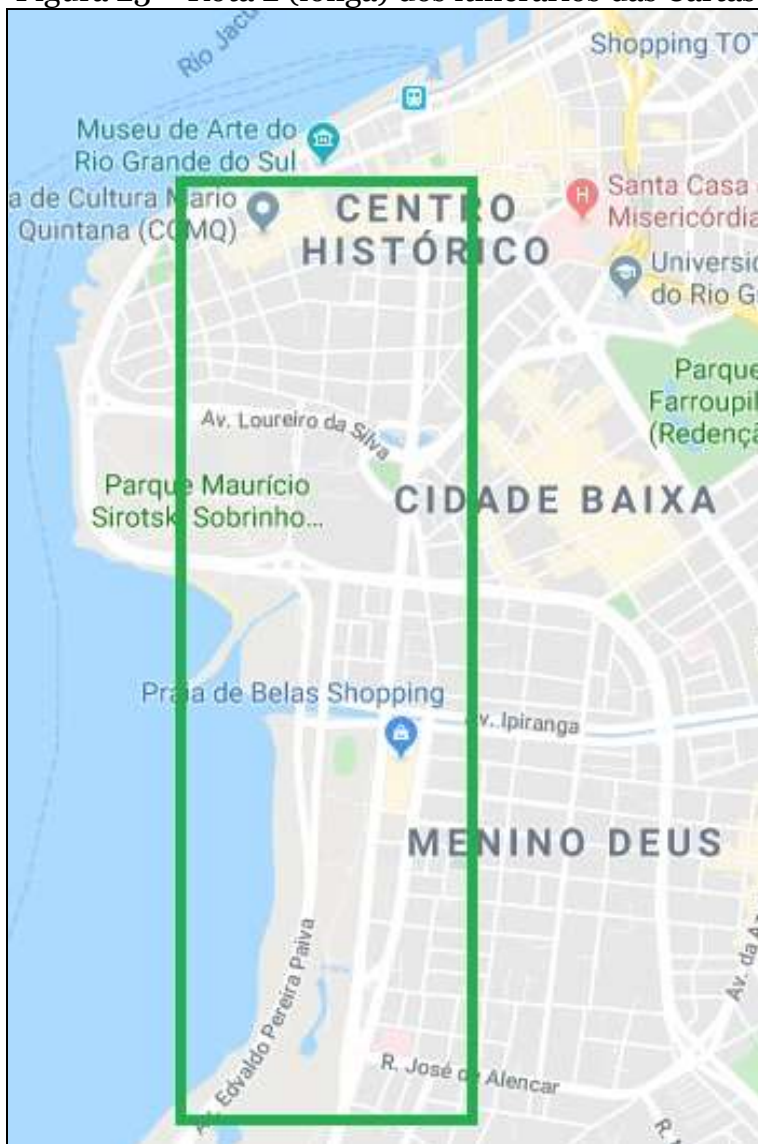
Nessa rota, os jovens transitam por espaços como o Capitólio (cinema antigo recentemente reformado), a Casa de Cultura Mario Quintana (espaço cultural querido pela cidade e já apresentado nessa pesquisa), a Catedral Metropolitana (igreja de estilo neoclássico imponente por sua cúpula, uma das maiores da América Latina), o Centro Cultural Érico Veríssimo (localizado no coração pulsante do Centro da cidade, a Rua dos Andradas, leva o nome do importante autor gaúcho), a Igreja das Dores (recentemente reformada e com destaque para sua escadaria que leva às portas da igreja toda branca), o MARGS (Museu de Arte do Rio Grande do Sul, recebendo sempre importantes exposições), o Mercado Público (espécie de

identidade da cidade de Porto Alegre, com os produtos locais e importantes restaurantes) e o Theatro São Pedro (joia da cultura de Porto Alegre, espaço que já recebeu importantes montagens nacionais e internacionais).

É possível perceber, então, que os espaços a que os jovens desejam levar os visitantes hipotéticos nessa rota são espaços de relevância no cenário urbano de Porto Alegre, não apenas por se localizarem no Centro Histórico da cidade, mas também porque, individualmente, cada um possui sua história e seu reconhecimento frente aos porto-alegrenses e à comunidade gaúcha.

A segunda rota denominei “Rota Longa”, na qual os jovens propõem ao visitante hipotético o início da exposição da cidade com a Rota Curta, já apresentada, acrescida de um passeio pela Zona Sul da cidade, de maneira a explorar um pouco mais as áreas verdes e o lago Guaíba.

Figura 23 – Rota 2 (longa) dos itinerários das Cartas



Fonte: Google Maps (2019).

Já nessa rota, os jovens transitam, além dos espaços da Rota Curta, por lugares como o Estádio Beira-Rio (estádio do Sport Club Internacional, que ficou conhecido por sediar os jogos de futebol da Copa do Mundo FIFA de 2014, em Porto Alegre), o Museu Iberê Camargo (Fundação que leva o nome do

importante artista plástico gaúcho, que apresenta exposições de arte moderna e contemporânea), o Parque Marinha do Brasil (importante área verde da cidade, junto ao lago Guaíba), o Barra Shopping Sul (um dos grandes *shoppings* mais recentes da cidade, localizado na Zona Sul) e a região de Ipanema (ponto localizado mais ao sul da região urbana de Porto Alegre, com destaque para a “Orla de Ipanema”, região às margens do lago Guaíba na Zona Sul da cidade).

É possível perceber, então, que os locais para os quais os jovens desejam levar os visitantes hipotéticos nessa rota são espaços de relevância em relação às áreas verdes da cidade, em alusão à proximidade com o lago Guaíba e pela presença do deslocamento maior pela cidade, após a apresentação do seu Centro Histórico.

Outros espaços que foram levantados pelos jovens fogem das rotas mais utilizadas, tais como: a Arena do Grêmio, o Parcão, a Cidade Baixa, o Laçador, o Iguatemi Shopping, o Museu da PUCRS, o Jardim Botânico e o Parque Farroupilha ou simplesmente Redenção. Esses espaços, por mais que estejam fora das rotas mais apresentadas, incorporam-se nos espaços de fluxos dos jovens estudados, seja pelo trânsito efetivo em tais localizações ou pelo trânsito do desejo de ali estarem.

4.2.4.2 Dicas para os visitantes

Observei, enquanto analisava as cartas, que alguns estudantes apresentaram “dicas” para os visitantes em seus escritos. Essas orientações se assemelham às seções “sobrevivendo em tal lugar”, presentes em muitos guias de viagem. Tais sugestões puderam ser observadas em 36% (9 cartas) das cartas dos jovens da escola A (pública) e em 8% (2 cartas) das cartas escritas pelos jovens da escola B (privada).

Dividi as informações para os visitantes encontradas nas cartas dos jovens da escola A em duas categorias: dicas gerais e dicas em relação à segurança pública na cidade. As dicas gerais apresentadas foram:

O descaso do governo é tanto que iríamos ver muitas pessoas de vários lugares do mundo, principalmente do Haiti e indígenas desempregados, vendendo seus produtos na rua, no chão. (S1)

Ande sempre olhando para cima. Porto Alegre é uma cidade bem arborizada e bonita, mas cuide o chão, pois sempre se encontra um buraco por aí. (S2)

É possível entender, portanto, certa preocupação dos jovens da escola A em relação a dois tópicos fundamentais e, de maneira acentuada, perceptíveis na cidade de Porto Alegre: a presença de imigrantes de outras nacionalidades, com a recente chegada principalmente de haitianos e senegaleses, e a presença de buracos na cidade (tanto nas vias para automóveis quanto nas calçadas), um problema praticamente crônico de Porto Alegre – porém, esse jovem não deixa de alertar “olhe para cima”, ressaltando a beleza da cidade vista por ele.

As orientações apresentadas em relação à segurança pública foram:

Já deixo avisado para usar a mochila para a frente, caso não queira ser roubado, e dê preferência para nem levar o celular no passeio, só assim para aproveitar com segurança. (S3)

Guarde seu celular e mantenha a câmera em suas mãos. (S4)

[...] Mas temos que tomar cuidado com os pertences mais caros. (S5)

Guarde o celular na cintura e só ande com a mochila nas costas se não tiver nada de importante dentro. (S6)

Já aviso de imediato que Porto Alegre não é uma cidade segura de ficar passeando, por isso, não leve seu celular. (S7)

Antes de lhe mostrar a cidade, vou lhe aconselhar a guardar o celular se você ainda quer ter ele até o fim do dia, porém não deixe de fotografar a cidade. (S8)

A parte ruim é os assaltos e as mortes de gente inocente por causa dos assaltos na cidade de Porto Alegre. (S9)

Essas “dicas” apresentam uma cidade nada turística. Apresentam uma cidade que, em tese, não deveria ser apresentada para um visitante, ainda que esse fosse um visitante hipotético. Mas, ao mesmo tempo, apresentam uma cidade vivida por esses jovens: a cidade do medo. E tão grande é a capacidade empática desses sujeitos que, ao deparar-se com a chegada de um desconhecido para o qual teriam a missão de apresentar a cidade, de imediato já o previnem em relação ao cuidado com seus pertences e com a própria vida. O fato de alertarem o visitante sobre os perigos que a cidade ofereceria para este companheiro de caminhada denota, ao mesmo tempo, preocupação em relação a esse tópico: os jovens oriundos da escola pública vivem, para além das notícias, as consequências da violência urbana em seus corpos, que, ao transitarem pela cidade, são alvo dos roubos – principalmente de celulares. Além disso, sentem medo em relação às suas vidas e, assim, advertem os visitantes.

Os jovens da escola B, por sua vez, apresentaram dicas em apenas duas das 25 cartas por eles escritas:

Não garanto que terão muitas opções de pontos turísticos. (S10)

Visitaremos as partes mais bonitas da cidade, porque mostrar as partes precárias não vai nos levar a nada. (S11)

A fala do jovem-sujeito 10 vem ao encontro do que foi apresentado no gráfico com a afirmação “Porto Alegre é uma cidade turística”, com as opções para serem assinaladas na escola Likert, visto que os jovens provenientes dessa realidade, em maioria, não reconhecem a cidade de Porto Alegre como uma cidade turística, pelos motivos já expostos e discutidos neste trabalho. Já a fala do jovem-sujeito 11 chama a atenção, na medida em que realiza uma espécie de territorialização da cidade, entre o belo e o não belo, “precário” nas palavras do jovem. Levar o visitante hipotético para os lugares belos de determinado espaço é uma praxe verificada em todos os pontos do planeta. O que nos causa espanto, inicialmente, é a exposição do que costumeiramente está subentendido: levar o visitante para os espaços belos e “esconder” os nem tão belos assim.

De toda forma, o que chamou muito a atenção foi o fato de nenhuma das cartas escritas pelos jovens da escola privada apresentar qualquer dica relacionada à segurança e, em contrapartida, 7 cartas dos jovens da escola pública apresentarem alertas em relação ao tema, para o visitante. Tendo em conta a caracterização social e econômica apresentada no início desses resultados, é possível constatar que as realidades dos grupos de jovens participantes das etapas da investigação revelam a existência de um abismo muito largo e profundo, tal qual a desigualdade presente na sociedade brasileira. Essa desigualdade se materializa no espaço, pois, à medida que o tema da violência urbana está muito presente na vida de jovens mais pobres, passa, *a priori*, despercebido em relação aos jovens mais abastados da cidade. Grades nos condomínios, seguranças particulares, empresas de segurança e até escolta armada fazem parte da realidade dos jovens estudantes da escola B, enquanto aos jovens da escola A restam apenas a segurança pública do Rio Grande do Sul, tão maltratada e defasada nas últimas décadas.

É necessário, portanto, entender que os estudos aqui propostos e analisados pertencem, para além dos campos da educação, das juventudes e da geografia, aos campos da sociologia e da economia social, uma vez que a materialidade e a concretude da desigualdade social do Brasil se faz presente nas distintas realidades de jovens escolarizados na cidade de Porto Alegre. Jovens ricos e pobres têm vivências próximas, em alguns pontos, em relação à cidade, porém, em outros tantos, os distanciamentos são enormes.

4.2.5 Territórios e lugares

Os espaços já assinalados ao longo da investigação me permitiram inferir que se constituem como lugares e territórios dos jovens da investigação, na medida em que as opções por estar/frequentar/transitar nesses espaços fazem desses sujeitos partícipes dos referidos locais, ou seja, os espaços destacados pelos jovens são, em certa medida, parte da vida e parte dos corpos deles, quando optam por estar ali, e não em outros locais.

Os espaços chamados “de desejo” dos jovens – muitos desses encontrados nos fluxos juvenis com o visitante hipotético e nas perguntas diretas do questionário – também se configuram como territórios e lugares, quando se percebe que há uma apropriação destes locais e, ao mesmo tempo, alguma relação de identidade ou pertencimento. Nesse sentido, o próprio ato de escolher esse espaço e não outro para apresentar a cidade a um visitante já implica, diretamente, uma seleção baseada em algum critério: proximidade, pertencimento, afinidade, apropriação, entre outros.

Pensar, então, os territórios e os lugares dos jovens desta pesquisa é colocar os espaços por eles citados ao longo da pesquisa em duas categorias: são espaços de identidade e também de pertença. Ademais, ao longo da realização dos

grupos focais, pude notar algumas pistas que levariam a entender tais relações com o urbano para além da citação ou da escolha de determinados pontos da cidade, as quais se referem a outras relações que emanaram nas discussões com os jovens. É dessas relações que tratarei na sequência.

4.2.5.1 Territórios e territorialidades urbanas juvenis

O estudo sobre as relações de poder que emanam do espaço, a partir da categoria geográfica de território, permite ao pesquisador entender algumas das importantes constituições dos sujeitos no que diz respeito à apropriação dos espaços, tendo o entendimento de que tais relações ocorrem desde os primórdios da civilização.

A partir do entendimento da categoria “território”, verifica-se, então, a decorrência da noção de “territorialidade”, ou seja, os movimentos de apropriação espacial nas mais variadas formas, organizações e intensidades. Com as juventudes contemporâneas, tais movimentos não são distintos, uma vez que abordamos as apropriações espaciais em um cenário urbano.

Muitas das análises realizadas até este ponto permitem a compreensão de várias das constituições de territorialidades juvenis, a partir dos movimentos de convergências e/ou divergências na cidade, seja através dos espaços nominalmente citados e contrapostos, seja através das concepções de cidade dos grupos de jovens das escolas A e B, que participaram do estudo.

Enquanto estava analisando as transcrições dos grupos focais realizados, um longo trecho do texto deste importante recurso metodológico aplicado na escola B me chamou a atenção, pois o que os jovens afirmavam nada mais era do que um conflito territorial juvenil evidente e expresso por alguns

deles, em Porto Alegre, quando dividiam a Zona Norte e a Zona Sul da cidade.

Após um trecho da discussão do grupo focal caminhar pelas questões de segurança/insegurança pública, um jovem lançou a seguinte exclamação:

E principalmente, dividimos Porto Alegre em zonas. Quando tu vai numa noite num lugar meio afastado [...] eu não sei dizer. Tu vai pro extremo, tu vai encontrar pessoas por exemplo [...] Não sei como dizer. (S1)

No mesmo momento, percebi que se tratava de um importante gatilho para aprofundar as questões de território e avançar nessa discussão. Mesmo não estando previsto no roteiro de realização do grupo focal um tópico específico sobre as “divisões urbanas” em Porto Alegre, ali se encontrava um momento precioso para adentrar nesse tema. Nesse aspecto reside, igualmente, a relevância de não se ter os recursos metodológicos como amarras, que prendem o pesquisador em uma rigidez que, porventura, empobreceria a investigação. É uma questão de encontrar asas nas escolhas que fazemos e, a partir delas, proporcionar que a pesquisa alce voos maiores do que aqueles que foram previstos inicialmente.

Uma das jovens respondeu à provocação do colega:

Acho que são características. Pelo menos vejo isso aqui no colégio. Pessoal Zona Norte, pessoal Zona Sul. (S2)

Reparei, a partir dessa resposta, que as falas efetivamente estavam direcionando-se para a discussão das diferenças entre os dois espaços da cidade, a Zona Norte e a Zona Sul, e imediatamente questionei sobre quais seriam, então, as diferenças.

Para mim é a mesma coisa porque sou Centro. Para mim é literalmente a mesma coisa. Se eu for tanto para uma quanto para outra eu fico perdida do mesmo jeito. Mas as pessoas ficam tipo “aquele ali é Zona Norte, ou aquele ali

é Zona Sul”. E eu fico olhando e pensando: qual a diferença? O que isso vai mudar? (S3)

De imediato, outra jovem exclamou:

É, Zona Sul não é Porto Alegre. Eu consigo ver porque tenho amigos na Zona Sul e na Zona Norte. As pessoas acham que o pessoal da Zona Sul é mais alternativo, mais natureza, e os da Zona Norte é mais ostentação, filhinho de papai. Não estou generalizando. (S4)

Quando S4 afirmou que a Zona Sul não era Porto Alegre, justificando que “o pessoal da Zona Sul é mais natureza”, colocou na discussão o entendimento de que, para que algum local da cidade fosse, efetivamente, “da cidade”, deveria estar em uma área urbanizada. Sabe-se que a Zona Sul de Porto Alegre deixou de ser uma zona rural da cidade há pelo menos duas décadas e passou a ser classificada como zona rururbana, ou seja, um espaço de transição entre o rural e o urbano. Tal classificação ocorreu antes mesmo do nascimento daqueles jovens, porém o senso comum de que a Zona Sul de Porto Alegre é unicamente rural, bucólica e natural ainda impera entre os porto-alegrenses. Prova disso é a afirmação de S4.

Enquanto S3 não via diferenças entre quem é da Zona Norte ou da Zona Sul da cidade, percebi que ali havia uma peça-chave para o entendimento de uma territorialidade da cidade, apresentada pelos jovens da escola B (privada). Solicitei, então, que me dissessem que bairros se localizavam em cada “zona” da cidade apontada.

Chácara das Pedras, Germânia, Floresta, Bela Vista, Montserrat são bairros da Zona Norte. (S1)

Eu acho que quando tu pensa na Zona Sul, tu automaticamente pensa em Ipanema, né? (S3)

Eu tenho muitos amigos que falam com maior orgulho “sou ‘zs’, sou Zona Sul, sou daqui, Zona Norte é ruim”. E

o foco do pessoal que eu conheço é Tristeza e Cavalhada. E é muito destoado mesmo, a diferença é gritante. E na Zona Norte circula, pelo menos no meu meio, falas como “pessoal do colégio x, ou colégio y, se acham muito só porque têm dinheiro. Viajam cinco vezes por ano. Que o pessoal da Zona Norte é prepotente ou se acham. (S4)

Eu moro na Zona Leste, no bairro Auxiliadora, e tenho amigos da Zona Sul que falam “tu é a mistura perfeita de Zona Sul e Zona Norte. Tu não é nem um, nem outro”. E uma coisa que eu percebi que quando alguém do (nome de uma escola de alto padrão em Porto Alegre), por exemplo, vai numa festa na Zona Sul todo mundo olha com uma cara muito ruim e vice-versa [...] (S5)

Primeiro, te classificam por onde tu mora. “Ah, Zona Norte... Hum, esnobe, filhinho de papai”. Depois quando eles te conhecem eles dizem que tu é parceria, mas é da Zona Norte. (S2)

Eu e a Amanda moramos no Menino Deus, e tem gente que considera como Zona Sul, eu não, acho que é mais central. O meio entre as zonas. (S6)

Eu moro na Zona Leste, Jardim Botânico, e, quando eu falo que moro na Zona Leste, as pessoas já pensam que moro na Lomba do Pinheiro, que sou favelado. Então já falo que moro no Jardim Botânico, senão as pessoas ficam te olhando torto pensando que tu é favelado. (S3)

Para o pesquisador das juventudes que também é geógrafo, como é o meu caso, as “divisões” da cidade apresentadas por esses jovens é fantástica, pois possibilita ver, pelo olhar dos jovens, algumas das percepções da cidade por eles vivenciadas. Quando S1 colocou os bairros Chácara das Pedras, Germânia, Floresta, Bela Vista e Montserrat como pertencentes à Zona Norte, começou a dar a característica para a zona da cidade a que estava se referindo como a “zona nobre” de Porto Alegre. De fato, ao olhar o mapa de Porto Alegre, tais bairros localizam-se “ao norte” do mapa; entretanto, por convenção, situam-se na Zona Central da cidade, uma vez que estão muito mais próximos do Centro de Porto Alegre do que

outros bairros periféricos como Parque dos Maias, Jardim Leopoldina, Nova Gleba ou Sarandi, por exemplo, que estão no extremo norte da cidade.

Foi possível entender, então, que os jovens afirmam que a “Zona Norte” da cidade corresponde aos bairros de classe média alta e classe alta de Porto Alegre, inclusive quando S2 declarou:

Primeiro, te classificam por onde tu mora. Ah, Zona Norte... Hum, esnobe, filhinho de papai.

Ou ainda quando S3 ponderou:

E na Zona Norte circula, pelo menos no meu meio, falas como pessoal do colégio x, ou colégio y, se acham muito só porque têm dinheiro. Viajam cinco vezes por ano. Que o pessoal da Zona Norte é prepotente ou se acham.

Nesse sentido, estavam não somente se referindo à localização da moradia dos jovens, mas também relacionando-a diretamente à sua condição socioeconômica.

Pareceu-me rara a fala de S5, quando afirmou que morava na Zona Leste, “no bairro Auxiliadora”, uma vez que tal bairro é tão ou mais central do que os bairros apontados pelo S1 e que os bairros da dita “Zona Leste” da cidade são bairros extremamente periféricos, como a Lomba do Pinheiro ou o Partenon – e suas dezenas de comunidades nominadas individualmente. Haveria aí uma desorientação em relação à sua localização? Ao mesmo tempo, S5 declarou que seus amigos diziam que ele era a “mistura perfeita entre Zona Sul e Zona Norte”, o que seria, em um caráter socioeconômico, a classe média-média.

Em relação à Zona Sul, S6 afirmou que ela e outra jovem moravam no bairro Menino Deus, dizendo que

Tem gente que considera como Zona Sul, eu não, acho que é mais central. O meio entre as zonas.

Nesse aspecto reside uma boa orientação urbana em Porto Alegre, pois, por mais que o bairro Menino Deus esteja ao sul da região central, ainda fica em um entremeio de zonas, pois ainda há muito Porto Alegre “mais ao sul”...

O jovem S3, por sua vez, afirmou que morava no bairro Jardim Botânico, na “Zona Leste” da cidade. E já acrescentou em disparada:

Quando eu falo que moro na Zona Leste, as pessoas já pensam que moro na Lomba do Pinheiro, que sou favelado. Então já falo que moro no Jardim Botânico, senão as pessoas ficam te olhando torto pensando que tu é favelado.

O medo de ser “favelado” é tão latente que obriga o jovem a dizer que mora em tal zona da cidade e logo que, de tal zona, mora em tal bairro, antes que as pessoas pensem que esse é “favelado”. De fato, os dois bairros apresentados por S3 são antagonicamente diferentes: o Jardim Botânico e a Lomba do Pinheiro. O primeiro caracteriza-se como um bairro de classe média, com toda a estrutura da cidade, já o segundo configura-se como um bairro de classe baixa, composto por várias comunidades e carente de múltiplas formas de infraestrutura urbana, incluindo saneamento básico.

Enquanto o auge da discussão territorial no grupo focal da escola B (privada) transitou pelas zonas da cidade, suas divisões e partições, no grupo focal da escola A (pública), o tema do território surgiu com um assunto mais delicado: a insegurança no trânsito da cidade. Em determinado ponto do grupo focal, questionei acerca das dificuldades no trânsito daqueles jovens pela cidade, esperando que as questões relacionadas à mobilidade urbana emergissem. Ledo engano, pois fui, mais uma vez, golpeado pela dura realidade dos jovens daquela escola, que logo exclamaram:

Às vezes deixa de sair de noite, tu cuida mais o lugar que tu vai ir, dependendo o lugar tu sai com medo. (S2)

Eu tô sempre correndo e sempre cuidando em volta, assim. (S2)

Eu também. (S6)

O ponto que eu mais caminho é aqui no centro, é muitas pessoas, é horário de serviço, né, a gente anda caminhando pra não perder o ônibus, então a gente não para pra prestar atenção. E no domingo que eu venho pra cá com o meu namorado, o centro é solitário assim e ando mais rápido ainda pra não ser assaltada. (S1)

Em disparada, percebe-se que se trata de visões territoriais distintas e com pressupostos igualmente diferentes. Sem realizar, portanto, juízo de valor, mas entendendo as constituições particulares de cada grupo de jovens investigado, é possível constatar que as formas de viver e perceber a cidade são distintas, em vários momentos, como já foi demonstrado neste estudo. Os jovens da escola pública pesquisados, por muitas ocasiões, deixam se sair à noite, como afirmou S2; andam, mas ficam olhando em volta, com medo, como afirmaram S4 e S6; ou ainda andam rápido com medo da criminalidade urbana, como afirmou S1. São jovens distintos do grupo anterior, uma vez que sua experiência urbana leva a experimentar outra cidade. Seus fluxos na cidade a territorializam de maneira não pior ou melhor, mas diferente. A classe, novamente, atua como regulador das vivências desses jovens.

Perguntei, em outro ponto da conversa no grupo focal da escola A, se eles achariam que há diferença entre ser mulher e homem no caminhar pela cidade. As respostas e a conversa, a partir dessa provocação, foram unânimes.

Com certeza tem. O homem, por exemplo, meu namorado ele anda com a mão fechada pra se alguém vier, meter um soco na cara e eu não posso meter um soco na cara. (S2)

É que eu acho que eles pensam que é mais fácil assaltar mulheres, porque mulher é considerado sexo frágil, acho que é mais propenso assim. (S6)

Não foi à toa que as duas falas mais enfáticas em relação àquela provocação foram de jovens mulheres. As experiências corporais na cidade, além de terem diferença de classe ou de cor, também têm diferença de gênero. O fato de a jovem mulher S2 afirmar que o namorado anda de mão fechada para que possa dar um soco caso alguém se aproxime nos coloca em pauta dois pontos importantes: a) a violência urbana é algo eminente, que pode ocorrer a qualquer momento; e b) ela entende que o namorado tem autorização para a violência, provavelmente por ser do gênero masculino, e ela, ao contrário, não tem.

Como havia realizado antes, por questão de agenda, o grupo focal na escola B, e o tema da “divisão de Porto Alegre” havia emergido, resolvi provocar a mesma discussão com os jovens da escola A. De fato, tal divisão urbana não ganhou importância nesse último grupo; contudo, a única fala mais contundente em relação ao tópico apontou que:

É, eu acho que cada um explora um pouquinho do lugar onde é mais acessível, daonde mora, pra se deslocar, por exemplo, da Zona Sul até o centro, daí seria motivo de marcar com um amigo, coisas assim, senão fica lá pela Zona Sul, lá por Ipanema. (S1)

São jovens que, devido às suas condições e de suas famílias, buscam experimentar a cidade a seu modo, na tentativa de “explorar um pouquinho do lugar onde é mais acessível”, de aproveitar o lugar “daonde mora”, de viver a cidade em seus – por vezes extensos – deslocamentos entre casa, estudo e trabalho. Não vejo tal colocação como uma espécie de “contentamento” com o que se tem, mas, sim, como forma de resistência em seus cotidianos, como forma de poder viver e aproveitar a cidade à sua maneira e com suas condições.

4.2.5.2 Lugares urbanos juvenis

Assim como a discussão dos territórios e das produções de territorialidades juvenis na cidade ganha importância ao longo das análises dos dados da presente investigação, a apreciação dos dados encontrados sobre a categoria lugar também ganha importância, na medida em que, a partir desta lente de análise do espaço geográfico, é possível observar as relações de identidade e pertencimento com o espaço urbano da cidade de Porto Alegre.

O estudo do lugar, em uma perspectiva geográfica, aponta para aquele espaço no qual as constituições identitárias dos sujeitos estão imbricadas com as relações de pertencimento, de aproximação com o espaço. Nessa leitura, assim como no caso da leitura pela lente do território, os espaços levantados pelos jovens sujeitos ao longo das etapas de coletas de dados, em sua maioria, também se constituem como lugares. Os espaços da cidade que são de rotina, de trânsito, de fluxo ou de desejo dos jovens são espaços nos quais as relações identitárias emergem e se desenvolvem, sendo estas positivas ou negativas, a partir da leitura de Tuan (1980) e suas discussões entre o que denominou de topofilia (relações positivas com os espaços) e topofobia (relações negativas com os espaços).

Em uma primeira interpretação da proximidade com o espaço urbano de Porto Alegre, pude constatar, a partir da verificação dos graus de concordância/discordância em relação à afirmação “Porto Alegre é uma cidade boa para se viver”, que 51% dos jovens da escola A e 48% dos jovens da escola B concordam com a afirmação. Para além das preocupações, principalmente em relação à questão da falta de segurança na cidade, é possível concluir que os jovens sujeitos do estudo ainda acreditam que Porto Alegre seja um bom espaço para

viver, o que inclui, necessariamente, os múltiplos aspectos da vida cotidiana, como estudar, trabalhar, transitar, aproveitar os espaços públicos, etc.

Gráfico 20 – Escala Likert – Porto Alegre é uma cidade boa para se viver



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Outra convergência nas relações dos jovens com a cidade, a partir da perspectiva do lugar, que foi verificada em ambos os grupos focais (tanto com os jovens da escola A quanto com os jovens da escola B), foi a nova Orla do Guaíba, a Orla Moacyr Scliar, espaço por onde deambulei ao longo do processo de doutoramento, e que frequentei com regularidade, devido ao bem-estar que se sente às margens do Lago Guaíba e, obviamente, com a presença massiva de jovens.

Nos dois grupos focais, e em coro, os jovens afirmaram que o espaço ficou muito bom após a revitalização e que se tornou menos inseguro e mais agradável, devido ao grande fluxo de pessoas que ali se encontram, principalmente aos finais de semana e feriados. Tendo em vista o fato de que esse espaço

“novo” da cidade já foi considerado em vários momentos da presente pesquisa, sempre denotando relações positivas dos jovens com esse local, pode-se afirmar que o “lugar” dos jovens em Porto Alegre, na atualidade, é a nova Orla do Guaíba.

Pensar os territórios, os lugares e os fluxos de jovens urbanos é tarefa que vai muito além da simples nominação de locais ou da enumeração dos espaços de preferência juvenil. Pensar a cidade sob esta perspectiva é pensar que a cidade de Porto Alegre – e por que não dizer também o mesmo de todas as outras? – está em movimento e é reinventada a cada dia, a cada nova relação e a cada novo movimento de cada pessoa de todas as idades, incluindo os jovens.

4.2.6 A cidade do medo também é a da esperança

4.2.6.1 Os jovens e o medo na/da cidade

Em vários momentos ao longo desta pesquisa, pude perceber o quão latente é a relação de medo dos jovens *na* cidade (enquanto sujeitos inseridos em um complexo conjunto de objetos e ações²⁸) e o medo dos jovens *da* cidade (enquanto sujeitos que sentem a insegurança produzida pela desigualdade social e a falta de provimento do estado em relação à segurança). As leituras realizadas ao longo do processo da investigação – muitas das quais embasaram o referencial teórico da pesquisa, a coleta e análise dos dados, as inter-relações automáticas que fazemos com as mídias, as conversas com jovens alunos e os debates nos eventos científicos de que participei – endossam a relação – desigual – verificada: os jovens apontam a insegurança urbana e, mais do que isso,

²⁸ Parafrazeando Milton Santos (1996), quando descreve o espaço geográfico como objeto de estudo da ciência geográfica.

vivem essa realidade. É evidente que, conforme comprovado neste estudo, a realidade socioeconômica tem peso fundamental na experiência do exercício do medo ou da insegurança urbana. O fato é que, de um modo ou de outro, os jovens percebem a violência na cidade.

Os dados apontaram para jovens que têm consciência de que a cidade de Porto Alegre é insegura, que citam palavras como “assalto” ou “insegurança” como termos que lembram a cidade, que sinalizam os problemas da falta de gestão pública em relação ao tema da segurança urbana. Também, em sua grande maioria, frequentam os espaços públicos da cidade, o que me levou a pensar que a mesma cidade que de certo modo amedronta os jovens é por eles vivenciada, ou seja: há esperança nesse uso e nessa apropriação da cidade – mesmo que violenta – pelos jovens.

A experiência de realização dos grupos focais não só possibilitou que diversos pontos ainda em aberto nas etapas anteriores da coleta dos dados fossem apurados, mas também, ao mesmo tempo, que pudesse haver um diálogo maior entre uma amostra dos jovens da investigação e também dos jovens com o pesquisador em campo. Fiz questão de que uma das provocações que finalizaram os grupos focais fosse: “Como gostaria que Porto Alegre estivesse daqui a 20 anos?”, ou ainda, “Como seria a Porto Alegre dos teus sonhos?”. As respostas foram instigantes e nos levam a pensar e acreditar nessa esperança de uma cidade melhor. Essa esperança, como nos ensinou Paulo Freire (2001), não deriva do verbo “esperar”, mas, sim, do verbo “esperançar”, na medida em que esses sujeitos que depositam seus desejos positivos na cidade são os mesmos que constroem e seguirão construindo tal espaço.

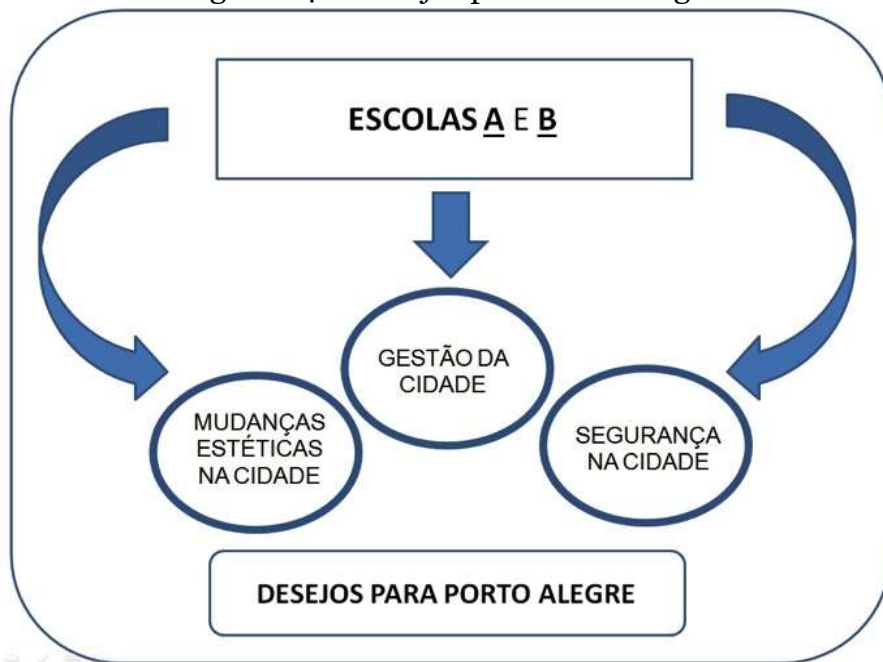
4.2.6.2 A esperança na/da juventude urbana

Para apresentar as falas dos jovens sobre seus desejos em relação à Porto Alegre do futuro, preferi não os separar em jovens da “escola A” ou da “escola B”, como fiz ao longo desta pesquisa. A esperança é um agente unificador desses jovens, tendo em vista que a construção de uma cidade melhor passa pela leitura de mundo futuro, em que os jovens exerçam seus desejos e arquitetem uma cidade para todos, sem distinção de classes, gênero, cor, orientação sexual, etc.

Pensar as juventudes como o futuro de um país, como costumeiramente se vê nas reportagens, nas redes sociais e em outros meios, corresponde a um ato egoísta e desconexo da realidade, uma vez que os jovens são, também, o presente. Eis uma luta dos pesquisadores das juventudes: reconhecer os jovens como categoria que possui sua identidade própria, seu *múnus* próprio, e que não se encontra em “transição para a vida adulta”, mas que vivem um momento muito particular de suas vidas. Dessa forma, coloco a esperança não apenas *na* juventude urbana, como forma de entender os desejos da sociedade nesses sujeitos, mas também a esperança *da* juventude urbana, de maneira a entender o que esses jovens esperam de seu futuro e do futuro de sua cidade.

Classifiquei em algumas categorias os desejos dos jovens em relação à sua cidade para que se possam melhor analisar tais anseios. Três categorias puderam ser elencadas, a partir dessas falas captadas nos grupos focais: mudanças estéticas na cidade, gestão da cidade e segurança na cidade.

Figura 24 – Desejos para Porto Alegre



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

A primeira categoria diz respeito às mudanças estéticas na cidade:

Ah, eu acho que vai mudar algumas coisas, mas não muito assim, talvez mais visualmente do que outras coisas, não sei, gostaria que tivesse mais segura, com certeza. (S1)

Ah, é muito complicado essa questão, porque desde que eu nasci e cresci e me conheço por gente, Porto Alegre é a mesma coisa, só muda o visualmente assim, mas eu não sei, também não sei como eu gostaria assim. (S2)

Porto Alegre não mudaria muito, só esteticamente com prédios e gostaria que fosse mais segura. É isso. (S5)

É, eu acho que mudaria mesmo os prédios. (S6)

É possível perceber que os jovens nesse ponto vislumbram melhorias estéticas na cidade de Porto Alegre, como “melhoras visuais”, “com prédios” ou “esteticamente”. São jovens que, por um lado, percebem uma cidade eventualmente suja, malcuidada, com prédios em mau estado; por outro, gostariam que a mesma cidade fosse mais colorida, com mais vida urbana e com melhores opções estéticas para que o olhar não fique tão triste ou cansado. Verdadeiramente, Porto Alegre é uma cidade bela, mas é bela em determinados recantos. A maior parte da cidade – aquela que o turista não iria conhecer, mas onde moram vários jovens da escola A – não é uma cidade aprazível ao olhar e tampouco chamaria a atenção nem dos jovens, nem das demais pessoas e, aparentemente, também não chama a atenção dos agentes públicos. Em relação a estes últimos, a segunda categoria diz respeito às mudanças em relação à gestão da cidade:

Bom, um problema que, claro que daqui uns anos pode melhorar é a burocracia. (S3)

É, tipo, uma questão, que tipo, espero que eles resolvam uma parte da economia do estado, que tipo, sem melhorar a economia eles não têm como melhorar a infraestrutura, nem a saúde e segurança, porque daí tipo, eles não têm como pagar pessoas pra cuidar da segurança. (S4)

Eu acho que a Porto Alegre dos sonhos é um lugar onde todo mundo tenha as mesmas oportunidades, que se eu quiser ir num hospital público, que eu seja atendida, se eu quiser ir numa praça, eu vou poder, eu não tenha medo, que eu não tenha medo de ir em algum lugar. Acho que é a oportunidade de todos fazer tudo. Acho que seria uma Porto Alegre dos sonhos. É uma cidade maravilhosa, comparada com outros lugares, acho que ela tem muito potencial, eu amo morar aqui, mas mesmo assim fico muito triste de pensar no que ela pode se tornar se continuar assim. (S7)

Eu fico vendo o que acontece atualmente [...]. Lugares públicos estão sendo deixados de lado, ou nem sendo limpos, e as pessoas que não têm condições de pagar alguma coisa estão ficando sem lazer, não tendo simplesmente para onde ir. Eu, por exemplo, faço atividade física numa praça pública de Porto Alegre e eles querem abolir essa secretaria, que é que tem mais acesso em Porto Alegre. Então, milhares de pessoas que fazem esporte e não têm a oportunidade de ir para algum clube não vão mais ter o lazer de fazer uma atividade física. (S8)

São jovens que percebem que ainda há muito que se avançar em relação à burocracia, aos cuidados dos agentes públicos em relação à economia, à infraestrutura, à saúde, à segurança, à limpeza pública urbana e ao lazer da população, por exemplo. A percepção de que ainda há muito que se fazer, em termos de gestão pública, é um bom indício de que os jovens da investigação têm ótimas leituras políticas da sociedade brasileira contemporânea e que, a partir dessas leituras, percebem as necessidades mais urgentes para a cidade: saúde, segurança e educação. Entendem, ainda, que a cidade é o âmbito mais próximo dos cidadãos e que é neste âmbito que surgem muitos dos problemas das pessoas, ficando, na maioria dos casos, sem as devidas resoluções.

Porto Alegre é a cidade na qual foi gestado, organizado e aplicado o processo do Orçamento Participativo,²⁹ mundialmente difundido e utilizado até hoje nos países mais desenvolvidos. A estratégia de regionalizar a cidade e, a partir dessas zonas, criar espaços de participação nos quais a população elege para onde devem ir os investimentos constitui-se como ponto máximo da gestão democrática e da participação

²⁹ O Orçamento Participativo é “uma modalidade de gestão pública, baseada na participação direta da população na elaboração e na execução do orçamento público, especialmente para a escolha das prioridades dos investimentos municipais” (FEDOZZI, 1998, p. 237).

popular: decidir o que é melhor para si e para os seus, com as verbas dos impostos justamente recolhidos desta mesma população. Reside, nesse ponto, uma pista importante para avançar nesses processos de uma melhor gestão da cidade.

A terceira categoria diz respeito às mudanças em relação à segurança na cidade, um tópico que perpassou, em distintos momentos, a presente pesquisa de doutoramento.

Eu me sinto bem em Porto Alegre, então eu não vejo, assim, outra maneira de querer Porto Alegre que não seja com mais segurança. (S2)

A segurança creio eu que, espero que fique melhor, como uns anos atrás que podia andar tranquilamente por volta das 23h, ir à sorveteria, não posso fazer hoje mais. Espero que fique melhor. (S3)

Eu gostaria, todo mundo gostaria, que fosse mais seguro, que isso é uma coisa que afeta todo mundo. É isso. (S6)

Eu acho que vai continuar quase a mesma coisa também, só visualmente e mais segurança. Ai, acho que sim, apesar de ter insegurança e problemas, a gente tem muitos pontos turísticos e coisas pra explorar em Porto Alegre, então são pontos que dá pra se resolver. E por mais que seja perigoso, eu gosto de morar em Porto Alegre. (S7)

A Porto Alegre dos meus sonhos é uma Porto Alegre livre de preconceito, com mais liberdade econômica para as pessoas, porque na minha opinião os empresários aqui na cidade são muito focados. E todos esses impostos que a gente paga não são revertidos para o benefício do povo. Então a gente vê esse descaso, tanto do governo federal, do estado, da segurança, e para mim a tendência é que não melhore. E toda a parte de desigualdade social a gente vê também que a tendência não é melhorar. E como eu disse, a cidade e o estado são o reflexo do que a gente tem como governo federal hoje. (S8)

Seria uma Porto Alegre em que eu pudesse criar meus filhos na rua, que eu pudesse dizer “bah, vamos jogar bola na praça”, sem que eu vá com eles e seja assaltado, ou que possa acontecer coisa pior, que eu possa levar minha filha

para sair na rua e ela não seja raptada, ou qualquer coisa. E eu acho que essa cidade tem um enorme potencial, tanto econômico, quanto social, cultural e político. Então, a Porto Alegre dos meus sonhos seria uma Porto Alegre segura e civilizada, uma Porto Alegre humana. (S10)

Uma Porto Alegre dos meus sonhos seria uma cidade em que eu me sentisse segura, que eu não tenha medo de sair com meu celular na mão ou alguma coisa assim, e ser abordada por alguém. Gostaria de me sentir mais segura na cidade. (S11)

Eu quero um futuro em que meus filhos possam ser livres e se sentir seguros. E o meu desejo é que essa cidade em algum momento, a gente possa ver uma melhora e quem sabe a gente conseguir ver nós tendo filhos, tendo segurança, tendo qualidade na saúde, na educação. (S6)

A Porto Alegre dos meus sonhos é mais segura e mais [...]. Acho que é só segura. Gosto bastante daqui, mas o maior problema é a segurança mesmo. (S12)

São jovens que clamam por ações diretas e por melhorias no âmbito da segurança pública. São jovens que, de uma maneira ou de outra, sentem-se atingidos pelos processos de violência, de insegurança e de criminalidade urbana instalados na maioria das metrópoles e cidades médias do Brasil, de acordo com o Atlas da Violência (2019) e, nesse sentido, segundo os índices, Porto Alegre figura no topo das listas de cidades mais violentas. São jovens que querem criar seus filhos em uma cidade mais pacífica e com mais possibilidades de viver em paz. São jovens que encontram potencial na cidade, que gostam da cidade, que não querem morar em outro local, mas que, para isso, bradam por mais segurança. São jovens que querem viver e não morrer [...]

5

PARA CONCLUIR ESTA OBRA: O QUE OS JOVENS ESCOLARIZADOS URBANOS TÊM A DIZER À EDUCAÇÃO?

“Quanto mais aumenta nosso conhecimento, mais evidente fica nossa ignorância”
John F. Kennedy

A construção de uma tese de doutoramento não é uma tarefa fácil. Por mais que essa afirmação seja clichê e usualmente colocada nos mais diversos trabalhos de doutoramento, trata-se de uma afirmação totalmente verdadeira e só quem passa por tal processo e por ele é atravessado pode, então, fazer essa afirmação. Os quatro anos de estudos, leituras, pesquisas, congressos, reuniões, orientações e escritas não servem unicamente para “conquistar o diploma ou o grau de Doutor”, mas, em maior grau, para descobrir-se doutor ao longo deste processo. A construção da pesquisa vai além da escrita do texto: as reuniões com a orientadora – ou, em meu caso, as orientadoras –, o estágio no exterior, as trocas com os colegas, as disciplinas, os eventos científicos, a vibração por cada novo artigo publicado completam o fazer-se doutor, a constituição do grau máximo que um pesquisador pode atingir. Chegar até o final do texto da pesquisa, portanto, é concluir este processo e iniciar outros tantos vários.

Ao longo desta pesquisa, pude crescer em vários aspectos: acadêmico, social, profissional... Mas pude ver crescer em mim o pesquisador que sempre quis ser: colaborativo, produtivo, engajado, militante... e sou grato por isso. Nessa experiência de doutoramento, fiz tantas novas amizades, desfiz algumas, conheci gente “muito boa” e com as quais tenho sintonia plena.

Juntos temos consciência de que é somente através da ciência que uma nação pode se desenvolver; ao mesmo tempo, não deixaremos que nos calem. Nossas vozes, por mais rebuscadas que possam parecer, são essenciais para a manutenção do estado democrático de direito e para que a democracia seja mantida, aperfeiçoada e cada vez mais desenvolvida. Não há desenvolvimento sem ciência. Não há progresso sem o avanço científico. Este trabalho é prova disso. Várias de minhas constatações jamais poderiam ser explicitadas em um país no qual as liberdades fossem cerceadas. Vivi meu processo de doutoramento em meio a grandes mudanças no Brasil: sofremos um duro golpe em nossa tão recente e frágil democracia. Elegemos um presidente da República que vem aplicando, em velocidade exorbitante, medidas antidemocráticas e autoritárias, aumentamos a pobreza, diminuimos a preservação ambiental. E, nesse meio, nós, cientistas, bradamos que nos escutem. Gritamos que a Terra não é plana, que vacinas protegem contra doenças, que os incêndios na Amazônia não foram naturais, que o aquecimento global é verdade e que [...] os jovens estão cada vez mais morrendo em nossas cidades.

Ao final do percurso investigativo de minha tese de doutoramento, não consigo perceber que uma civilização, no paradigma da modernidade, consiga se desenvolver sem a ciência. Para que serviu este estudo, portanto? Teve a função não somente de evidenciar tantas informações e análises sobre os jovens e suas relações com a cidade, mas também de evidenciar outras tantas informações sobre as cidades (em especial Porto Alegre) e suas relações com os jovens contemporâneos.

No primeiro capítulo, pude apresentar-me e “dizer de onde vim” e para onde queria ir, naquele momento. Apresentei o tema da investigação e seus desdobramentos. Conteí como o

campo das juventudes me encantou desde a primeira aproximação: amor à primeira vista? Muito provável; se não, foi construído e aumentado ao longo do tempo.

No terceiro capítulo, pude produzir, descrever e apresentar o estado do conhecimento das pesquisas sobre juventudes e cidades, evidenciando que havia (e ainda há) poucas pesquisas que relacionem os dois campos e que nenhuma pesquisa no nível desta pesquisa havia sido feita até então. Ressalto a importância de ter construído o estado da arte da investigação, pois tal propósito possibilita ao pesquisador ganhar garbo no fazer ciência, e, ao mesmo tempo, conhecer mais e aprofundar-se em seu campo de investigação.

Também apresentei os meus autores, suas ideias e como eu dialogo com elas. A construção do marco teórico da investigação possibilita não apenas apresentar os autores de referência e a eles “fazer referência”, mas também, e principalmente, colocar em tela os conceitos nos quais nos apoiamos para escrever nossos próprios conceitos. Dessa forma, construir o marco teórico relaciona-se profundamente com o ato de construir as bases da investigação.

No quarto capítulo, demonstrei a construção metodológica da investigação, dando destaque para a centralidade nos multimétodos ou na bricolagem e, especialmente, na criação de um método de coleta de dados com jovens: as cartas ao visitante. Pensar em uma construção metodológica que fizesse sentido e que, ao mesmo tempo, fosse algo crescente (questionário – carta ao visitante – grupo focal – deambulações sociológicas) constituiu-se em desafio que, com os devidos alicerces teóricos e com o tempo decorrido, provaram ser os mais eficientes para a investigação.

No quinto capítulo, apresentei e discuti os resultados da pesquisa, percorrendo sobre quem foram os jovens da investigação, a partir da apresentação do perfil da amostra da

pesquisa; sobre as convergências e divergências na cidade, sejam estas no campo dos espaços físicos da cidade ou no campo das ideias sobre a cidade; sobre os lugares, territórios e fluxos juvenis em Porto Alegre, sempre verificando possíveis proximidades ou distanciamentos; e sobre o medo e a esperança que os jovens têm na cidade e que a cidade deposita nesses jovens.

Como desafio para esta pesquisa, sempre pensando na amálgama que nos constitui como pesquisadores, e, em meu caso específico, em um pesquisador que é licenciado em Geografia, mestre em ensino de Geografia e doutorando em Educação, aspiro/desejo/intento/pretendo devolver ao programa de doutoramento algumas discussões que sejam para todos os professores e não apenas para os meus pares na Geografia. Dessa forma, pensei em apresentar “o que os jovens escolarizados urbanos têm a dizer à educação”,³⁰ na medida em que os achados desta investigação levam para este caminho. Ao mesmo tempo, ao pensar nesse desafio, refleti sobre as principais categorias levantadas ao longo da investigação, que são: Segurança; Espaços; Fluxos; Convergências; Divergências; e Esperança. Dessa forma, e a partir dessas categorias, apresento: o que os jovens escolarizados urbanos têm a dizer à educação?

A primeira e maior categoria emergida dos estudos desta pesquisa, **Segurança**, de início surpreendeu pela complexidade com que se apresentava, e, ao mesmo tempo, pela quantidade de dados que foram sendo levantados sobre o tema. Há uma percepção generalizada de que Porto Alegre é uma cidade insegura e que desta insegurança derivam muitos outros problemas. Os jovens que participaram do estudo demonstram medo em relação a vários aspectos, regiões, horários ou trânsito

³⁰ Em analogia com o magistral texto freudiano “O que a Psicanálise tem a dizer à educação” (FREUD, 1995).

pela cidade. Ao mesmo tempo, trata-se de um movimento para resistir, ocupar e territorializar tais espaços; neles, os indivíduos são encontrados e fazem a cidade pulsar. Que a violência urbana está instaurada, disso sabemos. O que os jovens, então, dizem a nós, professores? Consideram que é possível resistir e ocupar a cidade, por mais insegura que esta seja. Argumentam que é possível encontrar experiências urbanas novas e redescobrir outras tantas experiências na cidade, a partir do morar, do transitar, do viver e do existir. Ponderam que a presença dos corpos juvenis nos distintos espaços evidencia o ali querer estar e, ao mesmo tempo, o dali construir uma cidade que possa acolher a todos sem distinções e – sobretudo – que a escola também é um espaço da cidade.

Os **Espaços** da cidade levantados apontaram tanto para os territórios quanto para os lugares dos jovens em Porto Alegre. Mais do que listas e relatórios de locais da cidade, pude entender a dinâmica dos jovens com os espaços nominados na cidade de Porto Alegre, com algumas das regiões desta cidade e com as projeções e os desejos de estar em determinados espaços quando não se pode estar. São jovens que nos dizem: eu transito pela cidade. Eu tenho o direito de gostar de estar aqui. Eu levaria um visitante a determinados espaços. São jovens que não apenas apontam para uma cidade educadora (CARRANO, 2003), mas também desejam utilizar-se da cidade como espaço educativo. São jovens que nos revelam a necessidade de realizar aulas na cidade, saídas de campo para utilização do entorno escolar, saídas de estudos, excursões. São jovens que nos gritam: a cidade está me educando e vocês, tantas vezes, não reconhecem isso.

O movimento pela cidade e o entendimento sobre a cidade desses distintos jovens geram **Convergências** sobre determinados espaços transitados pelos jovens de uma escola pública e também pelos de uma escola privada, bem como

convergências sobre as percepções da cidade, que, em muitos momentos, estão com discursos e entendimentos afinados sobre a cidade na qual vivem. Já as **Divergências**, por sua vez, alertaram que nem sempre os jovens de distintos grupos sociais estão nos mesmos espaços, ou ainda que também não pensam sempre da mesma forma sobre a cidade. Há espaços de convivência convergente, mas há espaços dos quais os grupos se apropriam de maneira divergente. Há entendimentos próximos sobre a cidade, assim como há entendimentos afastados. As convergências e as divergências nos reforçam o que sempre afirmamos: as juventudes são diversas. E, nessa categoria, eles nos alertam mais uma vez: somos jovens diversos. A diversidade é nossa marca. É preciso que nós, professores, entendamos isso de uma vez por todas: não existe “a juventude”, mas, sim, “as juventudes”, na medida em que são múltiplas as formas de os jovens serem e estarem no espaço urbano.

Os **Fluxos** dos jovens pela cidade apontam para a compreensão de que a diversidade persiste em vários espectros de entendimento, inclusive nas movimentações dos jovens pela cidade. Ao apresentar a cidade para um visitante hipotético, os jovens criaram empatia com um desconhecido e, ao mesmo tempo, procuraram levar tal visitante para os lugares da cidade que a) fossem de seu trânsito costumeiro e b) fossem de seu campo de desejo. O fato é que os jovens querem apresentar o que há de melhor da cidade para o visitante hipotético que, a partir de seus escritos, passou a existir, mesmo que mentalmente. E, outra vez, os jovens nos ensinam a nós, professores: deem o seu melhor. Nós somos, de alguma maneira, os seus “visitantes” diários na sala de aula. Apresentem o que de melhor os conteúdos podem apresentar. Tenham empatia conosco. Não somos alienígenas em sala de aula (GREEN; BIGUM, 1995), mas, sim, sujeitos repletos de desejos e anseios por uma cidade e por uma educação melhor.

A **Esperança** em uma cidade melhor, por fim, evidencia que são jovens que percebem o que não está a contento na cidade e, ao mesmo tempo, estão disponíveis para ajudar na construção de uma cidade melhor, seja em relação à estética urbana, à gestão pública da cidade ou às questões de segurança pública. São jovens que depositam esperança de “esperançar” e não de “esperar”, pois não são agentes passivos do processo de melhoria da cidade: são jovens que arregaçam as mangas e estão dispostos a trabalhar por uma cidade mais justa e igualitária. São jovens que nos impulsionam, enquanto professores, a seguir tendo esperança neles mesmos, provando que a juventude “não foge da raia a troco de nada” e “constrói a manhã desejada” (NASCIMENTO JUNIOR, 2019).

Quanto aos objetivos específicos da presente investigação, pude **identificar os aspectos socioeconômicos, culturais e afetivos dos jovens participantes do estudo**, a partir da “caracterização da amostra da pesquisa”, evidenciando as discrepâncias entre os grupos dos jovens das escolas A e B, como apontado ao longo do estudo. A caracterização da amostra dos jovens investigados possibilitou conhecer os sujeitos específicos da investigação e gerar um quadro de quem foram os participantes da investigação, com um panorama sobre suas visões da cidade e sobre os aspectos socioeconômicos. Dessa forma, foi possível contribuir para os estudos sobre as juventudes, na medida em que são apontados caminhos investigativos a partir da percepção de quem são os jovens que participaram da investigação.

Foi possível, ainda, **cartografar, por meio de levantamento próprio, os espaços da cidade pelos quais transitam os jovens de uma escola pública e os jovens de uma escola privada**. Essa cartografia foi realizada tanto a partir do questionário quanto da carta ao visitante, dos grupos focais e das deambulações sociológicas, em suma, a

partir de todas as etapas de coletas da pesquisa. Ou seja: cartografar os movimentos dos jovens na cidade, além de ser tarefa complexa, exige uma demanda de atenção na coleta e na análise de múltiplos recursos metodológicos.

Por fim, pude dialogar com **os jovens participantes deste estudo sobre suas percepções e vivências urbanas**. A ideia inicial era que tal diálogo fosse efetuado nos grupos focais. Entretanto, não é necessário que um diálogo seja, obrigatoriamente, falado. As cartas ao visitante, por exemplo, também se constituíram em uma excelente forma de diálogo com os jovens da pesquisa, na medida em que eles puderam também se expressar livremente sobre suas percepções e vivências na cidade.

É possível concluir, então, que as percepções e experiências urbanas contribuem de maneira direta para a construção identitária dos jovens. A cidade imprime seus contributos nos jovens e esses imprimem suas práticas culturais na cidade. O fator “classe” foi o grande limitador encontrado nas múltiplas experiências urbanas analisadas, quando os jovens das escolas A e B convergem e/ou divergem nos espaços frequentados ou até mesmo nas percepções sobre a cidade. Não há como ser jovem e ter a mesma experiência urbana quando as possibilidades sociais são distintas. E este é mais um contributo aos estudos das juventudes: ser jovem urbano escolarizado também é ser múltiplo, diverso e plural.

Valeu a pena? Já dizia o poeta Fernando Pessoa (1990): sim, valeu muito a pena. Faria tudo de novo? Faria, mas com a sabedoria desenvolvida nesses anos de doutoramento, evitando alguns fracassos e reforçando outros tantos acertos. Como segue o poeta: “tem que passar além da dor”. E doeu muito. O processo de doutorar-se não é leve e nem deve ser romantizado, como comentam. Por mais que escrever possa ser um exercício fácil para muitos, ainda assim é um exercício dolorido, não

somente pelas dores nas costas, nos punhos e nos dedos, depois de horas e horas digitando e escrevendo, mas também pela dor de parir um filho, um texto que é só seu e para chamá-lo de seu. Não é fácil viver um doutorado e trabalhar – às vezes mais que 40h semanais – ao mesmo tempo. É um exercício de luta e resistência. Um exercício de resistência física e mental, muitas vezes.

Seguindo com Pessoa (1990, p. 261), “a única conclusão é morrer”? Muito provavelmente, pois essa pesquisa se finda, até se escrevem algumas palavras como “conclusões”, mas as relações dos jovens com sua cidade seguem. Outras tantas pesquisas sobre este tema virão, algumas coordenadas por mim e outras tantas por outros colegas, assim o desejo. Sou grato por tudo o que vivi até aqui e sigo na esperança de viver muito mais, pesquisar muito mais, descobrir muitas outras coisas sobre os jovens e sobre as cidades. O fato é que, por mais que este texto se encerre por aqui, a pesquisa segue, a vida segue e as conclusões seguirão até que se chegue... à grande conclusão.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. *In*: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania, 2005.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ANTUNES FILHO, Marcelo Nunes. **Mapa Bairros de Porto Alegre** (escola A). Porto Alegre, 2018a. 1 mapa. Escala 1:180.000.
- ANTUNES FILHO, Marcelo Nunes. **Mapa Bairros de Porto Alegre** (escola B). Porto Alegre, 2018b. 1 mapa. Escala 1:70.000.
- ATLAS da violência. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília; Rio de Janeiro; São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. **Atlas da Violência, 2019**. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34784&Itemid=432. Acesso em: 12 ago. 2019.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Líber Livro, 2007.
- BARBOUR, Rosaline. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BASTOS, Maria H. C.; CUNHA, Maria T. S.; MIGNOT, Ana Chrystina V. (Org.). **Destino das letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: Ed. UPE, 2003.
- BAZELEY, P., KEMP, L. Mosaics, triangles, and DNA: metaphors for integrated analysis in mixed methods research. **Journal of Mixed Methods Research**, n. 6, p. 55-72, 2012. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1558689811419514>. Acesso em: 7 jan. 2019.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. Por que cartas do leitor na sala de aula. *In*: DIONISIO, Angela Paiva *et al.* **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- BRASIL. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo de 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: 2 maio 2017.

BRASIL. SAEB. Ministério da Educação. INEP. **Sistema de Avaliação da Educação Básica – versão 2017**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb>. Acesso em: 13 dez. 2017.

BRASIL. IDEB. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, 2017**. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/> Acesso em: 13 ago. 2019.

BRASIL. INEP. **Censo Escolar, 2019**. Brasília, 2020. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/censo-escolar> Acesso em: 13 ago. 2019.

BUFFA, Ester. **Ideologias em Conflito: escola pública e escola privada**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

BURGER KING. Burger King. **Página Inicial**. Disponível em: <http://www.burgerking.com.br/menu>. Acesso em: 13 jul. 2019.

CACCIA-BAVA, Augusto; COSTA, Dora Isabel Paiva da. O lugar dos jovens na história brasileira. *In*: CACCIA-BAVA, A.; FEIXA PAMPOLS, C.; CANGAS, Y. (orgs). **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

CAIAFA, Janice; SODRÉ, Rachel. Imagens urbanas: alguns aspectos da produção contemporânea de grafite no Rio de Janeiro. *In*: BORRELI, Silvia; FREIRE FILHO, João. **Culturas Juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.

CALADO, Flaviana Moreira. O ensino de Geografia e o uso dos recursos didáticos e tecnológicos. **Revista Geosaberes**. Fortaleza, v. 3, n. 5, 2012.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. Cartas Adolescentes: uma leitura e modos de ser. *In*: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio *et al*. **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000.

CAMAROTTI, Ana Clara; DI LEO, Pablo; KORNBLIT, Ana Lía. Ocio y tiempo libre en los jóvenes. *In*: KORNBLIT, Ana Lía (Coord.). **Juventud y vida cotidiana**. Buenos Aires: Biblos, 2007.

CANCLINI, Néstor García. Imaginários culturais da cidade: conhecimento/ espetáculo/ desconhecimento. *In*: COELHO, Teixeira. **A cultura pela cidade**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CAVALCANTE, Márcia Koboldt. Currículo, culturas juvenis e formação de professores. *In*: CAVALCANTE, M. K.; SOUZA, R. A. **Culturas Juvenis dinamizando a escola**. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens escolares e sua Geografia: práticas espaciais e percepções no/do cotidiano da cidade. *In*: CAVALCANTI, L. S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L. M. **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Editora da PUC GOIÁS, 2015.

CLARK, David. **Introdução à Geografia Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

COLLINS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em Administração**: um guia prático para alunos da graduação e pós-graduação. Porto Alegre: Bookman, 2005.

CUNHA, Luiz Antônio. **Escola pública, escola particular e a democratização do ensino**. São Paulo: Cortez, 1985.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. *In*: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. **Juventude e Ensino Médio**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **The Sage handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: CA, Sage, 2005.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

ESTEBAN, María Paz Sandín. **Pesquisa qualitativa em educação**: fundamentos e tradições. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FEDOZZI, Luciano. Esfera pública e cidadania: a experiência do Orçamento Participativo de Porto Alegre. **Revista Ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, 1998.

FEIXA PAMPOLS, C. **De jóvenes, bandas y tribus**. Barcelona: Ariel, 1998a.

FEIXA PAMPOLS, C. La ciudad invisible: territorios de las culturas juveniles. *In*: MARGULIS, M.; CUBIDES, H.; VALDERRAMA, C. **Viviendo a toda**: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Santa Fé de Bogotá: Universidad Central; Siglo Del Hombre, 1998b.

FEIXA PAMPOLS, C. A construção histórica da juventude. *In*: FEIXA PAMPOLS, C.; CACCIA-BAVA, A.; CANGAS, Y. (Orgs). **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras, 2004.

FEIXA PAMPOLS, C.; FERRÁNDIZ, F. (Orgs.). **Jóvenes sin tregua**: culturas y políticas de la violencia. Barcelona: Anthropos, 2005.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Tradução direta do alemão por Luis Lopez-Ballesteros. Madrid: Biblioteca Nueva, 1995.

GOOGLE Maps. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em: 13 mar. 2018.

GOOGLE Notícias. **Jovens**. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=jovens>. Acesso em: 25 ago. 2019.

GREEN, B; BIGUM, C. Alienígenas na sala de aula. *In*: SILVA, TT. (Org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HEINRICH, Bettina. Mudando cidades: um novo papel para a política cultural urbana. *In*: COELHO, Teixeira. **A cultura pela cidade**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

HANTRAIS, L. Methodological pluralism in international comparative research. **International Journal of Social Research Methodology**, n. 17, p. 133-145, 2014. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13645579.2014.892656>. Acesso em: 7 jan. 2019.

HILL, Manuela Magalhães; HILL, Andrew. **Investigação por questionário**. Lisboa: Edições Sílabo, 2009.

KATO, Danilo Seithi; KAWASAKI, Clarice Sumi. As concepções de contextualização do ensino em documentos curriculares oficiais e de professores de ciências. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 17, n. 1, p. 35-50, 2011.

KEHL, Maria Rita. A Juventude como sintoma da Cultura. *In*: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

KINCHELOE, J. L. Describing the bricolage: Conceptualizing a new rigor in qualitative research. **Qualitative Inquiry**, n. 7, p. 679-692, 2001. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/107780040100700601>. Acesso em: 7 jan. 2019.

LARA, Marcos Rodrigues de. Jovens urbanos e o consumo das grifes. *In*: BORRELI, Silvia; FREIRE FILHO, João. **Culturas Juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.

LE Grand Burger. **Página inicial**. Disponível em: <http://www.legrandburger.com.br/burgers/tour-eiffel>. Acesso em: 13 ago. 2019.

LIKERT, RENSIS. A Technique for the measurement of attitudes. **Archives of Psychology**, Berlim, 1932.

LOCH, Salus. **Parque Farroupilha**. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/salusloch/>. Acesso em: 6 maio 2019.

MAINAR, Fernando. **Casa de Cultura Mario Quintana**. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/topfernando/>. Acesso em: 6 maio 2019.

MARGULIS, Mário. **Sociología de la cultura: conceptos y problemas**. Buenos Aires: Biblos, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. *In*: BORRELI, Silvia; FREIRE FILHO, João. **Culturas Juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.

MELUCCI, Alberto. **Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MORIN, Edgar; LE MOIGNE, J. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

NASCIMENTO JÚNIOR, Luiz Gonzaga do. **E vamos à luta**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZTcrWktW_gg. Acesso em 13 jun. 2019.

OLIVEIRA, Fabiana Luci de. Triangulação metodológica e abordagem multimétodo na pesquisa sociológica: vantagens e desafios. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 51, n. 2, p. 133-143, maio/ago. 2015c.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. A vida (nem tão secreta) dos pixadores de São Paulo: festas, rolês, tretas e amizades. In: BORRELI, Silvia; FREIRE FILHO, João. **Culturas Juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. **Culturas Juvenis e Ensino de Geografia**: da heterogeneidade do jovem contemporâneo às aulas de Geografia. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015b.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. **Somos Jovens**: o ensino de geografia e a escuta das juventudes. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015a.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. (De) marcando a cidade: vivências urbanas de jovens-estudantes do Colégio de Aplicação da UFRGS. Porto Alegre, **Cadernos do Aplicação (UFRGS)**, v. 31, p. 71-85, 2019.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; LACERDA, Miriam Pires Corrêa de. Jovens e pertencimento urbano: um estudo sobre a cartografia das juventudes na cidade. In: GOMES, C.A.; FIGUEIREDO, M; RAMALHO, H, & Rocha, J. (Coords.). **XIII SPCE**: fronteiras, diálogos e transições na educação. Viseu: Instituto Politécnico de Viseu. Escola Superior de Educação, 2016.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; LACERDA, Miriam Pires Corrêa de. Culturas Juvenis e pertencimento urbano: mapeando os fluxos juvenis na cidade. (Faculdade Santo Agostinho) **Revista FSA**, Teresina, v. 15, p. 110-124, 2018.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; SANTOS, Andreia Mendes dos. Não precisa mais de tribos: jovens que rompem o paradigma da modernidade. In: Congresso Internacional de Investigadores sobre Juventud, 2018, La Habana. **Anais do Congresso Internacional**

de Investigadores sobre Juventud. La Habana: Centro de Estudios sobre la Juventud, v. 1. p. 1-20, 2018.

PAIS, José Machado. Nas rotas do quotidiano. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 37, v. 1, jun. 1993.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2003.

PAIS, José Machado. Introdução. *In*: PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva (Orgs.). **Tribos urbanas**: produção artística e identidades. São Paulo: Annablume, 2004.

PAIS, José Machado. Jovens e Cidadania. **Sociologia: Problemas e Práticas.** n. 49, p. 53-70, 2005.

PAIS, José Machado. **Nos rastros da solidão**: deambulações sociológicas. Porto: Âmbar, 2006.

PAIS, José Machado. **Lufa-lufa quotidiana**: ensaios sobre cidade, cultura e vida urbana. Lisboa: ICS, 2015.

PEREIRA, Angélica Silvana; GARBIN, Elisabete Maria. Práticas culturais juvenis: (de) marcando corpos nas paisagens urbanas. *In*: CAVALCANTE, M. K.; SOUZA, R. A. **Culturas Juvenis dinamizando a escola.** Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; SARTI, Flavia Medeiros. A leitura entre táticas e estratégias? Consumo cultural e práticas epistolares. **Revista História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel**, Pelotas, v. 14, n. 31 p. 195-217, maio/ago. 2010.

PESSOA, Fernando. **Obras completas de Fernando Pessoa.** Lisboa: Casa da Moeda, 1990.

PIRES, Lucineide Mendes. Jovens na/da cidade: da cultura geográfica ao direito à cidade. *In*: CAVALCANTI, L. S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L. M. **A cidade e seus jovens.** Goiânia: Editora da PUC GOIÁS, 2015.

PORTO ALEGRE. **Atlas do Desenvolvimento Humano da região metropolitana de Porto Alegre (2008).** Porto Alegre: Prefeitura Municipal/Secretaria de Coordenação Política e Governança Local; Metroplan; PNUD; Fundação João Pinheiro, 2008.

PORTO ALEGRE. **Encontro Emo Porto Alegre** – Evento no Facebook. Porto Alegre, 11 de abr de 2017. Disponível em: <https://web.facebook.com/events/>. Acesso em: 15 fev. 2017.

PORTO ALEGRE. **ICCA, 2016**. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/turismo/default.php?p_noticia=186710&porto+alegre+e+a+terceira+no+ranking+de+eventos+internacionais Acesso em: 13 out. 2019.

PORTO ALEGRE. **Multiplan**. Disponível em: <https://www.barrashoppingsul.com.br/>. Acesso em: 6 maio 2019.

PREVEDELLO, Tatiana; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; LACERDA, Miriam Pires Corrêa de; SANTOS, Andreia Mendes dos. São Borja vista pelos jovens: percepções urbanas e culturais juvenis. **Cadernos do Aplicação (UFRGS)**, Porto Alegre, v. 31, p. 11-21, 2019.

RESTAURANTE Madero. **Página inicial**. Disponível em: <https://www.restaurantemadero.com.br/pt/cardapio> Acesso em: 13 jul. 2019.

ROCHA, Rose de Melo; SILVA, Josimey Costa da. Cultura Juvenil, violência e consumo: representações midiáticas e percepção de si em contextos extremos. *In*: BORRELI, Sílvia; FREIRE FILHO, João. **Culturas Juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.

SAMBÔ SUSHI. **Página Inicial**. Disponível em: <https://www.sambosushi.com.br/cardapio> Acesso em: 13 jul. 2019.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo. razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Panorama Geral da Inclusão Social. **I Seminário de Políticas Públicas do Município de Limeira**. Limeira, 24 set. 2003.

SCHERER, Giovane Antonio. Territórios violentados e vidas descartáveis: a dinâmica espacial do capital diante da crise estrutural. **Emancipação**, Ponta Grossa, v. 18, n. 2, p. 251-265, 2018.

SENOS, Jorge. Identidade social, auto-estima e resultados escolares. **Revista Análise Psicológica**, 1 (XV), p. 123-37, 1997.

SIERRA BLAS, Verónica. Escribir y servir: las cartas de una criada durante el franquismo. **Signo – Revista de Historia de la Cultura Escrita**. Universidad de Alcalá: Alcalá de Henares, n. 10, p. 121-40, 2002.

SILVA, Sandra Rúbia da. Vivendo com celulares: identidade, corpo e sociabilidade nas culturas urbanas. *In*: BORRELI, Silvia; FREIRE FILHO, João. **Culturas Juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.

SOUZA, Felipe Gabriel. **Orla do Guaíba**. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/?hl=pt-br>. Acesso em: 6 maio 2019.

STECANELA, Nilda. **Jovens e cotidiano**: trânsitos pelas culturas juvenis e pela escola da vida. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

TEMAKERIA Japesca. **Página inicial**. Disponível em: <https://www.temakeriajapesca.com.br/pedidos/index.php?route=common/home> Acesso em: 13 jul. 2019.

TRIP Advisor. **Avaliações Kurtz Dog**. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Restaurant_Review-g303546-d5719385-Reviews-Kurtz_Dog-Porto_Alegre_State_of_Rio_Grande_do_Sul.html. Acesso em: 13 jul. 2019.

TUAN, Y-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

VALENZUELA, José Manuel (Org.). **Juvenicidio**: Ayotzinapa y las vidas precarias en América Latina y España. Barcelona: NED Ediciones, 2015.

VIEIRA, Sônia. **Como elaborar questionários**. São Paulo: Atlas, 2009.

WALD, Gabriela. PH 15: una experiencia de educación fotográfica con jóvenes de Ciudad Oculta, Buenos Aires. *In*: KORNBLIT, Ana Lía. **Juventud y vida cotidiana**. Buenos Aires: Biblos, 2007.

WARTHA, Edson José *et al.* Cotidiano e contextualização no ensino de química. **Química nova na escola**, v. 35, n. 2, p. 84-91, maio 2013.

YIN, Robert. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZIBAS, Dagmar. Escola Pública versus Escola Privada: o fim da história? **Cadernos de Pesquisa**, n. 100, p. 57-77, mar. 1997.

